



**Ana Paula de Sousa Rodrigues Vilas**

**MOTIVAÇÃO DOS PROFESSORES FACE À  
UTILIZAÇÃO DAS TIC - ESTUDO DE  
GÉNERO**

Dissertação apresentada para obtenção de grau de Mestre à  
Universidade Portucalense

Orientador: Prof. Doutor Fernando Moreira



**Universidade Portucalense**

**PORTO 2007**

---

## RESUMO

Com esta investigação pretende-se reflectir sobre um dos problemas fundamentais da pedagogia no início deste novo século: As Tecnologias de Informação e Comunicação (T.I.C.), e os fenómenos Inclusão/Exclusão.

O objectivo deste trabalho, é proporcionar uma perspectiva geral da democratização das tecnologias de informação na educação, como desafio à escola tradicional, questionar a apetência dos professores pela utilização dessas tecnologias, e em concreto, conhecer a atitude das mulheres docentes perante as TIC, promovendo o *mainstreaming*, isto é, a necessidade de efectuar estudos sobre os reflexos de uma realidade no mundo masculino e feminino, de modo a potenciar políticas que favoreçam igualdade de oportunidades.

Assim, apresenta-se os resultados de um estudo, baseado numa primeira parte, em investigação documental e mera reflexão pessoal, que visa, numa segunda fase, através de inquéritos de opinião efectuados às docentes, fundamentar as hipóteses com base nas teorias analisadas.

As mulheres possuem apetência e interesse para a utilização das TIC, no entanto, o seu percurso profissional é geralmente condicionado pela condição de maternidade e pela conciliação do trabalho com a vida familiar, dificultando assim a valorização e a sua realização profissional e pessoal.

**PALAVRAS-CHAVE:** sociedade de informação e conhecimento, professores, Tecnologias de Informação e Comunicação, *mainstreaming*.

---

## **ABSTRACT**

This investigation has the purpose to reflect about one of the main problems of the new century pedagogy: The Communication and Information Technologies and the Inclusion/Exclusion phenomenon.

This work objective is to provide a general perspective of the democratization of the informative technologies as a challenger to the traditional school; to enquire the teachers skills about their use of that technologies and to know the women teachers attitudes when facing the Communication and Information Technologies, promoting the mainstreaming – the necessity of making studies about the reflexes of a reality in a male and female world in order to develop politics that aloud the increase of equality of opportunities.

So, are exposed the results of a study based, on a first part, in documental investigation and merely personal reflection that has the intention, in a second stage, through female teachers opinion inquirers, fundament the odds based on the analysed theories.

Women have skills and interest to use the Communication and Information Technologies, although their professional course is generally limited by maternity and by the work and familiar life conciliation, which difficult the professional and personal valorisation and realisation.

**KEY-WORDS:** information and knowledge society, teachers, Information and Communication Technologies, Mainstreaming.

---

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a algumas pessoas o contributo inestimável para a realização desta dissertação:

Ao Professor Doutor Fernando Moreira, pela constante disponibilidade, sempre demonstrada, e pela orientação e apoio na realização deste trabalho.

A todos os colegas que, contribuíram para a elaboração deste estudo, sem os quais não seria possível realizá-lo.

Agradeço particularmente a meu marido e meus filhos, pelo apoio e motivação que me transmitiram nos momentos mais difíceis.

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

CE – Comissão Europeia

CIDM – Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres

CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego

cit. – citado

coord. – coordenador

coords. - coordenadores

CRIE – Equipa de Missão Computadores, Redes e Internet na Escola

DAPP – Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento – Ministério da Educação

DGREH – Direcção Geral de Recursos Humanos – Ministério da Educação

ed. – editor/a

eds. – editores

EFA – Educação e Formação de Adultos

[et.al.] - e outros

FOCO – Formação Contínua de Professores

GAAIRES – Grupo de Avaliação e Acompanhamento da Implementação da Reforma do Ensino Secundário

GIASE – Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo

INE – Instituto Nacional de Estatística

IRC – Internet Relay Chat

ME – Ministério da Educação

MINERVA – Meios Informáticos no Ensino: Racionalização, Valorização, Actualização

MSI – Missão para a Sociedade de Informação

NEE – Necessidades Educativas Especiais

NTIC – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

OCES – Observatório da Ciência e Ensino Superior

OCDE – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

org. organizador

orgs. – organizadores

---

p. - página

POEFDS- Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social

POSI – Programa Operacional da Sociedade de Informação

PRODEP – Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal

QCA III – III Quadro Comunitário de Apoio

QE – Quadro de Escola

QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional – Portugal 2007-2013

QZP – Quadro de Zona Pedagógica

RCTS – Rede Ciência, Tecnologia e Sociedade

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UE – União Europeia

UE15 – União Europeia dos 15

UE25 – União Europeia dos 25

UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

Vol. - Volume

---

## ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
AGRADECIMENTOS.....	5
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	6
ÍNDICE GERAL.....	8
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	10
ÍNDICE DE TABELAS.....	13
ÍNDICE DE FIGURAS.....	15
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	16
1.1. PERGUNTA DE PARTIDA.....	19
1.2. JUSTIFICAÇÃO DA RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	20
1.3. HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO.....	21
1.4. OBJECTIVOS DO ESTUDO.....	22
1.5. PROCEDIMENTOS.....	22
1.5.1. ACTIVIDADES.....	23
1.5.1.1. RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS.....	23
1.5.1.2. ORGANIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	24
CAPÍTULO 2 – DESAFIOS DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA.....	26
CAPÍTULO 3 – A ESCOLA E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO.....	30
3.1. O CURRÍCULO ESCOLAR E AS TIC.....	34
3.2. A INTERNET E A ESCOLA.....	36
3.2.1. OS FÓRUNS EM CONTEXTO PEDAGÓGICO.....	38
3.2.2. O IRC – INTERNET RELAY CHAT.....	38
3.2.3. OS BLOGS.....	40
3.2.4. WEB 2.0.....	40
3.3. OS PROFESSORES E AS NOVAS TECNOLOGIAS.....	42
3.4. OS ALUNOS/JOVENS E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO.....	45
3.5. AS FAMÍLIAS E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO.....	47
3.6. AS MULHERES E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO.....	49
3.6.1. O COMPUTADOR TEM GÉNERO? PERFIS DE UTILIZAÇÃO.....	50

---

---

CAPÍTULO 4 – A FORMAÇÃO.....	53
4.1. ... DE PROFESSORES.....	53
4.2. ... DE CRIANÇAS/JOVENS.....	57
4.3. ... DE ADULTOS.....	58
CAPÍTULO 5 – INFOEXCLUSÃO.....	60
5.1. TECNOFOBIA E TECNOLATRIA.....	63
5.2. CONTRA A INFOEXCLUSÃO.....	64
CAPÍTULO 6 – A SITUAÇÃO DAS MULHERES EM PORTUGAL.....	67
6.1. A EDUCAÇÃO.....	67
6.2. O TRABALHO.....	71
CAPÍTULO 7 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	76
7.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	76
7.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS POR QUESTÃO.....	77
7.2.1. DADOS PESSOAIS.....	77
7.2.2. OBJECTO DE ESTUDO.....	83
7.3. ANÁLISE DO CRUZAMENTO ENTRE ALGUMAS QUESTÕES.....	102
7.3.1. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 1 – IDADE E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO.....	102
7.3.2. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 3 – FILHOS E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO.....	115
7.3.3. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO.....	122
7.3.4. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO.....	130
7.3.5. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 8.2. – FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO.....	137
CAPÍTULO 8 – CONCLUSÃO.....	140
8.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS.....	144
BIBLIOGRAFIA.....	147
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NO INQUÉRITO EFECTUADO AOS PROFESSORES DA AMOSTRA.....	156

---

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO N.º 1: PESSOAL DOCENTE, SEGUNDO O SEXO NOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO NO CONTINENTE.....	18
GRÁFICO N.º 2: IDADE.....	77
GRÁFICO N.º 3: ESTADO CIVIL DAS DOCENTES.....	78
GRÁFICO N.º 4: FILHOS.....	79
GRÁFICO N.º 5: NÚMERO DE FILHOS.....	79
GRÁFICO N.º 6: SITUAÇÃO PROFISSIONAL.....	82
GRÁFICO N.º 7: NÍVEL DE ENSINO LECCIONADO.....	82
GRÁFICO N.º 8: EQUIPAMENTO INFORMÁTICO QUE POSSUI.....	83
GRÁFICO N.º 9: TEMPO DESPENDIDO NO COMPUTADOR POR SEMANA.....	84
GRÁFICO N.º 10: RELAÇÃO COM O COMPUTADOR.....	85
GRÁFICO N.º 11: FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR.....	86
GRÁFICO N.º 12: MODO DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR.....	87
GRÁFICO N.º 13: UTILIZAÇÃO DA INTERNET.....	89
GRÁFICO N.º 14: UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO.....	90
GRÁFICO N.º 15: UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL.....	91
GRÁFICO N.º 16: FINALIDADE DA UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL.....	93
GRÁFICO N.º 17: RAZÕES QUE JUSTIFICAM A NÃO UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL.....	94
GRÁFICO N.º 18: DEDICAÇÃO DE TEMPO DISPONÍVEL PARA UTILIZAÇÃO DAS TIC.....	96
GRÁFICO N.º 19: QUEM MAIS UTILIZA AS TIC SÃO... ..	97
GRÁFICO N.º 20: OPINIÃO RELATIVA A CONDICIONANTES DE UTILIZAÇÃO DAS TIC.....	98
GRÁFICO N.º 21: OPINIÃO RELATIVA A CONDICIONANTES DE UTILIZAÇÃO DAS TIC.....	99
GRÁFICO N.º 22: CRUZAMENTO DE IDADE COM FILHOS.....	102
GRÁFICO N.º 23: CRUZAMENTO DE IDADE COM EQUIPAMENTO INFORMÁTICO.....	102
GRÁFICO N.º 24: CRUZAMENTO DE IDADE COM TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR.....	103
GRÁFICO N.º 25: CRUZAMENTO DE IDADE COM FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO.....	104
GRÁFICO N.º 26: CRUZAMENTO DE IDADE COM MODO DE UTILIZAÇÃO.....	105
GRÁFICO N.º 27: CRUZAMENTO DE IDADE COM UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO.....	106

---

GRÁFICO N.º 28: CRUZAMENTO DE IDADE COM DEDICAÇÃO DE TEMPO PARA UTILIZAÇÃO DAS TIC.....	107
GRÁFICO N.º 29: CRUZAMENTO DE IDADE COM – QUEM MAIS UTILIZA AS TIC.....	108
GRÁFICO N.º 30: CRUZAMENTO DE IDADE, ]19,30], COM AFIRMAÇÕES .....	109
GRÁFICO N.º 31: CRUZAMENTO DE IDADE, ]30,40], COM AFIRMAÇÕES .....	110
GRÁFICO N.º 32: CRUZAMENTO DE IDADE, ]40,50], COM AFIRMAÇÕES .....	111
GRÁFICO N.º 33: CRUZAMENTO DE IDADE, ]50,60], COM AFIRMAÇÕES .....	112
GRÁFICO N.º 34: CRUZAMENTO DE IDADE, MAIS DE 60 ANOS, COM AFIRMAÇÕES .....	113
GRÁFICO N.º 35: CRUZAMENTO DE FILHOS COM EQUIPAMENTO INFORMÁTICO.....	115
GRÁFICO N.º 36: CRUZAMENTO DE FILHOS COM TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR.....	116
GRÁFICO N.º 37: CRUZAMENTO DE FILHOS COM FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO.....	117
GRÁFICO N.º 38: CRUZAMENTO DE FILHOS COM MODO DE UTILIZAÇÃO.....	117
GRÁFICO N.º 39: CRUZAMENTO DE FILHOS COM UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO.....	118
GRÁFICO N.º 40: CRUZAMENTO DE FILHOS COM DEDICAÇÃO DE TEMPO PARA UTILIZAÇÃO DAS TIC.....	119
GRÁFICO N.º 41: CRUZAMENTO DE FILHOS COM QUEM MAIS UTILIZA AS TIC.....	119
GRÁFICO N.º 42: CRUZAMENTO DE FILHOS (SIM), COM AFIRMAÇÕES.....	120
GRÁFICO N.º 43: CRUZAMENTO DE FILHOS (NÃO), COM AFIRMAÇÕES.....	121
GRÁFICO N.º 44: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM EQUIPAMENTO INFORMÁTICO.....	122
GRÁFICO N.º 45: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR.....	123
GRÁFICO N.º 46: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO.....	124
GRÁFICO N.º 47: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM MODO DE UTILIZAÇÃO.....	125
GRÁFICO N.º 48: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO.....	126
GRÁFICO N.º 49: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM QUEM MAIS UTILIZA AS TIC.....	126

---

GRÁFICO N.º 50: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (QUADRO DE ESCOLA), COM AFIRMAÇÕES.....	127
GRÁFICO N.º 51: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (QUADRO DE ZONA PEDAGÓGICA), COM AFIRMAÇÕES.....	128
GRÁFICO N.º 52: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (CONTRATADA), COM AFIRMAÇÕES.....	128
GRÁFICO N.º 53: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (ESTAGIÁRIA), COM AFIRMAÇÕES.....	129
GRÁFICO N.º 54: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM EQUIPAMENTO INFORMÁTICO.....	130
GRÁFICO N.º 55: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR.....	131
GRÁFICO N.º 56: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO.....	131
GRÁFICO N.º 57: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO.....	132
GRÁFICO N.º 58: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM QUEM MAIS UTILIZA AS TIC.....	133
GRÁFICO N.º 59: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM (SECUNDÁRIO), COM AFIRMAÇÕES.....	134
GRÁFICO N.º 60: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM (3º CICLO), COM AFIRMAÇÕES.....	134
GRÁFICO N.º 61: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM (2º CICLO), COM AFIRMAÇÕES.....	135
GRÁFICO N.º 62: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM (1º CICLO), COM AFIRMAÇÕES.....	135
GRÁFICO N.º 63: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM (PRÉ-ESCOLAR), COM AFIRMAÇÕES .....	136
GRÁFICO N.º 64: CRUZAMENTO DE FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO (SEMPRE), COM AFIRMAÇÕES .....	137
GRÁFICO N.º 65: CRUZAMENTO DE FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO (ALGUMAS VEZES), COM AFIRMAÇÕES .....	137
GRÁFICO N.º 66: CRUZAMENTO DE FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO (RARAMENTE), COM AFIRMAÇÕES .....	138

---

## ÍNDICE DE TABELAS

TABELA N.º 1: PESSOAL DOCENTE NOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO NO CONTINENTE – 1996.....	17
TABELA N.º 2: PESSOAL DOCENTE NOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO NO CONTINENTE – 2000.....	18
TABELA N.º 3: NOVOS PARADIGMAS EDUCATIVOS.....	31
TABELA N.º 4: CONTEXTOS DE APLICAÇÃO DAS TIC NAS ESCOLAS.....	32
TABELA N.º 5: UTILIZADORES DE COMPUTADOR 2002-2006.....	48
TABELA N.º 6: UTILIZADORES DE COMPUTADOR NA UNIÃO EUROPEIA – ANO 2006.....	48
TABELA N.º 7: UTILIZADORES DE COMPUTADOR POR SEXO, 2004.....	50
TABELA N.º 8: UTILIZADORES DE COMPUTADOR POR SEXO, 2005.....	51
TABELA N.º 9: UTILIZADORES DE COMPUTADOR POR GÉNERO, 2002 – 2006.....	52
TABELA N.º 10: UTILIZADORES DE INTERNET POR GÉNERO, 2002 – 2006.....	52
TABELA N.º 11: EVOLUÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE DIPLOMADOS EM TIC, POR GÉNERO.....	69
TABELA N.º 12: CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA.....	76
TABELA N.º 13: IDADE.....	77
TABELA N.º 14: ESTADO CIVIL.....	78
TABELA N.º 15: NÚMERO DE FILHOS – 0 A 5 ANOS.....	80
TABELA N.º 16: NÚMERO DE FILHOS – 5 A 10 ANOS.....	80
TABELA N.º 17: NÚMERO DE FILHOS – 10 A 15 ANOS.....	80
TABELA N.º 18: NÚMERO DE FILHOS – 15 A 18 ANOS.....	81
TABELA N.º 19: NÚMERO DE FILHOS – MAIS DE 18 ANOS.....	81
TABELA N.º 20: TEMPO DESPENDIDO NO COMPUTADOR POR SEMANA.....	84
TABELA N.º 21: FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR.....	85
TABELA N.º 22: MODO DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR.....	86
TABELA N.º 23: UTILIZAÇÃO DA INTERNET.....	88
TABELA N.º 24: UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO.....	90
TABELA N.º 25: JUSTIFICAÇÕES DA NÃO UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO.....	90
TABELA N.º 26: FINALIDADE DA UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL.....	91

---

TABELA N.º 27: RAZÕES QUE JUSTIFICAM A NÃO UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL.....	94
TABELA N.º 28: QUEM MAIS UTILIZA AS TIC SÃO .....	97

---

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA N.º 1: DURAÇÃO MÉDIA DAS DIFERENTES FORMAS DE TRABALHO DA POPULAÇÃO COM EMPREGO, POR SEXO .....	74
---	----

---

## CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

A eficácia de um sistema de ensino depende, em grande medida, da qualificação e formação dos professores e, apesar de o factor motivação ser indiscutivelmente importante em todas as profissões, a nível educativo acarreta outras responsabilidades.

Para um bom desempenho na sua tarefa de *Educar*, o professor terá que estar motivado, pois só assim o processo ensino-aprendizagem rumará aos objectivos a que se propôs a organização- escola.

As mais recentes transformações na actual sociedade e, concretamente em termos de tecnologias de informação, crescem a ritmos “alucinantes”. Numa retrospectiva histórica, verifica-se que durante cerca de três milénios, a humanidade apenas dispunha do sistema alfabético para comunicar. Com o surgimento da Imprensa, ficou mais enriquecida; no fim do século XIX apareceu o telégrafo, no século XX a rádio, a televisão, o computador, a Internet... acelerando no mundo a exigência de conhecimento e informação.

A escola, como formadora, não pode ficar alheia a essa mudança e deverá educar com e para um uso crítico dos novos meios de comunicação.

As crianças que hoje chegam à escola cresceram numa sociedade diferente de há vinte anos atrás. Muitas crianças (não ignorando no entanto, que é apenas uma parte delas), já aprenderam e desenvolveram capacidades através da televisão e da Internet.

As tecnologias de informação introduziram a necessidade de novas aptidões.

Nesse sentido, a escola deverá ser encarada como um local de aprendizagem, onde são facultados os meios para construir conhecimento, atitudes, valores e adquirir competências.

O professor já não pode, numa sociedade de plena informação, limitar-se a difusor do saber, mas deve sim tornar-se parceiro de um saber colectivo que lhe compete fomentar e organizar. O tempo para aprender é agora a vida inteira e não apenas o período de infância e juventude, como hoje se designa ensino ao longo da vida.

É habitual continuar a afirmar que a educação, até agora, tem sido lenta na utilização dessas tecnologias, apesar de ser um dado adquirido que a escola deve preparar os jovens para uma sociedade onde as TIC estão presentes sendo ainda a sua utilização uma mais valia em termos de empregabilidade.

Todos os alunos deveriam estar aptos a utilizar as TIC quando saíssem da escola, no entanto, nem sempre as políticas educativas construtivas, o apetrechamento das escolas e professores motivados são ingredientes capazes para alcançar os objectivos da utilização das novas tecnologias como ferramentas de aprendizagem.

Contrariamente ao caríz igualitário que caracterizou a utilização da electricidade e do telefone, em muitos meios rurais de Portugal (e não são assim tão poucos), a Internet gerou novas diferenças sociais:

- Os que a conhecem e os que a desconhecem;
- Os que a usam e os que a não utilizam;
- Os que a usam com conhecimento e os que são amadores na sua utilização.

Relativamente à Educação e no que concerne a estudos sobre o pessoal docente, com base em dados fornecidos pela CIDM (Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres) (2001, p. 63), sobre a situação das mulheres em Portugal em 2001, verifica-se por análise da tabela 1, que em 1996 existe uma elevada taxa de feminização nos vários níveis de ensino:

TABELA N.º 1 - PESSOAL DOCENTE, NOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO NO CONTINENTE - 1996<sup>1</sup>

Níveis de Ensino	Total de Docentes	Mulheres	Taxa de feminização (%)
Ensino pré-primário	4909	<b>4864</b>	<b>99,1</b>
Ensino básico e secundário	124664	<b>93942</b>	<b>75,4</b>
Ensino superior politécnico	4291	<b>1803</b>	<b>42,0</b>
Ensino universitário	11472	<b>4146</b>	<b>36,1</b>

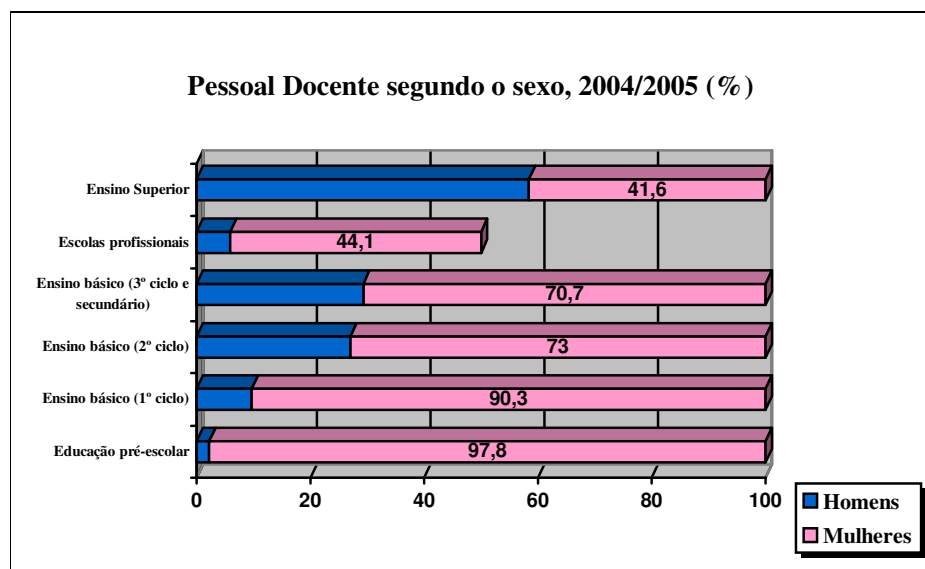
Investigações mais actuais igualmente publicadas pela CIDM (2004a,p.62), mostram que em 2000, o pessoal docente segundo o sexo, nos vários níveis de ensino, era o seguinte:

<sup>1</sup> Fonte: Recenseamento Geral da Função Pública, Gabinetes do Ministro-adjunto e do Secretário de Estado da Administração Pública e da Modernização Administrativa

**TABELA N.º 2 - PESSOAL DOCENTE, NOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO NO CONTINENTE - 2000<sup>2</sup>**

Níveis de Ensino	Total de Docentes	Mulheres	Taxa de feminização (%)
Educação pré-escolar	9 469	9 325	98,5
Ensino Básico (1º ciclo)	36 625	33 359	91,1
Ensino Básico (2º ciclo)	33 056	23 665	71,6
Ensino Básico (3º ciclo) e Secundário	81 063	55 957	69,0
Cursos Profissionais	6 741	3 426	50,8

Os últimos dados retirados das Estatísticas da Educação 2004/2005 do ME publicados por CIDM (2006,p.6) mostram através do gráfico 1, a elevada taxa de feminização na maioria dos níveis de ensino em Portugal à excepção do ensino superior e das escolas profissionais:



**GRÁFICO N.º 1 - PESSOAL DOCENTE, SEGUNDO O SEXO NOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO NO CONTINENTE**

Sendo um facto a elevada taxa de feminização dos recursos humanos na educação, e concretamente ao nível do ensino básico e secundário as mulheres são a maioria esmagadora, é neste contexto que parece ser relevante conhecer o

<sup>2</sup> Fonte: Estatísticas da Educação 1999/2000.

posicionamento e a apetência das mulheres face à utilização das TIC, enquanto classe maioritariamente representativa do número de docentes em Portugal.

Esta investigação tem por objectivo determinar e tentar compreender alguns factores que justificam motivações e atitudes das professoras portuguesas face à utilização das TIC.

A escolha desta temática deriva da experiência pessoal enquanto docente e pretende assim contribuir para identificar os elementos que constituem condicionantes do comportamento das professoras face à inovação.

Segundo o II Plano Nacional para a Igualdade 2003-2006, (CIDM, 2004b, p.5):

“Mulheres e homens representam, respectivamente cerca de metade da população mundial. Porém, apesar deste dado objectivo têm sido reservados para ambos, papéis bem desiguais na sociedade. Os progressos alcançados são significativos, mas persistem ainda flagrantes assimetrias quanto a oportunidades, direitos, deveres, entre as mulheres e os homens, que urge corrigir pela implicação que têm no desenvolvimento da sociedade.”

Pretende-se fomentar a atitude positiva face à utilização das TIC em educação, considerando as suas inúmeras potencialidades em contextos pedagógicos e educativos, para além da contribuição destas ferramentas para a qualidade do desempenho profissional.

A metodologia desta investigação, visa a recolha de informação sobre a atitude das mulheres docentes face à utilização das TIC, e quais os motivos que levam a uma menor utilização das mesmas, comparativamente com o universo masculino que lecciona nas escolas portuguesas.

### **1.1. PERGUNTA DE PARTIDA**

Com a pergunta de partida, pretende-se conhecer de forma qualificada, o que sentem e o que fazem, as professoras do ensino básico e secundário relativamente à utilização das TIC:

**Quais as condicionantes das (des)Motivações das professoras para a utilização das TIC?**

## 1. 2. JUSTIFICAÇÃO DA RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Apesar de existir uma considerável investigação no domínio de utilização das TIC por parte da classe docente, considera-se uma temática em constante evolução o que permite efectuar novas abordagens. Relativamente à problemática de género, no que concerne à utilização das TIC, o estudo afigura-se relevante e exequível, uma vez que pode permitir a identificação de algumas condicionantes para determinadas atitudes face à apetência e utilização destas ferramentas.

Nos últimos anos muitas iniciativas foram já efectuadas em Portugal, no sentido de dinamizar e aumentar cada vez mais a utilização das TIC pelos professores, pelos alunos e nas escolas. O apetrechamento das escolas e a formação de professores na área das TIC, continuam a ser prioridades do sistema educativo para contribuir e favorecer a inovação pedagógica.

No entanto, segundo Paiva (2002) citado em Leitão (2005, p.59), ainda há um longo caminho a percorrer, para que a efectiva integração das TIC seja verdadeiramente transversal no currículo, e feita de forma sistemática e planeada, em vez de pontual e espontânea.

Neste sentido, a opção caiu nesta vertente, pois a maioria dos estudos efectuados sugerem as mulheres como menos motivadas para, logo, menos utilizadoras das TIC.

Assim, e no que diz respeito às mulheres professoras (que afinal são a maioria esmagadora dos recursos humanos na docência em Portugal), urge compreender uma aparente resistência face à inovação .

Concretamente ao nível da utilização das TIC pelos docentes, verifica-se através dos resultados obtidos e respectivas conclusões do trabalho efectuado por Jacinta Paiva (2002,p.125), atitudes bastante marcadas e diferenciadas pelos professores e professoras:

“Das muitas ilações que podem ser retiradas deste estudo... :  
A utilização do computador para fins pessoais depende da idade, do sexo e dos níveis leccionados. Os homens utilizam mais o computador para realizar múltiplas tarefas.  
A Internet é mais usada por professores do sexo masculino.  
O E-mail é usado com grande prevalência por professores do sexo masculino.  
Os professores do sexo feminino tendem a ter mais atitudes negativas face às TIC”

Este estudo, apesar de qualitativo, é experimental centrando-se nas atitudes e práticas de professoras do ensino básico e secundário, de diferentes escolas da área metropolitana do Porto.

Considerando que a utilização deste método, não permite estabelecer verdades absolutas ou conclusões definitivas, não deixa de, no entanto, motivar reflexões e induzir a estudos mais vastos.

Contudo, sabe-se à partida que possui algumas limitações:

- Sendo um estudo efectuado somente a professoras que leccionam em escolas da área do Porto, torna o universo restrito para ser tido como um todo;
- É uma investigação demorada e a realidade do tema está em constante evolução;
- Os procedimentos não são normalizados.

### **1.3. HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO**

Num trabalho de investigação, o levantamento de hipóteses de pesquisa obriga, não só a uma reorganização de conhecimentos, adquiridos através dos conceitos de diversos autores sobre determinadas temáticas, um relacionar desses conceitos e/ou fenómenos, para além de culminar com a atitude científica (e crítica) do investigador, que deverá ser capaz de formular questões, que indiquem outros caminhos a ser verificados.

Segundo Quivy e Campenhout (1992, p.111), a elaboração de hipóteses “(...) apresentam-se sob a forma de proposições de respostas às perguntas postas pelo investigador” e “(...) confere à investigação um fio condutor particularmente eficaz que, a partir do momento em que é formulada, substitui nessa função a pergunta de partida, ainda que esta não seja completamente esquecida.”(Idem. p.120).

Por se tratar de um estudo experimental utilizando como já referido o método qualitativo, levantam-se as seguintes hipóteses de investigação:

- As professoras do ensino básico e secundário utilizam as TIC a nível pessoal e educativo?
- Que dificuldades e constrangimentos têm as professoras para a utilização das TIC?
- As professoras revelam apetência para utilização das TIC, mas possuem condicionantes que levam a uma utilização pouco significativa?

Através dos resultados obtidos, pretende-se no final do estudo verificar se estas hipóteses são confirmadas ou infirmadas.

#### **1.4. OBJECTIVOS DO ESTUDO**

Analisando todo o contexto da sociedade tecnológica em constante evolução e os indicadores disponíveis da utilização das diferentes tecnologias de informação e comunicação, bem como estudos de género sobre apetência das TIC, definiram-se como objectos de estudo:

- Inferir a forma como as professoras utilizam as TIC, quer a nível pessoal quer profissional.
- Entender as razões, que levam as professoras, a utilizarem ou não as TIC.
- Compreender as dificuldades das professoras, na utilização das TIC.

#### **1.5. PROCEDIMENTOS**

O procedimento é o modo de agir para alcançar um objectivo. De acordo com Bourdieu, Chamborredon e Passeron (1968) citado por Leitão (2005, p.61), o procedimento é um processo em três actos cuja ordem deve ser respeitada. Esses actos são a ruptura, a construção e a verificação ou experimentação.

Sendo a ruptura o primeiro passo da construção do processo científico, visa romper com os preconceitos ou falsas evidências. (Ibidem).

Nesta investigação essa ruptura fez-se ao questionar a utilização das TIC pelas mulheres (concretamente mulheres docentes), duvidando de alguns estereótipos sobre a sua real capacidade e apetência para tal acto.

A construção é evidenciada na fundamentação teórica. É evidente que os currículos adoptaram as TIC, as escolas tentam reforçar os seus equipamentos, o investimento na formação de professores continua a efectuar-se. Assim, a adopção das TIC como factor contributivo para as aprendizagens, instrumento aliado da evolução e qualidade do desempenho profissional, irá contribuir também para a valorização pessoal.

A terceira parte, a verificação ou experimentação efectuou-se através da análise de informação recolhida existindo a preocupação em extrair informações de modo a clarificar a problemática enunciada.

### **1.5.1. ACTIVIDADES**

O conjunto de dados recolhidos, foi obtido através de inquérito por questionário de administração directa, garantindo o anonimato dos inquiridos, e recolhendo informação fiável que depois foi sujeita a tratamento estatístico.

#### **1.5.1.1. RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS**

Foi elaborado um questionário contendo perguntas, essencialmente fechadas, e de escolha múltipla de modo a:

- não ser extenso e a facilitar a interpretação;
- ser suficientemente objectivo nas questões a tratar;
- possibilitar através de respostas padronizadas, a percepção das motivações justificadoras de determinadas atitudes, e comprovadoras dos principais conceitos.

O inquérito por questionário, tem uma primeira parte, que permite a identificação de elementos pessoais dos inquiridos num total de cinco questões, e uma segunda, com doze questões relacionadas com o objecto em estudo.

A amostra deste estudo é constituída por docentes do sexo feminino que leccionam desde o pré-escolar, ao ensino básico e secundário de diferentes escolas da área do Porto. Apesar de não se ter diferenciado o grupo de leccionação, não se questionou nenhuma professora de TIC pois os resultados poderiam não indicar a realidade de utilização de TIC pelas professoras em geral, (este grupo utiliza-as na sua prática pedagógica diária).

Depois de preenchidos individualmente, e recolhidos (processo efectuado de forma personalizada), foram submetidos a tratamento estatístico, classificados, registados em tabelas e apresentados graficamente (utilizando os programas SPSS e Microsoft Excel), permitindo uma análise de resultados.

O cálculo da percentagem de respostas, baseou-se no número de respostas efectivas e as mesmas foram arredondadas às décimas.

### **1.5.1.2. ORGANIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO**

Esta investigação encontra-se organizada em oito capítulos.

A introdução deste estudo é feita no primeiro capítulo.

No segundo capítulo - Desafios da sociedade tecnológica - procura-se definir o conceito de tecnologia de informação e reflectir sobre a revolução que esta continua a efectuar a todos os níveis da sociedade: laboral, educacional, social... Neste capítulo são também questionados os problemas relacionados com o acesso à informação seja em qualidade seja pela quantidade.

No terceiro capítulo - A escola e a sociedade de informação - são identificadas as inúmeras vantagens de utilização das TIC ao serviço da aprendizagem e o novo papel do pedagogo. São também enumerados, os diversos investimentos nos recursos físicos das escolas, de modo a incitar à utilização das TIC. Aborda-se ainda a atitude dos professores face às TIC, os seus desafios e receios; o modo como os jovens e alunos utilizam as TIC (havendo já uma diferenciação de utilização por parte de rapazes e raparigas), não esquecendo os potenciais riscos do acesso à informação. Reflecte-se igualmente sobre diferentes dados sobre posse e utilização das TIC pelas famílias portuguesas, bem como estudos comparativos entre Portugal e outros países da EU sobre o número de utilizadores. Este capítulo encerra, com uma visão sobre a apetência das mulheres para utilização das TIC (destacando os dados que as dão como menos utilizadoras relativamente aos homens), e a sua forma de estar na sociedade da informação.

No quarto capítulo - A formação – reflecte-se sobre a mesma a diversos níveis:

- de professores ao nível das TIC, as várias iniciativas do ME na formação contínua, a formação inicial e a importância que possui a auto-formação;
- de crianças/jovens; as TIC nos novos currículos e nos cursos tecnológicos;
- de adultos; as TIC assumem extrema importância quer na sua qualificação inicial quer no aperfeiçoamento ou reconversão.

No quinto capítulo – Infoexclusão - efectua-se uma reflexão sobre este fenómeno, são definidos os conceitos de oposição, tecnofobia e tecnolatria, e por último destacam-se algumas considerações sobre um conjunto de atitudes e prioridades necessárias para uma maior universalidade da utilização das TIC no ensino.

No sexto capítulo – Situação das mulheres em Portugal – pretende-se descrever de modo sucinto a posição feminina em diferentes vertentes:

- educativa, com dados sobre os níveis de instrução e principais áreas de formação (de destacar a fraca percentagem de mulheres diplomadas em TIC). Faz-se ainda uma reflexão sobre o também aparente desinteresse, do género feminino pelas TIC, relacionando este facto com a aparente desigualdade de atitude de homens e mulheres docentes face à utilização das mesmas;
- laboral, verificando-se a elevada participação feminina no mercado de trabalho mas constatando inúmeras desigualdades a nível profissional (vencimentos e carreira por exemplo). Estes dois factores relacionam-se com a problemática da conciliação do trabalho e responsabilidade familiar. A gestão do tempo é também primordial para a valorização, quer pessoal quer profissional.

No sétimo capítulo – Apresentação, análise e discussão dos resultados – Efectua-se uma análise de toda a informação recolhida através dos questionários distribuídos às docentes e faz-se a apresentação dos resultados obtidos através de gráficos.

No oitavo capítulo – Efectua-se uma conclusão do estudo, com base nos resultados obtidos na parte experimental. Apresentam-se ainda algumas considerações finais e traçam-se algumas perspectivas futuras, pretendendo-se assim, evidenciar uma perspectiva positiva, e sugerir possibilidades para auxiliar e fomentar, uma mudança de atitude e desempenho da mulher ao nível profissional.

## CAPÍTULO 2 - DESAFIOS DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

A revolução digital transformou a sociedade actual, tal é a amplitude cada vez maior da utilização e imposição das TIC na maior parte das profissões e sectores industriais.

Como nos refere Luís Magalhães (2006, p.2):

“A Internet, os computadores, os telefones móveis, e outros desenvolvimentos das tecnologias de informação e comunicação como a fibra óptica e a TV digital, têm transformado profundamente a maneira como as pessoas vivem – como aprendem, trabalham, ocupam os tempos livres e interagem, tanto nas relações pessoais como com as organizações.”

Esta transformação da sociedade, tende a afirmar-se há já várias décadas, possuindo extrema importância para o actual e futuro desenvolvimento económico dos países, e contribuindo para a qualidade de vida das pessoas.

Segundo Shobokshi (2002), a revolução das TIC está a criar novas oportunidades de crescimento económico e desenvolvimento social, bem como a promover o desenvolvimento sustentável e a combater a pobreza. O mesmo autor refere ainda que as TIC são um instrumento estratégico para alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio.

O conceito de Tecnologias de Informação surge, de acordo com Sousa (2001, p. 2), enquanto conjunto de conhecimentos, reflectidos quer em equipamentos e programas, quer na sua criação e utilização a nível pessoal e empresarial. O mesmo autor considera que das várias ferramentas, métodos e técnicas que coexistem na empresa no domínio das Tecnologias de Informação, o computador destaca-se na medida em que é o elemento em relação ao qual existe uma maior interacção com a componente humana das organizações. (Ibidem).

Actualmente, administrações de empresas públicas e privadas possuem *sites* na Internet, as informações municipais circulam em redes abertas ao público, assim como toda a informação relativa a saúde, formação, emprego, etc.

“... As Tecnologias de Informação surgem como elemento de concepção e suporte da comunicação empresarial, em actividades que vão desde o simples arquivo de dados à utilização de programas de Office Automation, até ao correio electrónico e às possibilidades de trabalho à distância.” (SOUSA, S., 2001, p.2).

Dificilmente a educação pode ficar indiferente ao ritmo “alucinante” a que progredem as TIC.

É de salientar que o recrutamento de docentes do ano lectivo de 2005/06 passou a ser 100% informatizado, acabando-se definitivamente com a apresentação de boletins impressos (DGRHE, 2005).

Já no ano anterior (2004/2005), a utilização da Internet foi sugerida na primeira parte do concurso de professores. Com base nas informações dadas por colegas em meio escolar, e pela consulta a nível de sindicato de professores, pode-se constatar que uma grande parte dos docentes não utilizou este processo e teve inclusive grandes receios... Por não saberem? Por não terem computador e/ou Internet?

Este facto, apesar de burocrático, contribui de forma indirecta para um problema educacional sendo que educadores mais resistentes à mudança continuam a alimentar os seus receios em utilizar as tecnologias.

A educação escolar não pode ficar alheia à mudança, de modo a evitar o surgimento de novas desigualdades ou acentuar as já existentes. O quotidiano das nossas escolas permite, por um lado, o acesso, quase ilimitado, à informação e conhecimento e, por outro lado, mostra-se incapaz de garantir, a um grande número de jovens, os instrumentos mínimos no campo da literacia digital.

A questão que se coloca e motiva a reflexão, é, em que medida as novas tecnologias podem constituir um combate ao insucesso escolar, ou a um desinteresse pela própria escola ou, se pelo contrário, podem ser mais um instrumento destinado a acentuar as distâncias entre aqueles que muito sabem e os que se mantêm no limite do analfabetismo.

A escola, até há bem pouco tempo, preferia o monopólio do conhecimento e do saber que transmitia, privilegiadamente, às novas gerações no seu período de infância e juventude. No entanto, as TIC estão a permitir a outras instituições retirar à escola esse monopólio do ensino, e o paradigma da educação para todos ao longo da vida, faz com que a educação seja, progressivamente um processo que abrange todas as gerações.

Em geral, as novas tecnologias têm sido criadas para substituir o trabalho humano, sobretudo o mais penoso.

De acordo com Fernando Ferreira, a palavra informática surge pela primeira vez em 1962 com Philippe Dreyfus: *Information e Automatique*, dando origem a *Informatique*. A informática é pois, a ciência e a área que diz respeito à concepção,

estudo, construção e utilização de meios e procedimentos que concorrem para o tratamento informático da informação (FERREIRA, 1995, p. 15).

Como todas as inovações no campo escolar, as TIC iniciam um ciclo. Começam por gerar novas expectativas e sobre elas é produzida uma enorme carga retórica, ficando por vezes o seu uso bastante limitado.

Assim, essas tecnologias podem, num período próximo, fazer parte dos instrumentos naturais existentes na sala de aula, ou limitar-se-ão a existir à margem da educação escolar e ligadas apenas àqueles professores que por elas têm maior apetência.

É que a falta de confiança que muitos docentes experimentam relativamente à utilização das TIC em sala de aula não consegue ser vencida somente com a frequência de uma ou outra acção de formação, é necessária a prática, a experimentação.

Assim, aqueles que investem tempo na pesquisa, na auto-formação e na exploração dos diferentes recursos tecnológicos irão cada vez mais, fomentar a sua utilização.

Ao lado da família e da escola, os grandes meios de comunicação pretendem tornar-se um importante parceiro no processo de socialização das novas gerações. No entanto, o que se constata habitualmente é que a escola, a família e os media mantêm entre si uma indisfarçada relação de mal-estar pois acarretam novas questões:

- O acesso dos alunos ainda sem grande poder de reflexão e experiência crítica, a informação com qualidade duvidosa;
- Os problemas da utilização das salas de conversação (*chats*) pelos jovens, que para além de poder significar uma fraca utilização de uma grande parte de tempo, pode ainda despoletar contactos com grupos de risco. É o caso de encontros com desconhecidos e o favorecer através da inocência, a facilidade das redes pedófilas;
- A facilidade dos adolescentes em aceder a *sites* desajustados à idade, quer pelos conteúdos quer pelos comportamentos que poderão subverter (violência, sexo, etc.).

A sociedade, que por um lado apoia a rápida e completa implementação dos computadores na educação, poderá e deverá, por outro lado, resistir a um determinado tipo de uso dos mesmos, implicando sobretudo uma mudança no papel que o professor vai agora desempenhar na sala de aula.

A sociedade de informação deverá defender a diversidade e interdependência entre as comunidades sendo um espaço em que a liberdade deverá estimular o diálogo na diferença, a afirmação de cada cultura, povo ou pessoa. Conforme nos refere Luís Magalhães:

“...o futuro das sociedades joga-se hoje neste tabuleiro – pelo que a sua relevância prática reforça a necessidade de sistematicamente a caracterizar e acompanhar.”(MAGALHÃES, L., 2006, Prefácio).

### **CAPÍTULO 3 - A ESCOLA E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO**

As tecnologias de informação (TI), invadiram já todos os aspectos da educação, surgindo como uma ferramenta essencial/complementar de aprendizagem e também como apoio à administração das escolas.

No que respeita a Portugal, de acordo com Magalhães (2006):

“Os dados sobre o nosso país revelam acentuados contrastes no uso de tecnologias de informação e comunicação que nos trazem especificidades particulares na Europa. Por exemplo, na utilização de computadores e da Internet pela população adulta nos países da UE25, Portugal tem simultaneamente dos maiores valores na população com educação secundária ou superior (só atrás dos países nórdicos, Holanda, Luxemburgo e Reino Unido) e dos menores valores no total da população, dado que a população sem educação secundária é uma fracção muito elevada de todos os adultos. Este exemplo mostra que temos uma situação especial cuja evolução rápida requer soluções próprias.”

No que concerne à história do computador como auxiliar educativo, têm havido enormes alterações. No início, pensava-se que os professores necessitavam de dominar as linguagens de programação, verificando-se depois que para a sua utilização é necessária formação. Também é comum associar o uso das TI à redução do número de trabalhadores numa empresa. No entanto isso não acontece necessariamente:

“(…) a informatização obriga sim a uma reorganização da empresa, à implementação de planos de formação adequados aos equipamentos e programas utilizados, contribuindo para melhorar a produtividade e a qualidade das actividades desempenhadas” (SOUSA, S., 2001, p.15-16).

O computador e outros equipamentos informáticos poderão substituir o trabalho do homem em tarefas com grande precisão e até extremamente repetitivas à semelhança das calculadoras (que no início da sua afirmação como auxiliar educativo para execução de cálculo criaram polémicas negativistas acerca do seu uso).

Na opinião de Eduardo Cardoso:

“Para além de identificadas como podendo ser parte da resposta a problemas específicos de aprendizagem (em determinadas disciplinas nos primeiros anos), as TIC são associadas à necessidade repetidamente explícita de mudança de modelo de ensino, de renovação e de inovação na prática pedagógica.”(CARDOSO, E.; 2003, p.20).

Os novos paradigmas educativos substituem facilmente os antigos e supõem diferentes aplicações tecnológicas, que se podem, segundo Terceiro (1997, p.23), resumir na tabela seguinte:

TABELA N.º 3 – NOVOS PARADIGMAS EDUCATIVOS

<b>Velho Modelo</b>	<b>Novo Modelo</b>	<b>Implicações Tecnológicas</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Aulas em salas</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Exploração Individual</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Computadores em rede com acesso à informação</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Absorção passiva, trabalho individual</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Aprendizagem em grupo</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Modelo de simulação</li><li>• Colaboração através de correio electrónico</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Professor omnisciente</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Professor conselheiro</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Acesso a especialistas através da rede</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Conteúdo estável</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conteúdo mutável</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Necessidade de redes e ferramentas de edição</li></ul>

De acordo com Lima (2003) citado por Joana Leitão (2005, p. 109), o construtivismo concentra-se no estudo dos processos cognitivos que ocorrem na mente do indivíduo. O conhecimento é construído pelo aluno, não é imposto. A utilização das TIC interligadas com o trabalho do professor, o contexto em que são inseridas e as interações dos alunos favorecem a visão construtivista.

Utilizando as TIC em contexto aprendizagem, o professor é conselheiro, facilitador do processo de aprendizagem, permitindo quer a exploração individual (pesquisa de informação), quer fomentando a aprendizagem em grupo (correio electrónico, fóruns).

Segundo a UNESCO (1998), cit. por Leitão (Ibidem), *“as tendências actuais indicam que os livros podem vir a ser cada vez mais complementados com software informático multimédia na apresentação de matérias habituais dos programas havendo necessidade de envolver os professores no processo de criação de software, de modo a tornar menores as dificuldades que poderiam advir mais tarde, na sua aplicação na sala de aula”*.

O acesso aos computadores em todos os níveis de ensino aumentou na década de noventa, podendo dizer-se que algumas barreiras educativas estão a ficar mais permeáveis.

As TIC estão a motivar os estudantes para a busca de conhecimentos e, da mesma forma, podem dotar individualmente os professores com meios independentes para as suas decisões sobre como ensinar. No entanto o facilitismo na elaboração de

pesquisas origina na maioria das vezes uma (re)produção de trabalhos facilitando a cópia e perdendo-se o hábito de leitura e consulta.

Segundo Jacinta Paiva (2002a, p. 7), de acordo com a tabela n.º 4, os contextos mais representativos da aplicação das TIC na escola são:

**TABELA N.º 4 – CONTEXTOS DE APLICAÇÃO  
DAS TIC NAS ESCOLAS**

<b>CONTEXTOS DE UTILIZAÇÃO DAS TIC</b>
Disciplinar
Trabalho de Projecto
Apoio pedagógico
Apoio a alunos com NEE
Clubes/Núcleos
Trabalhos de Casa
Aulas laboratoriais

Actualmente o CDROM, o DVD e a Internet constituem um arsenal de ferramentas educativas, sendo como bombear adrenalina no mercado da educação.

A nível de ensino superior, as aulas, as conferências virtuais e a utilização da educação a distância (*e-learning*), são já uma realidade. A Internet é hoje usada como fonte de material suplementar e os estudantes comunicam com os seus professores através de correio electrónico, e de plataformas de ensino a distância (ao nível da formação de professores por exemplo, é incentivada a utilização do Moodle) (CRIE, 2006), tanto a partir das salas de estudo, como das suas próprias casas.

No entanto, um aspecto particularmente verdadeiro e interessante é o facto de muitos estudantes estarem já bem à frente de alguns dos seus professores no que respeita à frequência de utilização informática.

A escola e alguns professores ainda vêem nos media uma ameaça ao seu trabalho, porque, irreflectidamente ou não, sentem que a lógica da aprendizagem é incompatível com a lógica do “espectáculo”. Enquanto que a escola valoriza o pensamento racional e a lógica, os media destacam e dão ênfase ao imaginário e à sensação.

A qualidade do processo ensino - aprendizagem não reside somente na qualidade dos meios tecnológicos utilizados, está muito dependente do professor. A utilização dos mesmos (por melhores que estes sejam), jamais poderá salvar uma aula mal preparada...

Novamente, Jacinta Paiva ao reflectir sobre o uso das TIC nas escolas portuguesas cita o Conselho Nacional de Educação:

“A longo prazo, as tecnologias da informação modificarão o papel do pedagogo sem, contudo atingir a sua centralidade e essencialidade como conceptualizador de mensagens ou tutor de pessoas. Será pelos professores e em torno dos professores, que lenta e seguramente as TIC irão modificar, de forma visível e sensível, os métodos de ensino praticados na escola...” (PAIVA, 2002a, p. 9).

A mesma autora, salientando que ainda são muitas as barreiras para o uso das TIC em contexto educativo, divide-as em duas classes:

- Uma que se prende com o parque informático das escolas;
  - Outra que tem a ver com os constrangimentos do(s) agente(s) educativo(s).
- (Ibidem).

Relativamente à primeira dificuldade, com base em valores citados por Jacinta Paiva (2002), tendo como fonte o DAPP (Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento – Ministério da Educação), o rácio de computadores por aluno em 2001 é de, 33 alunos por computador ao nível do 1.º ciclo do ensino básico, e 19 alunos por computador nos restantes níveis de ensino (PAIVA, 2002a, p. 11-12).

De acordo com Números da Educação, a relação de alunos por computador no ensino público, nos vários níveis de ensino no ano de 2005/2006 era 11,5.

No ano lectivo actual 2006/2007, a relação é de 10,3 alunos por computador (GIASE, 2007).

No que respeita à relação de alunos por computador com acesso à Internet, a mesma fonte diz-nos que no ano 2005/2006 o número é de 15,7 alunos por computador.

No ano lectivo 2006/07, esta relação é de 12,8 alunos por computador com ligação à Internet (Ibidem).

Com base nestas informações poder-se-á considerar que a tendência é para aumentar o número de acesso às TIC à maioria dos alunos das escolas públicas portuguesas o que irá determinar substancialmente a sua utilização, numa fase extremamente importante de aprendizagem e desenvolvimento.

Actualmente, com o Programa Portáteis para as Escolas, o Ministério da Educação prevê fornecer em média 24 computadores portáteis por cada escola de ensino

básico e secundário que se candidatar ao programa de apetrechamento, destinado a promover o uso de tecnologias de informação e comunicação (ME, 2006).

Assim, e de acordo com este programa, o ME espera contribuir para a apropriação social destas tecnologias de informação e comunicação, promovendo o seu uso efectivo e frequente nas actividades de ensino e aprendizagem.

Segundo dados do ME, verificou-se nos últimos anos uma grande evolução dos meios tecnológicos ao dispor dos estabelecimentos de ensino, havendo agora um computador ligado à rede por cada 15 alunos, enquanto que em 2001/2002 esta relação era de um por cada 39 estudantes (ME,2006).

Em 27 de Dezembro de 2005 o ME cria a designação do coordenador de TIC nas escolas (Ibidem):

De acordo com o Despacho n.º 26691/2005 publicado em Diário da República:

“Nos agrupamentos e nas escolas do ensino básico e secundário, vai passar a haver um coordenador das Tecnologias da Informação e Comunicação, designado entre os professores que possuem competências adequadas às funções a desempenhar.” (...) o coordenador de TIC deve ser designado entre os docentes do agrupamento ou da escola, dando-se prioridade aos professores pertencentes aos quadros de escola.”

De acordo com informação da responsabilidade do Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo (GIASE) do Ministério da Educação, sobre o número de computadores e número de computadores com ligação à Internet nos ensino básico e secundário, todas as escolas públicas do ensino básico e secundário no Continente ficaram ligadas em banda larga à Internet em Janeiro de 2006, pela rede de investigação e ensino, RCTS – Rede Ciência, Tecnologia e Sociedade (CARNEIRO, R;2006).

### **3.1. O CURRÍCULO ESCOLAR E AS TIC**

A maioria dos países desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, debate-se hoje com o problema da requalificação dos programas educativos e dos currículos escolares. É que a sociedade actual exige uma população cada vez mais instruída e qualificada para a utilização dos meios tecnológicos e científicos presentes em todas as profissões.

Assim, o currículo basilar onde o tradicionalismo assentava está já obsoleto quando nos questionamos sobre o que é importante aprender hoje na escola:

Abranger o maior número possível de áreas e matérias ou aprofundar conteúdos mais seleccionados?

Manuel Rangel (cit., por MARQUES, R.;1998), propõe para o ensino básico três grandes domínios de competências a promover :

- Aprendizagens ou saberes instrumentais básicos – leitura, escrita, matemática e iniciação às línguas estrangeiras;
- Competências transversais – aquisição de métodos e processos de trabalho pessoal, familiarização com metodologias de investigação e experimentação e ainda a formação em novas tecnologias;
- Desenvolvimento ao nível da expressão e criatividade, formação estética e ética.

Segundo este autor, estes três domínios podem relacionar-se com a questão da informação, sendo o primeiro o que permite alargar as possibilidades de acesso à informação, o segundo o que possibilita o tratamento de informação e o terceiro e último domínio o que nos permite gerir internamente a informação implicando directamente:

- como chegar à informação;
- o que fazer com ela;
- o que somos com a informação que temos.

A escola e, em concreto, a escolaridade obrigatória, deverá trabalhar com objectivos mais alargados e identificar, nos diferentes domínios/disciplinas, os conhecimentos e saberes cuja formação dote os alunos de competências para a sociedade de que fazem parte, isto é, o período de escolaridade obrigatória deverá garantir ao jovem e futuro profissional a sua eficiente inserção na sociedade tecnológica.

Destaca-se aqui, a opinião de Roberto Carneiro referindo que:

“(...) dificilmente a educação pode permanecer indiferente ao ritmo impressionante a que progridem as TIC.

Dois tipos de consequências podem ser tiradas:

1. A necessidade de educar para a sociedade de informação, na dupla vertente da literacia inicial de jovens e da actualização, reciclagem de adultos;
2. A urgência de repensar o modelo pedagógico em aplicação nas nossas escolas à luz de novos e diferentes modos de aprender. (CARNEIRO, R.; 2001, p.172).

Actualmente, os sistemas educativos dos países desenvolvidos, integram os computadores :

- de forma tradicional facultando aos alunos a aquisição dos conhecimentos básicos de informática;

- como suporte e para melhoramento de conteúdos curriculares;
- como meio de interacção entre professores e alunos e alunos e professores.

Assim, segundo Fernando Ramos:

“O professor deverá, por exemplo, utilizar as ferramentas de comunicação por forma a prestar activamente apoio aos alunos, mas terá de encontrar um ponto de equilíbrio para ter uma presença firme e interventora mas que não perturbe, nem por excesso nem por ausência, o normal desenvolvimento do processo de aprendizagem.” (RAMOS,F., 2003).

### 3.2. A INTERNET E A ESCOLA

Desde a sua origem, em 1969, como uma tecnologia que possibilitava a transmissão de dados entre universidades dos Estados Unidos, a Internet teve um desenvolvimento tão grande que hoje é, inquestionavelmente, uma rede mundial de informação (ALVES;1999).

Através de programas governamentais ou por iniciativa de professores, a Internet já está na escola. Marçal Grilo considera que:

“(…) a Internet tem potencialidades educativas que dificilmente serão anuladas. O seu nascimento tem sido comparado, pelos seus efeitos na educação, à invenção da impressão tipográfica. Até esta invenção, praticamente o único livro disponível era a Bíblia, de que um exército de monges produzia laboriosamente cópias. A impressão permitiu aos homens escrever livros e lê-los, o saber foi democratizado (…)” (GRILO, M., 2002).

No entanto, a sua integração nas práticas pedagógicas denota uma grande complexidade, não só no orientar das aprendizagens em contextos ideais, como pela impossibilidade de exercer um elevado controlo da informação obtida.

A nível escolar, a Internet é um poderoso instrumento de consulta para professores e alunos, apresentando em *menu* inúmeras informações e publicações. João Pedro Ponte partilha também desta opinião:

“Na verdade, a Internet oferece uma excelente oportunidade para que os professores das escolas mostrem os seus projectos em curso a uma audiência alargada. Isso permite que se estabeleça um diálogo aprofundado com estes professores e mesmo com os seus alunos, quando o trabalho destes é publicado num Web site.” (PONTE, J.P., 2000).

Contudo, aceder a estas informações é ainda difícil para muitos utilizadores, não só por dificuldades de ordem técnica, mas também com problemas de velocidade de comunicação e armazenamento de dados.

Na opinião de POUTS-LAJUS (1998), a Net, para além de uma infinidade de *sites* de entretenimento, permite encontrar outros de elevada qualidade pedagógica. A questão é dominar os meios de pesquisa, utilizando por exemplo, os diferentes motores de busca especializados para que o explorador não se perca na via láctea da informação.

“Um aspecto negativo, que tem suscitado sérias apreensões sobre o futuro deste instrumento tecnológico, prende-se com a enorme quantidade de “lixo” que grassa na NET e que vem crescendo de forma assustadora e incontrolável.” (CARMELO R.,2002).

Cada vez mais os alunos saem hoje das escolas com mais informação, mas na maioria das vezes com muita dificuldade em a processar. O ensino tem de servir hoje não só para permitir a desmontagem crítica da informação (sem consumir passivamente tudo o que é apresentado), como para a produção de conteúdos próprios.

Existem ainda algumas questões/afirmações que se prendem com a utilização das TIC que são muitas vezes utilizadas para justificar alguma falta de apetência na sua utilização:

- As TI contribuem para a perda de privacidade?! – citando SOUSA (2001, p. 16):

“ A utilização de meios informáticos no tratamento de informações pessoais pode, se consultado por pessoal não autorizado, permitir acesso a dados privados dos indivíduos. O cruzamento de dados com objectivos comerciais tornou-se uma actividade comum sem grande controlo legal embora cada vez mais exista legislação que visa a protecção dos dados pessoais informatizados.”

- As TI conduzem à instrumentalização da sociedade?! – Os computadores são máquinas que reagem a um conjunto de ordens dadas pelos seus utilizadores. Assim, a função não é substituir o trabalhador, mas sim facilitar-lhe tarefas e permitir uma menor margem de erro.

- A utilização dos computadores limita a capacidade de raciocínio do indivíduo?!

“É um dos grandes mitos da informatização. A utilização dos computadores permite que o Homem limite ou até abandone as tarefas mais repetitivas e se possa dedicar a actividades mais criativas (...) Dos já usuais processadores de texto e folhas de cálculo, a programas educativos e à própria Internet, as TI não são a limitação da capacidade de raciocínio, mas sim a possibilidade de novos conhecimentos e de desenvolvimento pessoal.” (SOUSA, 2001, p.16-17).

No entanto, impõe-se o tempo de reflexão sobre toda a informação recolhida (já referida), e o seu tratamento de forma pessoal tendo em vista alcançar objectivos de desenvolvimento pessoal e social.

### **3.2.1. OS FÓRUNS EM CONTEXTO PEDAGÓGICO**

Na perspectiva de Cunha e Paiva (2003, p. 25):

“Os fóruns são aplicações destinadas ao uso em rede, disponibilizadas numa Intranet ou na Internet a partir de um servidor web que suporte conteúdos dinâmicos apoiados em bases de dados. Os fóruns em contexto pedagógico permitem que aprendentes e ensinantes comuniquem à distância assincronamente.”

Relativamente à sua utilização na escola:

“(…) os fóruns enquanto ferramentas pedagógicas, podem contribuir muito positivamente para promover uma mudança de atitudes e metodologias na relação ensino/aprendizagem, no sentido a aproximação e abertura da escola ao mundo pelas suas características organizacionais, funcionais e temporais”. (Ibidem)

Num fórum, fomenta-se o grupo, a comunidade.

Assim, e segundo os mesmos autores:

“A comunicação através de fóruns cria um espírito de lealdade entre os membros pois as questões, dúvidas, respostas, enfim, participações vão sendo “públicas” permitindo um acompanhamento global das interações, utilizável de formas diferentes para professores e alunos. Aos professores dá uma perspectiva global do interesse, empenho e até evolução de aprendizagens dos seus alunos. Aos alunos permite beneficiar das dúvidas dos colegas para esclarecer as próprias... minimiza desconfiças de injustiça ou de tratamento desigual pelo professor em relação aos alunos”. (Ibidem)

A utilização dos fóruns pressupõe a existência de ferramentas específicas, tais como plataformas disponíveis, facilmente geríveis e adequadas ao estabelecimento de comunidades de ensino/aprendizagem. Ao nível da formação de professores o ME, através do CRIE (2006), fomenta cada vez mais a utilização dos fóruns em contexto pedagógico de modo a dinamizar as TIC quer em contexto pedagógico, quer ao nível das lideranças (gestão escolar).

### **3.2.2. O IRC – INTERNET RELAY CHAT**

Segundo Duarte (2003, p. 60), o IRC é um programa que data de 1988, idealizado por Jarkko Oikarinen.

O IRC é um fórum em tempo real onde duas ou mais pessoas podem interagir, tendo como suporte tecnológico a Internet. A participação numa sessão de IRC implica a existência de um computador com ligação à Internet, de um programa que permita a ligação a um servidor de IRC, e a selecção de uma ou mais salas ou canais de conversação.

A mesma autora refere ainda:

“Entre os programas mais vulgarizados, encontram-se o mIRC e o Microsoft Chat, ambos de utilização gratuita disponíveis na Internet. Trata-se de uma tecnologia que possui características de utilização muito simples e que desperta nos jovens grande curiosidade e satisfação relativamente à sua utilização regular em ambientes de carácter lúdico.”(Ibid, p.61).

A entrada numa sala de *chat* implica a escolha prévia de uma alcunha ou *nickname*, que pode ou não corresponder ao verdadeiro nome do utilizador. A participação numa sessão de IRC faz-se através da escrita numa caixa de texto existente na parte inferior do écran do computador. Premindo a tecla ENTER os textos ficam identificados com o nome de quem as produziu e disponíveis nos computadores de todos aqueles que participam na sessão. Uma só pessoa pode participar simultaneamente em diferentes salas de IRC, pode-se ser um observador passivo das sessões, participar activamente na discussão geral ou ainda abrir uma sessão e dialogar em privado apenas com uma pessoa da sala sem que as restantes tenham acesso a essa conversa (DUARTE, et all., 2003, p. 59).

Os mesmos autores reflectindo sobre a utilização do IRC em ambiente educativo consideram:

“(…) a realização de sessões de IRC entre alunos de diferentes escolas ou entre alunos e especialistas das áreas em estudo na sala de aula pode funcionar como um mecanismo de motivação para os alunos e promover o interesse destes pela escrita. (...) fornece argumentos a favor da natureza conversacional dos enunciados produzidos por alunos quando usam esta plataforma tecnológica na sala de aula. Estes argumentos decorrem da análise das propriedades interaccionais, lexicais, sintácticas e fonológicas do Português.” (Ibid., p. 71).

A utilização dos *Chats* para comunicação entre os jovens adolescentes é uma realidade cada vez mais frequente o que leva de novo a questionar: o que (des)aprendem, com quem (des)aprendem e que benefícios ou riscos advirão dessa comunicação?

A utilidade desta ferramenta tecnológica é bastante defendida pelos autores anteriormente citados, ao nível do desenvolvimento da língua materna e apelando à motivação que cria nos próprios alunos. É de considerar, no entanto, que à semelhança de todos os outros recursos tecnológicos, deverá existir o professor que cumulativamente será orientador e supervisor para que a sua utilização seja profícua qualquer que seja a aprendizagem que se pretenda fomentar.

### 3.2.3. OS BLOGS

A publicação A Sociedade de Informação 2006 refere que *Blog* designa o mesmo que *Weblog*. É um diário mantido na Internet através de sistemas de publicação fáceis de utilizar. Os *Weblogs* popularizaram-se nos últimos anos, criando sites pessoais que se tornaram verdadeiras referências de opinião e informação na Internet. (INE/UMIC, 2006).

### 3.2.4. WEB 2.0

Bryan Alexander (2006), questionando-se se o movimento Web 2.0, é uma nova onda de inovação no ensino aprendizagem, esclarece alguns conceitos com bastante importância ao nível educacional. O Software Social por exemplo, aparece como o mais importante componente deste movimento, isto é, a partir dos anos 60 as tecnologias da Internet têm desempenhado um importante papel social, desde que os *listservs*, *usenet groups*, *discussion software*, *groupware* e comunidades *web*, têm ligado as pessoas em todo o mundo. Segundo o autor, ler e pesquisar este “mundo” é bastante diferente de pesquisar a totalidade do universo *web*. No entanto, o software social, não constitui um corte radical com o tradicional, mas sim uma evolução gradual de uma nova prática. Mais do que encarar a *web* como um livro, estas tecnologias pressupõem a noção de microconteúdo. *Blogs* são debates, grupos de discussão, não páginas, e *Wikis*, são correntes de conversa, revisão e correcção. Todos estes blocos de conteúdos, podem ser guardados, resumidos, enviados, copiados, citados e desenvolvidos em novos projectos.

De destacar também uma das rubricas da *Web 2.0*, que não existia há uns anos atrás, mas que agora está representada em dezenas de projectos, o *Bookmarking* social.

Funcionando como um indicador, uma lista de endereços favoritos do usuário, armazenados num arquivo, o *bookmarking*, tem também um papel a desempenhar no ensino superior.

De acordo com o mesmo autor (*Ibid*, p.34), investigadores de qualquer nível (estudantes, faculdades, quadros), podem, rapidamente estabelecer uma página de *bookmarking social* para as suas páginas de investigação, pessoais ou profissionais, tendo variadas possibilidades para aplicações pedagógicas:

- Memória *outboard*, um local para armazenar *links* espalhados em diversos *bookmark browsers*, em *e-mails* ou até em ligações *web*;

- Encontrar pessoas com interesses comuns pode otimizar um trabalho através de aprendizagens comuns;
- A criação de caracteres (*tags*), pode trazer novas perspectivas à pesquisa;
- A capacidade de criar *bookmark pages*, pode ser útil em projectos de grupo, uma vez que cada elemento pode fazer *uploads* de fontes, seja qual for a sua localização;
- Aceder a um *bookmark site*, pode dar informação ao professor sobre o progresso do trabalho de pesquisa dos alunos; e por seu turno, os estudantes podem aprender com a descoberta do professor.

Com a evolução dos serviços da Internet, desenvolveram-se também projectos que actuam como plataformas de escrita social. Depois das listas de *e-mails*, *fóruns* de discussão, documentos editados e partilhados, e *blogs*, talvez a WIKI seja a aplicação mais implementada na interacção social. As páginas *wiki* permitem que os utilizadores editem rapidamente os seus conteúdos através da janelas de navegação. O projecto *wiki* mais popular é a Wikipédia, que permite ao utilizador editar cada entrada da enciclopédia, e assim, criar uma estrutura de pesquisa, edição e revisão.

Reflectindo ainda sobre as possibilidades a nível pedagógico, de acordo com Alexander (Ibid, p.40), tal como muitas técnicas informáticas de ensino / aprendizagem, algumas delas começam logo na prática *pré-web*. Há muito que se ensina e aprende a partir de artigos de notícias. Por exemplo, os *blogs*, os *bookmarks* e muitos outros serviços estão organizados e orientam cronologicamente do artigo mais antigo para o mais recente. Por isso, a Web 2.0, permite a procura de informação de todo o tipo de acontecimentos actuais. A possibilidade de guardar e partilhar uma busca, permite que estudantes e faculdades possam continuar essa busca ao fim de muitas semanas ou semestres. Além disso, a natureza social destas ferramentas, significa que a colaboração entre turmas, departamentos, universidades ou regiões, é fácil. Estudantes e universidades de todo o mundo poderão descobrir, investigar e colaborar nesse projecto.

Ainda, e de acordo com o mesmo artigo (Ibidem), a imensidade de possibilidades abertas por estas ferramentas, podem alargar o ensino da história actual.

Uma turma de Ciências Políticas, poderia explorar os diferentes pontos de vista de uma notícia através dos media tradicionais, utilizando o *Google News*, e também o mundo dos *blogs*, via *Memoandum*. Uma turma de História, poderia utilizar

o *Blogdex* num exercício de reflexão sobre o panorama mundial. Uma faculdade poderia também, fornecer informação sobre o ambiente.

*“Todas estas práticas continuarão a evoluir. Tal como aconteceu com as outras tecnologias electrónicas (rádio, televisão), é também natural que apareçam novas formas de informação através da Web. Por exemplo contar histórias através de blogs já existe, assim como a publicação de romances em podcast. Que outras formas de narrativa ou de ficção irão aparecer no futuro próximo? ALEXANDER, Bryan (Ibid, p.42).*

### **3.3. OS PROFESSORES E AS NOVAS TECNOLOGIAS**

A classe dos professores é uma das profissões mais exigentes e na qual se trabalha sempre em avaliação. Os alunos, as famílias dos alunos, os colegas, todos eles conhecem e avaliam o trabalho dos professores.

Apesar de alguma mudança, ainda há muitos professores que continuam somente a dar as suas aulas com exemplos e perguntas, como era hábito das antigas civilizações.

Não será o ideal de ensino, uma prática pedagógica diversificada, utilizando para isso todo o profissionalismo e sabedoria do docente, acompanhado de estratégias e meios que motivem a curiosidade e estimulem a aprendizagem, de um público cada vez mais diversificado?

Relativamente à real utilização das TIC pelos professores, Cunha e Paiva (2003, p.25), referem:

*“Analisando o panorama nacional da utilização das TIC pelos professores, percebe-se que as ferramentas tecnológicas não são utilizadas tanto como desejável em prol da relação professor/aluno nem da interacção ensino/aprendizagem.”*

Muitas escolas e muitos docentes são ainda conservadores e avessos à mudança.

É frequente existirem professores cujos alunos sabem muito mais do que eles sobre computadores e sua utilização.

A prática docente, que pretende utilizar as novas tecnologias, muitas vezes envolve imprevistos de ordem técnica (computadores avariados fazem perder dados, documentos e muitas horas de trabalho, vírus que fazem perder a paciência, problemas com o servidor, problemas a nível de rede e de comunicação com o exterior, *spam*, etc.), que não só alteram toda uma planificação lectiva prevista, como definem uma não utilização, sustentada no receio de acontecer de novo.

A solução passa pela formação de professores cada vez mais frequente para a dotação de saberes informáticos que contribuam para a eficácia do ensino-aprendizagem e para que possam ser guias elucidativos em matéria de informação, ao invés de repetidores de material educativo embalado.

Se os professores não se sentem capazes e não têm apetência pela utilização dos novos meios de informação e comunicação, impedirão por omissão, que os seus alunos o façam. *“Mais do que um simples domínio instrumental, torna-se necessário uma identificação cultural. De que modo pode esta tecnologia servir o meu trabalho?”*(PONTE, J.P., 2000).

Os professores bem informados (têm não só de aprender a usar constantemente novos equipamentos e programas, mas também de estar a par das “novidades”), poderão evitar que o aluno caia na informação “lixo”, que em vez de esclarecer obscurece.

A importância da qualidade de ensino e em consequência a dos professores, não pode ser sobrevalorizada. É ao nível da educação básica que as atitudes dos aprendentes se formam. Quanto maiores forem as desvantagens que as crianças que vêm para a escola têm que enfrentar, maiores exigências recaem sobre os seus professores.

Quando o primeiro professor da criança é mal formado ou desmotivado, a aprendizagem posterior dificilmente se solidificará, em termos qualitativos. Assim, deverá ser uma prioridade, em todos os países, melhorar a qualidade de formação de professores e fomentar a motivação para uma docência de qualidade desde a infância.

Com base no estudo de Jacinta Paiva (2002a, p.44), no ensino pré-escolar utiliza-se muito pouco as TIC em contexto educativo podendo esse facto dever-se à limitação do parque informático.

Os educadores “modernos” reconhecem que os computadores se tornaram meios de comunicação pessoais, similares aos livros, embora com a vantagem multimédia e a capacidade de ligação aos “livros” de outros utilizadores, bem como a bibliotecas inteiras.

Também o modo como o professor se relaciona com os seus colegas, é neste momento diferenciado por muitos docentes. Através das inúmeras possibilidades proporcionadas pela Internet, é possível o envio de mensagens e documentos em tempo real, a criação de páginas colectivas, a interacção com colegas de outras escolas e com organizações profissionais, para além do possível conhecimento e acompanhamento da situação escolar noutros países.

Estudos revelam que os professores pertencentes a classes com maior tempo de serviço e conseqüentemente mais velhos são os que possuem maiores dificuldades e alguma relutância na utilização das TIC na sua prática pedagógica e até no seu dia a dia (Ibid., p.37), embora possam ser os que têm mais experiência e conhecimentos pedagógicos para transmitir.

A mesma autora refere que:

“As idades dos professores estão relacionadas com o uso do computador, da Internet e do e-mail, os mais jovens usam mais, bem como os professores estagiários.” (Paiva, 2002b, p.95).

Também o exemplo injustificado que a classe docente tinha de vir a ser substituída por máquinas, justificava a reduzidíssima percentagem de professores que utilizava o computador como meio ou ferramenta de apoio à aprendizagem dos seus alunos.

A juntar a este receio, verifica-se o aumento da preocupação e insegurança por parte de alguns professores de virem a ser, efectivamente, substituídos, não por máquinas, mas por outros colegas professores, melhor preparados e desinibidos na utilização prática destas ferramentas e com competências comprovadas, colocando as TIC ao serviço do ensino.

Citando João Pedro da Ponte (1998, p. 174):

“Alguns olham-nas com desconfiança, procurando adiar o mais possível o momento do encontro indesejado. Outros assumem-se como utilizadores na sua vida diária, mas não fazem ideia de como as usar na sua prática profissional. Outros ainda, procuram integrá-las no seu processo de ensino usual sem que isso signifique uma alteração significativa das suas práticas. Uma minoria entusiasta procura desbravar caminho, explorando constantemente novas possibilidades, mas defronta-se com muitas perplexidades e dificuldades”.

A nível do *software* educativo disponível, os professores discutem a sua qualidade, actualidade e adequação aos programas a leccionar de acordo com a experiência de cada um, existindo:

- Os professores que por norma não utilizam o computador e desconhecem o *software*, apenas sabendo da existência de um ou outro programa que alguém lhes falou;
- Os professores, que auto detectando necessidades, fazem formação e até investem em material informático e no acesso à *Internet*, com a finalidade de melhorar as metodologias usadas na leccionação;

- Os professores com experiência, que se especializaram em determinado *software* e que desenvolveram critérios para a avaliação e selecção do *software* que vai surgindo no mercado.

No entanto, se o próprio professor tem já dificuldades em propiciar uma aula motivadora, não será o uso do computador que irá salvar a situação já que as TIC são instrumento/meio para, e não um fim.

A realidade portuguesa sobre a utilização das TIC em contexto educativo é mostrada pelo estudo de Jacinta Paiva (2002a). Assim, segundo esse estudo, no 2º, 3º ciclo e ensino Secundário era desejável que o uso do computador fosse mais frequente.

E citando a mesma investigadora:

“Se descontarmos os professores de informática, a percentagem de professores destes níveis rondará os 20%.” (PAIVA, 2002a, p.44).

### **3.4. OS ALUNOS / JOVENS E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO**

As crianças vêm o computador com curiosidade e naturalidade e, normalmente, têm o seu primeiro contacto por via lúdica, criando assim, uma familiaridade com a máquina. Para além disso, possuem tempo para gastar na aprendizagem e não têm medo de avariar o equipamento.

Estudos estatísticos sobre a sociedade de informação e conhecimento ao nível das famílias portuguesas referem que:

“A utilização das TIC é inversamente proporcional à idade, sendo que os indivíduos do escalão etário mais alto dos 16 aos 24 anos atingem níveis de uso de computador e de Internet na ordem dos 73% e 64%, respectivamente. À medida que se avança para escalões etários mais altos diminui a proporção de utilização, com 9% dos indivíduos com 55 e mais anos a afirmarem ter utilizado computador e 5% Internet. (INE, 2004b, p.4).

As crianças e os jovens têm um enorme fascínio e apetência por computadores.

O ME, através do Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento (DAPP), editou, com o título *As Tecnologias de Informação e Comunicação: Utilização pelos Alunos*, os resultados de um estudo, coordenado por Jacinta Paiva e realizado no âmbito do Programa Nónio Século XXI, sobre o recurso ao equipamento informático por crianças e jovens em idade escolar. (ALVAREZ, Teresa, 2006, p. 4).

Analisando esse estudo, Teresa Alvarez sublinha:

“ O estudo realça, pois, o equipamento ligado aos jogos de diversão como tendo um peso dominante junto dos rapazes. “ (...) a actividade “jogar” não apresenta diferenças muito significativas entre os dois sexos nas crianças do 1º ciclo, mas vai-se reforçando

como uma actividade predominantemente masculina ao longo dos ensino básico e secundário. No 11º ano, 77% dos rapazes e apenas 38% das raparigas dedicam-se a esta actividade.” (Ibidem).

A nível lúdico, os jovens podem estar dependentes dos computadores durante horas a fio. Ora, os jogos poderão desenvolver inúmeras capacidades, serem motivadores e divertidos, mas, também, têm o lado menos positivo, onde se pode destacar os aspectos: repetitivo, podem induzir a instintos violentos e até, não sendo exigentes ou criativos, podem impedir o progresso na aprendizagem se se tornarem ocupação dominante.

De acordo com o estudo de Jacinta Paiva referido por Teresa Alvarez (Ibidem):

“Quanto ao número de horas por semana que alunos e alunas ocupam com actividades ligadas ao equipamento informático, não há diferenças entre os dois sexos, excepto nos períodos mais longos relativos a mais de 10 horas por semana. São os rapazes que, em todo o tipo de actividades (escrever texto, jogar, navegar na Internet) surgem associados ao período de utilização mais longos.”

Pensa-se que quem tem filhos em idade escolar deve revelar preocupação em não só facultar o acesso às TIC, mas também verificar a qualidade e quantidade do que é explorado. À semelhança da televisão, que preocupa qualquer educador atento no que respeita à qualidade e adequação à idade dos programas visionados, e ainda no tempo que a criança/jovem despende em frente ao aparelho, o computador e o acesso à Internet, desencadeiam novas ansiedades no desempenho do papel educativo.

Na opinião de Teresa Alvarez (Ibidem), e relativamente a maior tempo despendido no computador por rapazes relativamente às raparigas:

“Este aspecto revela-se particularmente pertinente se tivermos em conta os resultados dos estudos sobre a distribuição das tarefas domésticas e o uso do tempo por parte dos dois sexos na esfera familiar, os quais apontam para mais tempo “livre”, ou de lazer, para o sexo masculino, tanto em adultos como em crianças e jovens.”

A mesma autora realça ainda que os dados apresentados no estudo citado:

“ (...) parecem apontar para o facto das TIC reforçarem actividades lúdicas junto dos rapazes, através de jogos de competição solitários ou com um/dois parceiros, e sublinharem as actividades de relação com o outro e a escola nas raparigas, mediante a conversa (chat) e a escrita (nomeadamente trabalhos escolares). (Ibidem).

Relativamente às TIC, são os próprios alunos que mais partido tiram (na maioria das vezes), de forma independente, dos recursos tecnológicos que as escolas já têm e, se questionados, são bastante críticos sobre o papel da escola e professores sobre a indução ao uso do computador.

De acordo com o estudo de Jacinta Paiva (cit. ALVAREZ, T., 2006, p.4) relativamente à esfera escolar:

(...) não há diferenças substanciais entre raparigas e rapazes na troca de emails e na navegação na Internet. Contudo os dados apontam para o facto das raparigas recorrerem mais ao computador para “escrever textos”, associando também a elas uma maior utilização no chat e nos jogos educativos.”

O recurso cada vez mais frequente à Internet, a utilização dos *Chats* e a comunicação por *email* pelos jovens em idade escolar desencadeia mais e maiores preocupações por parte dos educadores e professores.

Em Portugal, tendo em conta (diferentes) potenciais riscos, da navegação na Internet, surge a [segur@net](http://segur@net) com o apoio do ME, do CRIE e das Universidades do Minho, Aveiro, Évora e Algarve (CARRAPIÇO, Fernando, 2006).

Esta iniciativa defende que sendo a Internet um poderoso recurso para a educação, é necessário conhecer antecipadamente os riscos pois ajuda a reduzi-los ou a enfrentá-los com sucesso (Ibidem).

### **3.5. AS FAMÍLIAS E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO**

As gerações mais velhas e concretamente os pais, têm uma posição desvantajosa face à necessidade de apoiar os filhos ou, até de saberem de que modo eles acedem às redes de informação. Nas famílias em que há investimento em computadores (que felizmente cada vez são mais), as crianças aprendem a lidar com eles bastante cedo.

Com base num inquérito à utilização das TIC pelas famílias efectuado em 2004 pelo Instituto Nacional de Estatística, no primeiro trimestre de 2004, 41% dos agregados domésticos possuíam computador, quando em 2002 somente 27% o tinha.

Relativamente ao acesso à Internet pelas famílias a partir de casa, 26% fazem-no em 2004 quando em 2002 apenas 15% o fazia (INE, 2004b, p. 1).

Assim, observa-se, entre 2002 e 2004, um crescimento médio anual de 25% no que respeita ao computador, e de 33% no que se refere à Internet.

O mesmo inquérito realizado em 2005 (INE, 2005, p.1), destaca que 43% dos agregados domésticos têm computador e 32% têm acesso à Internet o que leva a concluir novo crescimento, mas com mais significado ao nível da utilização da Internet.

Observando estudos actuais, será pertinente efectuar comparações de modo a aferir a evolução da implantação e utilização das TIC na sociedade portuguesa.

Deste modo, de acordo com a publicação, A Sociedade da Informação em Portugal – 2006, (INE/UMIC, 2006), a percentagem dos utilizadores de computador (indivíduos entre os 16 e os 74 anos), entre 2002-2006 afigura-se crescente conforme mostra a tabela 5:

TABELA N.º 5: UTILIZADORES DE COMPUTADOR 2002-2006 (%)<sup>1</sup>

	2002	2003	2004	2005	2006
Utilizadores de computador	27	36	37	40	42

Contudo, na sociedade portuguesa ainda são maioria, as famílias pertencentes a estratos socioeconómicos baixos, o que leva a uma desigualdade de oportunidades para os indivíduos e para as crianças aí existentes.

Considerando apenas o ano de 2006, com base na fonte anteriormente referida (INE/UMIC, 2006), e ainda em dados da EUROSTAT aí citados, verifica-se que os portugueses são dos que menos utilizam os computadores estando em penúltimo lugar (acima da Grécia), na lista de Utilizadores de Computador, na União Europeia conforme apresentado na tabela 6.

TABELA N.º 6: UTILIZADORES DE COMPUTADOR, NA UNIÃO EUROPEIA – ANO 2006<sup>2</sup>

Países	(%)	Países	(%)	Países	(%)	Países	(%)
Áustria	68	Grécia	38	Itália	43	<b>Portugal</b>	<b>42</b>
Bélgica	67	Espanha	54	Lituânia	47	Suécia	87
Chipre	44	Finlândia	80	Luxemburgo	76	Eslovénia	57
Alemanha	76	França	55	Letónia	53	Eslováquia	61
Dinamarca	86	Hungria	54	Países Baixos	84		
Estónia	62	Irlanda	58	Polónia	48		

O chamado *Choque Tecnológico* (prioridade do XVI governo constitucional), tem que contribuir para a mudança desta realidade que está inevitavelmente relacionada não só com a ainda baixa escolarização da população portuguesa como com a sua situação económica.

<sup>1</sup> Fonte: INE/UMIC, Inquérito à Utilização de T.I.C. pelas Famílias 2002-2006.

<sup>2</sup> Fonte: EUROSTAT – *Survey on ICT in Households and by Individuals 2002-2006*.

Ainda com base no estudo citado anteriormente (INE, 2005, p.2), existem diversas razões para não ter acesso à Internet em casa e que condicionam a expansão da mesma no seio dos agregados domésticos das quais se destacam como principais:

- Desinteresse face à própria Internet - 58% afirmam não querer ou não ter interesse na tecnologia;
- Preço - 53,5% salientam o elevado custo do equipamento e 49% do acesso;
- Falta de habilitações para a utilização desta tecnologia - 52% afirmam não saber utilizar a Internet.

Com base no cenário apresentado a questão que se coloca é: Como mudar?

As autoridades escolares e a escola em concreto, enquanto parceiro educativo, devem ajudar os pais, no sentido de lhes fazer compreender objectivos e práticas escolares e habilitá-los a desempenhar um papel activo e positivo, na educação tecnológica dos filhos.

As tecnologias da informação podem e devem fazer parte da formação de adultos (ANEFA, 2001). Pensar que as aprendizagens durante a vida adulta se processam apenas no seio do sistema educativo formal é uma visão extremamente reducionista.

Em Portugal, a educação de adultos é ainda uma realidade marginal dentro do sistema educativo, mas nos últimos tempos já têm sido dados alguns passos de forma a modificar este panorama, concedendo-lhe a importância que realmente merece, (ESTRELA, A.; FERREIRA, J., 2001).

### **3.6. AS MULHERES E A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO**

A integração da perspectiva de género aparece na União Europeia pela primeira vez como estratégia no Terceiro Programa Comunitário a Médio Prazo sobre a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens (1991-95), e tornou-se um tema central do Quarto Programa Comunitário a Médio Prazo sobre a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens (1996-2000), (CIDM, 2004b, p.56).

A 2 de Outubro de 1997, o Tratado de Amsterdão, formaliza o compromisso de integração da dimensão da Igualdade de Oportunidades a nível Europeu tendo o “*mainstreaming*”, isto é a integração da perspectiva de género, sido consagrado nesse tratado. Na Comunicação da Comissão Europeia sobre o tema “Rumo a uma Estratégia-

Quadro da Comunidade para a Igualdade entre Homens e Mulheres (2001-2005), o “*mainstreaming*” é de novo, referido como estratégia a ser adoptada, por forma a ultrapassar as desigualdades estruturais que subsistem entre mulheres e os homens (Ibid., p. 57).

Atingir a Igualdade de Oportunidades não interessa apenas às mulheres, mas é uma condição fundamental para alcançar o desenvolvimento que interessa à sociedade no seu conjunto.

No que diz respeito às TIC, os estudos de género vão dando uma perspectiva de que as mulheres portuguesas não demonstram tanta apetência como os homens para a sua utilização. No entanto é de considerar que essa falta de apetência pode não estar somente relacionada com a motivação...

### 3.6.1. O COMPUTADOR TEM GÉNERO?! PERFIS DE UTILIZAÇÃO

Entre os vários segmentos da população portuguesa, a utilização do computador e Internet é bastante diferenciada. No que respeita ao sexo, homens e mulheres têm diferentes apetências pela utilização das TIC como se pode verificar pela análise da tabela 7, reflexo do estudo efectuado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2004b, p.4).

TABELA N.º 7: UTILIZAÇÃO DE COMPUTADOR POR SEXO, 2004 (%)<sup>3</sup>

Sexo	Utilização de Computador
Masculino	40,4
Feminino	34,1

Analisando os dados, verifica-se que a proporção de homens que utilizam as TIC é superior às mulheres (mais 6,3%).

No primeiro trimestre de 2005, 39,6% dos indivíduos com idade entre os 16 e os 74 anos utilizaram computador. No entanto, a proporção de homens que utilizam esta tecnologia é superior às mulheres: 43,2% dos homens afirmam ter utilizado computador para 36,2% das mulheres. (INE, 2005, p. 3).

<sup>3</sup> Fonte : INE- Inquérito à Utilização de TIC nas Famílias – 2004

**TABELA N.º 8: UTILIZAÇÃO DE COMPUTADOR POR SEXO, 2005 (%)<sup>4</sup>**

<b>Sexo</b>	<b>Utilização de Computador</b>
<b>Masculino</b>	43,2%
<b>Feminino</b>	36,2%

Sadie Plant, (2000, p. 22) reflectindo sobre as mulheres e as novas tecnologias no seu livro *Zeros e Uns*, considera:

“... as novas máquinas, os novos media e os meios de telecomunicações que compõem aquilo a que se chama alta tecnologia, tecnologia de informação, tecnologia digital ou simplesmente novas tecnologias que surgiram nas duas últimas décadas têm desempenhado um enorme e fascinante papel no aparecimento desta nova cultura. Não é uma questão tecnológica ou de determinismo. As tecnologias são apenas concebidas para manter ou desenvolver o *status quo* e não para revolucionar as culturas em que são introduzidas. Apesar da tendência para reduzir, objectivar e regular tudo o que se move, os computadores e as redes que eles compõem correm linhas completamente diferentes das que anteriormente mantinham a mulher em casa.”

Isabel Stilwell (2006, p.50), refere, com base nos números divulgados pela Rede de Informação sobre Educação na Europa (Eurydice), que trabalhou os dados de um inquérito anexo ao questionário PISA 2003 sobre a utilização das TIC na escola e em casa, que tal como os colegas dos restantes países da OCDE, os jovens portugueses com 15 anos recorrem ao computador, essencialmente para jogar (40 por cento as raparigas e 76 por cento dos rapazes).

O mesmo estudo apurou ainda que, independentemente do país e do nível de informatização da escola, as atitudes dos rapazes e das raparigas relativamente ao uso das TIC são diferentes:

“Os rapazes são mais atraídos pelas TIC, mais autónomos na sua utilização e referem que usam os computadores mais frequentemente, excepto no caso de actividades relacionadas com a comunicação e o processamento de texto.” ...

“Curiosamente, embora seja maior o número de raparigas que aprendem a usar as TIC na escola, o estudo confirma que, depois é mais frequente o uso dos computadores na escola por parte dos rapazes, sobretudo nos países nórdicos em Portugal e no Liechtenstein.” (Ibidem).









Perante esta realidade, a reflexão não deixa de ser pertinente. Assim, e com base em dados referenciados na Sociedade de Informação em Portugal 2006 (INE/UMIC, 2006), elaborou-se a tabela 9.

---

<sup>4</sup> Fonte : INE- Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação - 2005

**TABELA N.º 9: UTILIZADORES DE COMPUTADOR POR GÉNERO 2002-2006**

(%) Indivíduos entre os 16 e os 74 anos

	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Homens</b>	33	39	40	43	46
<b>evolução</b>	 +6	 +1	 +2	 +3	
<b>Mulheres</b>	22	33	34	36	39
<b>evolução</b>	 +11	 +1	 +2	 +3	

Poder-se-ia conjecturar, que no caso das mulheres, a descoberta incita à utilização, mas após familiarização, a apetência e ou necessidade de operar com os computadores tende a baixar?

Também a utilização da Internet pela população Portuguesa (Indivíduos entre os 16 e os 74 anos), é maioritariamente efectuada por homens tal como evidencia a tabela n.º 10, reflexo do estudo 2002-2006 (Ibidem):

**TABELA N.º 10: UTILIZADORES DE INTERNET, POR GÉNERO 2002-2006 (%)<sup>5</sup>**

	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Homens</b>	24	29	32	35	39
<b>Mulheres</b>	15	23	27	29	32

De acordo com Cristina Maria Coimbra Vieira, (2006, cit. por Pinto, 2007,p.1):

“Concomitantemente, apesar de as mulheres se incluírem cada vez mais na categoria de utilizadoras e consumidoras de TIC, constatou-se o recuo das taxas de feminização de algumas das profissões a elas associadas e a sua presença permanece diminuta nas profissões ligadas ao campo informático. (...) às mulheres são negadas competências no campo da informática, excepção feita para o trabalho minucioso de introduzir dados.”

Das muitas ilações que podem ser retiradas destes estudos, poder-se-á destacar que as mulheres portuguesas utilizam menos as TIC do que os homens.

A este facto não será alheio um conjunto de factores, tais como: a formação inicial e a formação contínua na área das TIC, a igualdade de oportunidades não só para efectuar essa formação, como para poder descobrir as inúmeras potencialidades das mesmas, e ainda, a existência de apetência e atitude positiva para a sua utilização.

<sup>5</sup> Fonte: INE/UMIC, Inquérito à Utilização de T.I.C. pelas Famílias 2002-2006.

## CAPÍTULO 4 - A FORMAÇÃO

### 4.1. ... DE PROFESSORES

A formação de professores na área das novas tecnologias é uma aposta que tem já algum tempo de vida mas que não pára (nem pode parar), de crescer.

Suportado pela experiência do projecto Minerva (88/89), o ME criou o programa Nónio Século XXI, ao abrigo do despacho 232/ME/96, de 4 de Outubro (NÓNIO, 2006). É objectivo deste programa intervir apetrechando, formar, cooperar e avaliar a difusão e aplicação das TIC nas escolas portuguesas, estimulando a sua utilização por professores e alunos. A este projecto estão associados os chamados centros de competência e pode-se citar a título de exemplo, o da Universidade do Minho- Nónio século XXI como sendo um dos maiores centros que apoia escolas que estão ligadas a projectos que envolvam as novas tecnologias (DIAS, P.,1999),

Para além destas iniciativas as ME tenta despoletar trabalhos de projecto com ligação à Internet, como é o caso de páginas de escola na rede e outras iniciativas como por exemplo os programas Ciência Viva, Internet na Escola entre outros (NÓNIO, 2002).

A formação inicial de professores tem sido alvo de grandes mudanças e tende a adequar o ensino à realidade, sendo de extrema importância o futuro professor adquirir prática na manipulação das TIC, explorar *software* existente que permita ver, ouvir, experimentar, criar e ainda dominar a utilização de instrumentos que permitam procurar, seleccionar e participar nas redes de informação globais.

Segundo Roberto Carneiro (2001, p.175):

“A humanização das TIC, o seu desenvolvimento com garantias de equidade, assim como o seu controlo democrático, dependem em primeira-mão da educação. Por isso, os professores são convocados a liderar esse processo de transformação social, ao invés de se submeterem passivamente aos seus efeitos e consequências (...) Todos são convidados a serem criadores de conteúdos por exemplo na Internet.”

Num estudo efectuado sobre a formação nas TIC nos cursos de formação inicial de professores, verifica-se que, embora aceitáveis nalguns aspectos, tais como navegação na Internet, utilização de correio electrónico, gestão de base de dados e

outros, os conhecimentos transmitidos são insuficientes. (PONTE, J.P.; SERRAZINA, L.,1998).

Para que o professor deixe de ser intimidado pelo computador e comece a desenvolver as suas capacidades, é necessário que, na sua formação inicial, as TIC sejam utilizadas de forma livre e não apenas nas disciplinas que as integram no seu plano de estudos.

Não se pretende que a formação inicial de professores crie (somente), especialistas em informática, mas é objectivo essencial dessa mesma preparação formar professores que saibam utilizar de forma reflectida as tecnologias adaptadas aos conteúdos que pretendem leccionar, estando conscientes das implicações sociais e éticas das TIC.

No âmbito da FOCO (Formação Contínua de Professores e de Responsáveis pela Administração Educacional), a área das TIC é a que mais incentivos e financiamentos tem tido para poder resolver ou minimizar a falta de qualificação dos docentes na temática em causa.

Como afirma Ponte, (1998, cit. por Ribeiro, 1999, p.45):

“A melhoria da formação não parece dever ser vista como um empreendimento cujos frutos se tornarão visíveis a curto prazo, mas um processo longo de impregnação da vida profissional do professor de uma nova cultura que sirva um desenvolvimento profissional harmonioso, contextualizado e operante visto como uma necessidade incontornável mas não como uma fatalidade.”

Ribeiro (1999), considera que sendo os professores os protagonistas, os actores ou simplesmente os visados, há que ter em conta que é preciso que haja vontade de mudar.

Inúmeros Centros de Formação de Escolas, Centros de Formação e Sindicatos têm realizado acções de formação acreditadas, ao abrigo do PRODEP I, II e III (Programa de Desenvolvimento para Portugal), sendo este o último acordado com a comissão europeia vigorando no âmbito do III Quadro Comunitário, no período de 2000 a 2006.

O PRODEP III tem como eixos prioritários a Sociedade de Aprendizagem, tentando através dos recursos humanos conseguir com apetrechamento informático e ligação em rede generalizada, integrar no processo ensino-aprendizagem todo o potencial que as TIC e a aprendizagem experimental possuem (Diário da República, 2000). Neste contexto, são valorizados como estratégia as acções de formação de

docentes, os planos de apetrechamento das redes de ensino básico e secundário, e a disponibilidade de produção massiva de conteúdos educativos multimédia.

Estas acções têm tido por parte dos professores bastante aderência, embora não seja alheio ao facto essa formação contribuir para os créditos exigidos na progressão da carreira docente. No entanto, existem aqueles que conseguem adquirir conhecimentos e sentem motivação para integrar pouco a pouco as TIC no seu dia-a-dia.

Assim, e conforme refere Ponte (2000), o simples domínio de uma técnica por uma dada pessoa não garante que ela a use com naturalidade, desembaraço e espírito crítico. Quantas pessoas, depois de fazerem um curso de iniciação, nunca mais voltam a sentar-se à frente do computador?

Relativamente à formação a distância, na opinião de Maria Dalvi (2003, p. 474):

“(...) levando em conta a prática... seria interessante utilizar as plataformas existentes nas escolas e proporcionar aos professores a formação à distância, como a aprendizagem via electrónica, o e-learning, levando a autoformação através da prática no mundo digital.”

A mesma autora, considera que a formação *on-line* facilita em muitos aspectos a autoformação pois:

- A formação pode ser acedida a qualquer hora, em qualquer lugar, eliminando a necessidade de cumprir horários e de estar limitada a um espaço físico ou situação geográfica.
- Permite que cada formando aprenda ao seu próprio ritmo e escolha o seu estilo de aprendizagem tanto em modo de colaboração assíncrona – em que não existe interacção em tempo real entre formador e formandos e a comunicação baseia-se em fórum ou e-mail, e síncrona – na qual o formador e formandos estão interligados através de salas virtuais, conferências de áudio e vídeo por satélite e Internet.
- Os conteúdos poderão ser personalizados e adaptados às necessidades de aprendizagem.
- Existe um estímulo à auto-aprendizagem – o formando (e não o formador), é que define o que quer aprender. O formador é somente um guia ou tutor cuja função é auxiliar o aluno.

Assim, a juntar a estas vantagens, pode-se considerar a redução de custos em viagens, a diminuição do número de salas de aulas a utilizar para além de o número de utilizadores (formandos), ser quase ilimitado.

No entanto, como em todas as inovações, são apontadas críticas (ou desvantagens) do *e-learning*:

- A ausência de uma interação humana entre professor e aluno,
- A maior exigência aos formandos de auto-motivação e auto-disciplina (Ibidem).

Ainda relativamente ao processo de formação de professores, dever-se-á ter em conta que se tratam de adultos. No percurso profissional do professor, um momento de formação contínua terá sempre como objectivo melhorar de algum modo o seu desempenho profissional. Sobre este assunto, Ribeiro (1999, p.55) considera que:

“A motivação que leva o professor a escolhê-lo, seja a progressão curricular, o interesse particular ou simplesmente a progressão na carreira, constitui uma parte importante relativamente às condições com que parte para a formação e que afectará todo o desenrolar do processo formativo. (...) O sucesso da formação é, em última análise, aferido pela repercussão que vai ter no desenvolvimento profissional do professor.”

No entanto, a mesma autora sublinha que o desenvolvimento profissional de cada professor é da sua inteira responsabilidade, criticando o facto de muitos professores continuarem a achar que o seu papel é receber formação, não se assumindo como os protagonistas que deveriam ser (Ibid., p. 57).

Citando as conclusões retiradas após o Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação pelas Famílias em Portugal, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2005, p. 6):

“As competências adquiridas ao nível da utilização de computador e de Internet são, maioritariamente, devidas a processos de auto-aprendizagem, à medida que se utilizam as tecnologias (85% dos indivíduos) e à ajuda de colegas, familiares e amigos (8% dos indivíduos).”

No que concerne à auto-formação em Informática e em TIC, com base no estudo efectuado por Jacinta Paiva (2002b, p. 70), os professores do sexo masculino investem muito mais do que as colegas professoras. Quantitativamente esse estudo concluiu em termos de género, que dos professores que dizem ter auto-formação, 40% são mulheres e 60% são homens.

No ano de 2006 a formação de professores no âmbito das TIC não foi considerada área prioritária de formação contínua de professores, tendo sido considerado, com a constituição da Equipa de Missão Computadores, Redes e Internet na Escola em Julho de 2005, que seria criado um Quadro de Referência para a Formação Contínua de Professores no domínio das TIC (QR-FormProfTIC'06) (CRIE, 2007):

“Para 2007 a formação nas TIC foi considerada prioritária e decorre de acordo com os referenciais a publicar pela CRIE. Neste contexto, em articulação com a CRIE e o PRODEP, e face aos resultados já obtidos, por um lado, e a desejável estabilidade, por outro, entendeu-se que o Quadro de Referência para a Formação Contínua de Professores no domínio das TIC manterá praticamente as mesmas características do anterior.” (CRIE, 2007).

Assim, o Quadro de Referência da Formação Contínua de professores na área das TIC – 2007, resultado do Programa “Ligar Portugal” e das orientações do ME para esta área deverá incorporar entre outros, os seguintes princípios:

Ter como primeiro objectivo a utilização das TIC pelos alunos nas escolas;  
Integrar modalidades mistas (“blended”), com uma componente presencial e outra à distância e com o apoio de plataformas de aprendizagem “on-line”;  
Estar contextualizada com o trabalho quotidiano com o professor, prevendo uma componente prática de trabalho na escola;  
Incluir momentos de auto-formação e proporcionar formação inter-pares (“peer-caching”) (CRIE, 2007).

Como conclusão, é sobejamente evidente que a formação contínua em tecnologias, é fundamental para o desenvolvimento profissional dos docentes, pois sendo um processo sempre em evolução, implica o frequentar não de uma, mas de várias acções de formação. A qualidade dessas acções de formação está intimamente ligada não só com a duração, mas com o empenhamento mostrado pelos professores no sentido de se auto formarem e de tentarem ultrapassar dúvidas e receios.

#### **4.2. ... DE CRIANÇAS/JOVENS**

Na formação de crianças e jovens existem inúmeras escolas de iniciação à informática mas, sendo a maioria de foro privado, implicam custos para os seus formandos, limitando, assim, desde logo, o seu acesso por parte de pessoas de classes mais desfavorecidas.

Ao nível do currículo do ensino básico e secundário, de acordo com as Recomendações do Grupo de Avaliação e Acompanhamento da Implementação da Reforma do Ensino Secundário, a leccionação da disciplina TIC deverá ser antecipada no ensino básico com o objectivo de garantir que todos os alunos, à saída do 9º ano, estejam habilitados a usar ferramentas TIC no quotidiano e na vida escolar (GAIRES, 2007, p.12).

No que respeita à formação profissional em regime de alternância, sistema de aprendizagem (Dec. Lei 102/84, de 29 de Março e 436/88, de 23 de Novembro),

existem imensas ofertas de formação na área das novas tecnologias, tais como: Técnico de Informática nível II e III, Autocad, etc., para além de todos os cursos profissionais, independentemente das saídas para o mundo do trabalho, possuem uma grande carga horária para conhecimento e exploração das TIC.

Esta formação é financiada pelo FSE (Fundo Social Europeu), ao abrigo do PRODEP e está ligada ao Ministério do Trabalho e Solidariedade Social (ANEFA, 2001).

#### **4.3. ... DE ADULTOS**

Na formação de adultos e reconversão profissional, a informática faz parte de alguns cursos também financiados pelo FSE como por exemplo os NOP (Nova Oportunidade Profissional), que substituíram os P.F.E. (Plano Formação Emprego) e ainda Cursos de Educação e Formação de Adultos (despacho conjunto nº 1083/2000, de 20 de Novembro), (LEITÃO, 2001).

Estes cursos estão no âmbito do PRODEP III e são tutela do Instituto de Emprego e Formação Profissional, que pertence ao Ministério do Emprego e da Solidariedade em parceria com o Ministério da Educação – ANEFA (Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos).

A título de exemplo, as acções [s@BER](#) +, que pertencem à ANEFA, abrangem diferentes domínios de formação e contam como áreas prioritárias:

- Literacia Tecnológica
- Internet

Os Cursos EFA (Educação e Formação de Adultos), têm vários níveis de qualificação, ao fim dos quais é emitida certificação profissional e a qualificação equivalente :

- 1º Ciclo - Nível I
- 2º Ciclo - Nível II
- 3º Ciclo - Nível III

Nestes cursos, a formação de base tem as seguintes áreas de competência-chave:

- Cidadania e empregabilidade
- Linguagem e comunicação
- Matemática para a vida
- TIC

Ao nível da revalidação de competências dos adultos, com experiência profissional, a informática é parte integrante e importante do currículo para obter a certificação, quer escolar quer profissional.

## CAPÍTULO 5 – INFOEXCLUSÃO

Na opinião de Marçal Grilo (2002):

“ A exclusão é hoje um fenómeno universal de contornos difusos, mas muito perturbador da vida das sociedades modernas, uma vez que coloca em situação de grande fragilidade camadas de população que perdendo a sua autonomia económica, acabam por ficar completamente à margem dos que têm acesso à riqueza, entrando numa situação de grande pobreza e dependência.”

As tecnologias de informação têm como risco o contribuir para a divisão da sociedade em dois grupos:

- Uns com acesso aos benefícios da sociedade de informação e do conhecimento;
- Outros, excluídos dessa oportunidade em consequência de não poderem utilizar (por não terem os conhecimentos necessários, abertura cultural ou recursos), estas novas tecnologias.

É que a sociedade de informação, por um lado, valoriza o factor humano ao transformar o conhecimento e a informação em capital (o mundo da tecnologia também se configura como uma forma de inclusão social), mas por outro, desqualifica os analfabetos das tecnologias.

O meio de combate a essa desigualdade de condições de acesso é o sistema de ensino. As escolas (desde o ensino básico ao secundário), terão que desempenhar um papel fundamental na eliminação de assimetrias (PINTO, M.L.S., 2002).

O fenómeno da infoexclusão poderá não atingir apenas as camadas mais baixas e desqualificadas da sociedade. São abundantes os fenómenos de infofobia e impreparação para a utilização das tecnologias por parte de classes que, por princípio, têm acesso a elas, mas que, tradicionalmente, não as utilizavam. Opostamente, não se deve também esquecer que começam a ser imensos os fanáticos da informática, não tanto em qualidade, mas em quantidade e com especial incidência nas camadas mais jovens, o que merece também um criterioso reflectir.

O número de famílias que dispõe destes novos instrumentos de informação e comunicação ainda está bastante aquém do desejável, apenas classes sociais mais elevadas investem nas tecnologias, e a informática é encarada como instrumento de

educação complementar, contrariamente a classes mais desfavorecidas em que a informática é mais identificada pelo seu lado lúdico.

Ao falar de infoexclusão, fala-se também do excesso de informação, da dificuldade em a compreender e integrar e ainda da rapidez com que se esquece.

Parece evidente que quem não souber operar com as TIC será o que se designa por analfabeto funcional e que, em termos concretos, terá uma enorme desvantagem na competição ao nível do emprego e cidadania.

De acordo com a Missão para a Sociedade de Informação:

“Assim sendo, a nova Sociedade marcada pela informação, comunicação e conhecimento, há o risco de um número significativo de pessoas não ter a carta de condução para as auto-estradas da informação...” (MSI, 1997).

A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação no campo educativo são ensombradas a nível mundial pelas disparidades de acesso às mesmas. É que a maioria dos países não possui infra-estruturas necessárias para que isso aconteça.

“Existe um perigo do alargamento do fosso entre países ricos em informação e países pobres em informação que tem preocupado particularmente a UNESCO. (DIOGO, F., 1998).

A utilização das novas tecnologias da informação e comunicação não é homogénea nos vários sectores económicos e sociais.

A nível de educação, existem opiniões que justificam esta situação e defendem:

- Que os agentes educativos pouco ou nada utilizam o computador e equipamento tecnológico, devido à anterior experiência com outras tecnologias e que em nada mudaram a educação;
- Que o desempenho do educador depende mais da interação humana do que da utilização para concretizar objectivos das tecnologias;
- Que o factor económico, o pouco incentivo e a impossibilidade de aquisição de novas tecnologias, devido a cortes orçamentais, desmotiva a sua utilização;

Se as “velhas tecnologias” e de baixo custo, ainda que essenciais, não chegam a todos os centros educativos, então o mesmo sector não comporta inovações mais dispendiosas.

Entre os inúmeros obstáculos que travam a difusão das tecnologias na educação, figura com distinção o obstáculo orçamental. Na opinião de Marques (1998), para muitos, a democratização das tecnologias é essencialmente uma questão de capacidade

económica e recursos financeiros. O mesmo autor defende que as tecnologias são muito dispendiosas, não só em termos de investimento inicial como do investimento resultante da rápida desactualização e, para além disso, é necessário não esquecer os avultados investimentos que a introdução das tecnologias requer, por exemplo, em termos de investigação e com funcionamento e manutenção de sistemas de formação de pessoal, com despesas de telecomunicação, etc.

Na sessão da Assembleia Geral sobre Tecnologias da Informação e Comunicação em prol do Desenvolvimento (SHOBOKSHI, 2002), foi declarado que em muitos países do mundo as TIC continuam a ser sub utilizadas, a margem de manobra dos orçamentos nacionais em matéria de equipamento é muito escassa. Os países em desenvolvimento, por exemplo, apesar de conhecerem as suas necessidades no domínio das TIC, precisam do apoio da comunidade internacional para satisfazer tais necessidades.

Todos os investimentos são objecto de balanço: custo/benefício. Ora, segundo esta perspectiva, nem todas as escolas vão estar apetrechadas do mesmo modo, e como consequência, favorecem a desigualdade, em termos de oportunidade de acesso ao conhecimento e informação.

O modesto uso do computador em escolas portuguesas no momento actual, está relacionado e dependente do número existente nas escolas e com o facto de essas existências incluírem um grande número de modelos antigos que pouco mais proporcionam do que o processador de texto e não permitem explorar *software* multimédia. Regra geral, os equipamentos são insuficientes para permitirem à maioria de professores e alunos utiliza-los de forma banal.

A construção da escola de massa ou escola para todos, tem sido marcada, em Portugal, por um significativo atraso face a outros países desenvolvidos e, em particular, aos parceiros da União Europeia. Estudos estatísticos (DIAS, P.; FREITAS, C.V., 1999), continuam a referir grandes taxas de analfabetismo. Todavia, os portugueses têm mostrado uma enorme capacidade de adaptação face a novas situações e particularmente em relação a questões de novas tecnologias, como os cartões Multibanco, a Via Verde na auto-estrada e a utilização de telemóveis.

No que respeita à utilização do serviço de mensagens escritas dos telemóveis (SMS - Short Messaging Service), segundo um estudo noticiado pelo Observatório da Sociedade da Informação e do Conhecimento (OSIC, 2005), nove em cada dez portugueses comunicam por mensagens escritas. De destacar, segundo a mesma

referência, que as mulheres portuguesas são as que mais as utilizam como comunicação curta/rápida (53,1%) .

Não deixa de ser contraditório um persistente atraso, mas uma enorme adopção dessas tecnologias...

A evolução pedagógica está intimamente ligada à evolução da tecnologia em virtude da pedagogia poder contar com meios/recursos para fomentar não só a transmissão de conteúdos como ser um estímulo à motivação para aprendizagem. No entanto, o facto das tecnologias evoluírem não significa que toda a situação mude na generalidade.

Ao mesmo tempo que as máquinas melhoram, há pessoas que resistem à mudança.

São disso exemplo as pessoas, que sentindo dificuldade em perceber a utilidade e funcionamento de todos os botões de um dispositivo, preferirão não os usar, ao invés de correr o risco de mostrar a sua ignorância.

### **5.1. TECNOFOBIA E TECNOLATRIA...**

A tecnofobia é o resultado do medo e recusa da aceitação e uso da tecnologia.

A tecnolatria, ao inverso da primeira, é o encarar a tecnologia como potencial resolutor e libertador de todo o progresso humano.

A nível educacional, a atitude tecnófoba é considerar que as tecnologias de informação e comunicação têm efeitos destrutivos da cultura educacional. Na opinião de Dias e Freitas: (1999, p.45):

“ (...) num Universo em que tudo comunica, sem que saibamos a origem da emissão, sem que possamos determinar quem fala , o mundo técnico ou nós mesmos, nesse Universo sem hierarquias, ou em que estas se entrelaçam, onde a base é o cume, a comunicação morre por excesso de comunicação e culmina num ponto interminável, agonia de espirais (...)”

Da tecnolatria fazem parte os optimistas exacerbados das TIC, que consideram que estas, nas mãos dos agentes educativos, são poderosos auxílios das práticas educativas, conduzindo os processos de construção do conhecimento.

Este ponto de vista argumenta que com as TIC se institui um novo “sistema inteligente” de aprendizagem, onde as escolas são substituídas por canais de hiper-

aprendizagem localizados, quer no local de trabalho, quer em comunidades, quer em casa.

Estas duas perspectivas são desequilibradamente de oposição e desconhecimento da realidade tecnológica e escolar.

## **5.2. CONTRA A INFOEXCLUSÃO...**

Os níveis de literacia tecnológica básica são ainda em Portugal (como noutros países), baixíssimos. Assim, deverão estar previstas atitudes que contrariem essa má realidade.

Deverão ser condições prioritárias:

- A escola e a família (principais formadores e dinamizadores da educação e aprendizagem dos homens e mulheres de amanhã):

“Só uma navegação conjunta – pais, professores, crianças e adolescentes pelos oceanos da informação, da comunicação, do conhecimento e sobretudo da vida pode alcançar um são equilíbrio neste presente conturbado.” (MSI, 1997).

- As empresas e os centros de formação que deverão requalificar os cidadãos de hoje.
- A Formação ao longo da vida e, em especial, a formação contínua de

professores. Segundo o Director Geral da UNESCO:

“Os professores devem ser bem preparados e condignamente recompensados pelo seu trabalho, materiais educativos adequados devem ser amplamente fornecidos e as escolas devem ter condições saudáveis, confortáveis e conducentes a um ensino e aprendizagem eficazes” (DIOGO, F., 1998).

- O Acesso Universal e gratuito às TIC em espaços públicos devidamente equipados tais como escolas, bibliotecas, associações culturais, redução substancial dos tarifários de telecomunicações e do preço de materiais informáticos para utilização na educação e cultura.

O papel da escola e os desafios aos professores são aspectos fundamentais.

Todos os professores (e não apenas uma minoria de entusiastas), deveriam ser conhecedores das utilizações das novas tecnologias, serem competentes nessas mesmas utilizações e conscientes das vantagens e limitações do seu uso.

Deverá ser cada vez melhor a evolução dos cursos iniciais de professores e educadores e ainda programas de “*life long learning*”, isto é, formação ao longo da vida (GARCIA, C.M., 1999).

É consensual o facto de os professores ensinarem utilizando o mesmo modelo da sua formação, só o estágio e as primeiras experiências de formação mudam de forma inigualável os futuros professores. Assim, é prioridade a introdução de estratégias que implementem a integração e abordagem curricular das TIC na formação inicial de professores, não como disciplinas independentes, mas com inter relação aos currículos das diferentes didácticas.

A sociedade através de organismos estatais, associações, sindicatos e outras, deverão promover, urgentemente, a criação de formação gratuita na área de utilização básica das TIC, de forma a alcançar a actualização pessoal e até a reconversão a nível profissional.

A escola dita obrigatória deverá ser reformulada a vários níveis de modo a que o meio educativo e o processo de ensino-aprendizagem consigam a introdução do jovem na sociedade de informação. Para isso é fundamental:

- O espaço sala de aula ter outro formato e outro tipo de mobiliário (não ser só a sala de informática a ter computadores);
- Ligar a prática pedagógica e em concreto a sala de aula ao mundo exterior, através das redes informáticas;
- Redefinir o tempo de aula: as tecnologias de informação não devem ser definidas por horas lectivas, mas por objectivos a alcançar;
- Os manuais escolares podem ser cada vez mais interligados a suportes informáticos – *software* multimédia.

Os custos da tecnologia estão a baixar, mas poderiam ainda reduzir mais, na medida em que a procura está a aumentar.

Para além de todas estas condições, deverá haver, principalmente, uma mudança a nível de mentalidades dos educadores e professores. Gostar de aprender e praticar o que se teorizou é fundamental.

Uma das lacunas que os próprios professores dizem sentir é que, após terem frequentado um curso relacionado com a aplicação das TIC, não praticam e por isso esquecem. Para que o sistema de ensino se mantenha actualizado e vivo, os docentes e todos os intervenientes educativos têm que interiorizar o conceito de inovação, têm que

actualizar constantemente a sua formação (a inicial rapidamente fica obsoleta), *life long learning*.

A partilha de conhecimentos, o trabalho em equipa, contribui para uma introdução de mudanças qualitativas na prática pedagógica. Uma formação (não tanto tecnicista mas pedagógica), no domínio das TIC, para além de uma ferramenta, é uma estratégia contributiva para a motivação e apetência para a inovação. A formação contínua de docentes é condição fundamental para uma educação de qualidade.

Assim, sendo a utilização das TIC uma questão transversal, não pode ser somente confinada a números devendo-se por isso reflectir na atitude de género face à mesma.

## **CAPÍTULO 6 - A SITUAÇÃO DAS MULHERES EM PORTUGAL**

De acordo com o estudo de género, Homens e Mulheres em Portugal – 2006, do INE (2006, p.7), as mulheres residentes em Portugal são em maior número do que os homens. Em 2005, por exemplo a população residente perfaz 10 570 milhares de indivíduos sendo que deste total, 5454 milhares são mulheres.

### **6.1. A EDUCAÇÃO**

Com base no estudo Portugal 2001, Situação das Mulheres (CIDM, 2001, p.58-64), a proporção de mulheres sem nenhum grau de instrução continua a ser mais elevada que a dos homens. Reflexo da situação das mulheres mais idosas e todo um historial que favorecia o ensino para os alunos de sexo masculino contraposto ao aprender de artes domésticas das jovens do sexo feminino.

Contrariamente a esta situação, o mesmo estudo indica-nos que as mulheres representam actualmente mais de metade da população habilitada com ensino superior (64,5%).

“Em 2000, dos portugueses com menos de 35 anos, habilitados com grau de ensino superior, 62,8% eram mulheres.” (Ibidem).

Em 2002, dos portugueses pertencentes à mesma faixa etária habilitados com grau de ensino superior, 67,1% eram mulheres (CIDM, 2004a, p. 57).

De acordo com Rebelo (2005), as portuguesas têm vindo a procurar, progressivamente, aumentar o seu nível de estudos superiores: é esta a estratégia que encontram para aceder a postos de trabalho outrora dominados por homens.

Segundo o estudo Perfil de Género, INE, 2005, cit. em CIDM (2006, p.2), o nível de instrução da população com 15 e mais anos mostrava que a proporção de mulheres com nenhum grau de instrução continua a ser mais elevada do que a dos homens (17,7 e 8,7 respectivamente). Em contrapartida segundo a mesma fonte, as mulheres representam cerca de 60% da população habilitada com ensino superior.

As mulheres, apresentam em qualquer grupo etário, percentagens de conclusões no ensino superior mais elevadas do que os homens. (INE, 2006, p.22).

Ao nível da Ciência, Mariano Gago (ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), falando durante a abertura do I International Congress “Women in Science”, promovido pela Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, considera que é preocupante a Europa ter poucas mulheres na Ciência, quer pelos níveis de competitividade, quer pela conciliação das vidas familiar e profissional, mas salientou que a situação de Portugal é uma das melhores (43% de mulheres cientistas) (GAGO; M., 2005).

Portugal é o único país europeu onde mais de 50% do corpo de investigadores em actividade nos laboratórios de estado são mulheres, sendo o segundo com percentagem mais elevada de investigadores do sexo feminino enquadrados em instituições do ensino superior (cf. European Commission 2003: 29) (CARDANA, I., 2005, p.2).

Um sector específico, no entanto, apresenta um panorama preocupante. Trata-se das TIC, que sendo uma área de maior importância revela não atrair facilmente as mulheres (CIDM, 2006).

Com base no estudo, Contributos para a caracterização da Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino Superior e no Sistema de Ciência e Tecnologia em Portugal, de Teresa Lemos e Nuno Boavida (2006), citados em CIDM (2006, p.4):

“ (...) a distribuição por **género** no sector TIC é a inversa da distribuição nacional. Por exemplo, 60% dos inscritos pela primeira vez em todos os cursos do ensino superior em 2003-2005 eram alunos do sexo feminino, enquanto que no sector TIC só 15% eram mulheres. Quando analisados à saída do sistema de ensino superior, a percentagem de diplomadas no total dos cursos foi de 67%, enquanto que no sector das TIC apenas 21% correspondem a diplomas obtidos por mulheres.”

No que diz respeito à formação em TIC no ensino superior, de acordo com informação produzida pelo Observatório da Ciência e do Ensino Superior (OCES) e apresentada na publicação A Sociedade de Informação em Portugal 2006, os cursos de ensino superior de TIC têm sido predominantemente frequentados por homens, sendo que, no período do ano lectivo de 1997/98 ao de 2004/05, a repartição entre homens e mulheres nos matriculados no ensino superior em cursos de TIC, pela 1ª vez e no 1º ano, foi-se acentuando, com a percentagem de homens a aumentarem cada ano, mesmo partindo de um valor bastante elevado (81%), tendo chegado a 85% (INE/UMIC, 2006).

Estes valores, bastante esclarecedores e determinantes da situação das mulheres portuguesas ao nível da formação superior em TIC são confirmados através da análise da tabela n.º 11, retirada da publicação anteriormente citada.

**TABELA N.º 11: EVOLUÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE DIPLOMADOS EM TIC, POR GÉNERO<sup>1</sup>**  
**1997/1998-2003/2004, (%) Total de diplomados em TIC**

	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04
<b>Homens</b>	71,5	74,7	74,6	76,7	77,6	79,3	79,2
<b>Mulheres</b>	28,5	25,3	25,4	23,3	22,4	20,7	20,8

Esta “inferioridade numérica” leva a concluir que o interesse das mulheres por estas áreas é diminuto e, segundo Isabel Cardana (2005, p.3):

“ (...) consequência directa do reduzido número de raparigas que ingressam em cursos superiores nestes domínios.”

Não se pode deixar de relacionar este facto com uma herança de um passado recente do sistema escolar português, onde a divisão entre escola técnica e comercial e liceu, embora já não exista, mantém ainda em termos culturais e simbólicos o “liceu” associado aos cursos de humanidades e letras (para as raparigas) e as escolas técnicas associadas, aos cursos científico-tecnológicos para os rapazes.

De acordo com a CIDM (2006,p.3), com base nas estatísticas da Educação 2004/2005, verifica-se, por um lado, a maior orientação das raparigas para os Cursos Científico-Humanísticos (57,9% do total de alunos matriculados) e para os Cursos Gerais (58,5%), e uma menor orientação para os Cursos Tecnológicos (respectivamente 40,4% e 43,6% no 10º ano e nos 11º e 12º anos); quanto ao ensino qualificante (Educação Formação - tipo 4 e 5), do total de matriculados apenas 32,7% são raparigas.

“Não obstante o acesso à educação ser hoje igual para ambos os sexos, continuam a verificar-se elevados níveis de participação masculina e feminina nos sectores profissionais mais tradicionais. Em áreas fundamentais e transversais para a modernização do país, como a das tecnologias de informação, persiste um défice de participação feminina.” (CIDM, 2004b, p. 25).

É essencial que se faça uma reflexão sobre o papel dos professores como forma de ultrapassar esta lacuna de motivação. A introdução da ciência e da tecnologia nos currículos do ensino básico, só será profícua se os professores reconhecerem que

<sup>1</sup> Fonte: OCES/MCTES

também eles – e não apenas as famílias de origem dos alunos – são poderosos agentes de socialização. Isabel Cardana (Ibid, p.7) considera que:

“Não adianta integrar a ciência e a tecnologia no ensino básico como forma de cativar o interesse das raparigas se os próprios professores continuarem a reproduzir concepções que promovem a desigualdade neste domínio.”

No que concerne a acções de formação contínua para professores do ME, na área de TIC, consultando as conclusões da investigação de Jacinta Paiva (2006b, p.75), verifica-se:

“...Dos professores que fazem acções, metade são mulheres e metade são homens.”

Não deixa de ser curiosa esta relação numérica em virtude da percentagem de professoras inquiridas nesse inquérito ser esmagadora, 14 759 mulheres docentes (76,3%) contra 4 578 professores (23,7%). (PAIVA,J., 2006b).

“Também ao nível dos **doutoramentos**, tem havido uma evolução sensível da participação das mulheres, que representaram em 2005, 48,8% do total de doutoramentos realizados ou reconhecidos por universidades portuguesas. De notar, no entanto, que quando se consideram os doutoramentos realizados em Portugal e os realizados no estrangeiro, as taxas de feminização apresentam uma diferença sensível: se as mulheres constituem 50,1% dos doutoramentos realizados em Portugal, são apenas 37% dos realizados no estrangeiro, o que parece indiciar a menor mobilidade geográfica das mulheres, associada provavelmente às responsabilidades familiares.” (CIDM, 2006,p.5).

A desejada evolução do modelo económico e social português, no sentido de uma maior produtividade, implica a necessidade de uma elevação do nível de qualificação da população, opção estratégica consagrada pelo Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social (PNDES), para o período 2000-2006.

Neste contexto, a Formação Profissional financiada pelo Fundo Social Europeu e de acordo com o POEFDS (Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social) (POEFDS, 2005), possuía como prioridade, dentro do quadro de referência das tipologias de projecto, o eixo 4 - Promoção da Eficácia e da Equidade das Políticas de Emprego e Formação, a medida 4.4. Promoção de Igualdade de Oportunidades.

Assim, muitos projectos de formação de activos cujo público-alvo enquadravam 100% mulheres foi financiado, mais ainda quando a tipologia da acção englobava áreas determinantes como é o caso das TIC.

De acordo com a proposta do Programa Operacional Temático no que respeita ao potencial humano 2007-2013 (QREN, 2007, p.93), o eixo prioritário 7 – Igualdade de Género define alguns objectivos prioritários dos quais se destaca:

“Promover a conciliação entre a vida profissional, familiar e pessoal, dando prioridade à criação de condições de paridade na harmonização das responsabilidades profissionais e familiares;”

## 6.2. O TRABALHO

Portugal é um dos países da União Europeia onde a taxa de feminização do emprego é das mais elevadas (PERISTA; H., 2006, p.15).

A elevada participação feminina no mercado de trabalho terá sido impulsionada pelas guerras coloniais, pela emigração nos anos 60/70, etc., mas hoje é reflexo não só de uma necessidade de sustento das famílias como, e essencialmente, na opinião da mesma autora:

“ de uma atitude positiva das mulheres portuguesas para quem o trabalho surge como fonte de sociabilidade, produtor de identidade social e indispensável, não só para a melhoria das condições de vida da família, mas como forma de aumentar o poder negocial no interior da relação conjugal.” (Ibidem).

A mulher está em pé de igualdade face ao homem nos mais diversos aspectos da vida social e familiar, com direitos e deveres, com obrigações e permissões.

A participação das mulheres no mercado de trabalho é um factor muito importante na definição de uma identidade individual. Perista refere ainda que:

“ (...) e tal não entra em contradição com a valorização dada à família. Não obstante, muito mais mulheres do que homens saem e entram no mercado por razões familiares.” (Ibidem).

De salientar que embora a participação das mulheres na força de trabalho tenha vindo a aumentar de forma sustentada em todo o mundo, as desigualdades existentes com base no sexo têm-se mantido em termos de salário e condições de trabalho.

Das diferenças entre mulheres e homens que resultam da sua própria natureza, a maternidade é de todas a mais determinante.

“Se os direitos da mulher não se esgotam na maternidade, também a opção por constituir a família não pode, nem deve, ser impeditiva de uma actividade profissional de sucesso.” (CIDM., 2004b, p.6).

Na opinião de Glória Rebelo (2005, p. 27), com base em recentes dados do INE, que constata que 51,6% da população residente em Portugal são mulheres, confirmamos que apesar de estas estarem desde sempre associadas aos papéis tradicionais na esfera familiar, cada vez mais é hoje sentida a sua presença a todos os níveis de organizações.

“Podemos mesmo afirmar que assistimos à feminização do mercado de trabalho em Portugal: o nosso país apresenta hoje uma taxa de actividade feminina de 65,6% (o mesmo é dizer que 6,5 em cada 10 trabalham). (...) Portugal é aquele que conheceu a evolução mais rápida e acentuada no espaço de 30 anos: as portuguesas passaram da inactividade dominante à actividade contínua.” (Ibidem).

Esta situação é bastante curiosa se considerarmos que contrariamente a outros países europeus ainda não existem apoios, flexibilização de horários de trabalho, nem partilha de tarefas domésticas e familiares.

“Tomando aqui ainda em conta o conjunto UE 15, se na maioria dos países a explicação para o movimento crescente de participação das mulheres no mercado de trabalho se deve à flexibilização das formas de trabalho, em particular à expansão do trabalho a tempo parcial, que permitiu taxas de actividade feminina elevadas em países como a Holanda, a Dinamarca, a Suécia ou a Finlândia (observando-se aqui uma verdadeira conciliação entre maternidade e vida profissional), em Portugal, a situação é distinta. No nosso país, o aumento da taxa de actividade feminina não se prende com o desenvolvimento do trabalho a tempo parcial: **as mulheres rejeitam-no por traduzir uma diminuição real muito substantiva no seu “magro salário”** e, conseqüentemente poder significar, para muitas, perda de independência económica, o aumento dessa taxa prende-se sim com o significativo aumento das qualificações. (Ibidem).

Dá que as mulheres portuguesas, se vejam tantas vezes obrigadas a conciliar responsabilidades familiares com uma actividade profissional de forma desordenada, tal como nos sublinha Perista, (2006, p.17):

“ (...) restando às mulheres acumular jornadas de trabalho diário, embora se verifique existirem situações diferentes para as mulheres de classes sociais mais desfavorecidas. (...) e para as mulheres das classes sociais favorecidas, que delegam as tarefas domésticas a outras.”

Estas situações, continuam a contribuir para uma diferenciação e uma dominância de valores que não só precarizam e penalizam o trabalho das mulheres, como continuam a ser remetidas para lugares menos favoráveis do que os ocupados por homens.

Ao nível, por exemplo da participação política, em 2005, a percentagem de indivíduos no Governo Central (Ministros, Secretários de Estado), é de 90% homens e 10% de mulheres (INE, 2006, p.37). A representatividade feminina é pouco notória.

As mulheres portuguesas podem continuar a “queimar as pestanas” com os estudos, adiar o casamento e o nascimento do primeiro filho que os homens ainda continuam a ter os empregos melhores e mais bem remunerados.

Com base em indicadores da CITE (Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego), em Portugal entre 1995 e 2000, as mulheres auferiam cerca de 77% da remuneração média mensal de base dos homens. Em 2002, registou-se uma melhoria, atingindo o valor correspondente a 80,5%. A diferença salarial de género é mais acentuada quando se considera o ganho mensal (que engloba outras componentes salariais de carácter geralmente discricionário) – neste caso, a diferença salarial entre mulheres e homens atinge, em 2002, 22,8% (CITE, 2004).

Relembra-se que os contextos profissionais das áreas de informática e da electrotecnia são fortemente masculinizados sendo factores condicionantes o estereótipo social e a falta de interesse das mulheres (CARDANA, I., 2005, p.11).

De facto, verifica-se que a mulher, embora tente manter a sua presença de forma activa e contínua no mercado de trabalho, apresenta maiores dificuldades no que respeita à gestão (da falta) de tempo por causas atribuídas quer à maternidade quer à conjugalidade. Citando a mesma autora:

(...) exigências da profissão (horários de trabalho prolongados, deslocações frequentes), e as responsabilidades familiares que recaem mais frequentemente sobre as mulheres.”(Ibid., p. 12).

É também opinião de Joana Barbosa da Associação Mulheres em Acção que :

“Apesar de já se ter começado a despoletar a sensibilidade das entidades para os custos do conflito entre trabalho, família e vida pessoal –... Desmotivação, redução da produtividade e da competitividade – o problema ainda não é suficientemente valorizado.”(BARBOSA, J. 2005,p.2).

A mesma autora (Ibidem), refere que embora se reconheçam alguns esforços praticados em matéria de igualdade de trabalho, as desigualdades persistem e traduzem-se frequentemente numa precariedade do emprego. O direito à igualdade de acesso ao emprego, o direito à igualdade salarial, o direito de protecção de maternidade através da participação activa do homem na partilha de responsabilidades, são factores que contribuem para uma melhor harmonia profissional e familiar. Permitem às mulheres mais tempo de dedicação à vida profissional.

Reflectindo numa das condicionantes da produtividade da mulher, cita-se Helena Perista (2006, p.24):

(...) o tempo de trabalho não pago é um factor que determina (e restringe) o tempo que pode ser despendido no trabalho pago, mas também o rendimento pessoal e as oportunidades (e as escolhas) de realização pessoal (...)

O tempo de trabalho não pago das mulheres é substancialmente superior ao dos homens conforme se pode verificar nos gráficos da figura n.º 1 retirados na publicação anteriormente citada.

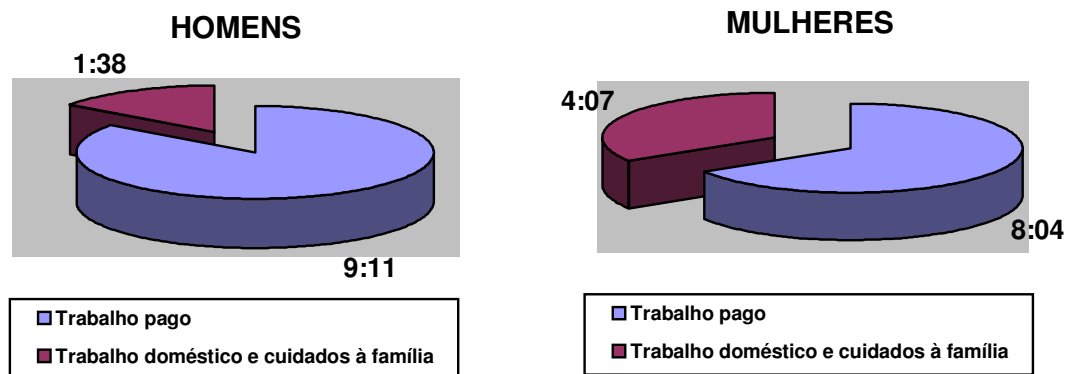


FIGURA N.º 1: DURAÇÃO MÉDIA DAS DIFERENTES FORMAS DE TRABALHO DA POPULAÇÃO COM EMPREGO, POR SEXO (hh:mm)<sup>2</sup>

Analisando os gráficos e considerando apenas a população empregada, verifica-se que os homens despendem em média, 9 horas e 11 minutos à actividade profissional (trabalho pago) e 1 hora e 38 minutos ao trabalho doméstico e cuidados à família (trabalho não pago), enquanto que as mulheres afectam uma média diária de 8 horas e 4 minutos à sua actividade profissional e 4 horas e 7 minutos ao trabalho doméstico e cuidados à família.

Citando Janne Matlárý (2002, p.40):

“Ter filhos significa que, após o horário normal de trabalho, entramos no “segundo turno”, o que só deixa de acontecer quando eles já estão crescidos. Passada a idade da amamentação, os pais conseguem fazer quase tudo o que é necessário tão bem como as mães (...)

<sup>2</sup> FONTE: PERISTA, H. (2002) “Género e Trabalho não pago :os tempos dos homens e os tempos das mulheres” in CIDM (2006)

Numa entrevista ao jornalista José M. Garcia Pelegrin da Revista Mundo Cristiano, Ursula Von der Leyen, Ministra Alemã da Família, refere que só é possível desempenhar altos cargos políticos ou profissionais existindo uma conciliação entre o mundo laboral e familiar. O seu exemplo pessoal é pertinente, tem 47 anos e é mãe de sete filhos mas destaca:

“Em primer lugar, es importante el hecho de que a mi marido le gusta ser padre, pues los hijos requieren tiempo. Por outro lado, estoy en una posición com una cierta libertad para decidir el horario de trabajo.”(GARCIA PELEGRIN, J. M., 2006, p.12.).

Em Portugal na assistência a menores predominam as mulheres (INE, 2006, p.33), e considerando o envelhecimento da população considera-se também que para além dos filhos a maioria das mulheres tem a seu cargo a assistência aos ascendentes o que implica uma maior racionalização do factor tempo.

Citando Jutta Burggraf (2007, p.6):

“Se é certo que as mulheres não se mostram unicamente como esposas e mães, muitas são as esposas e mães que o querem ser e há que criar as possibilidades para que o possam ser com dignidade. (...) O desenvolvimento da sociedade depende do emprego de todos os recursos humanos. Portanto, mulheres e homens devem participar em todas as esferas da vida pública e privada.”

Estas considerações ultrapassam as questões feministas seja qual for o conceito de feminismo. A utilização das TIC e a apetência para as utilizar, não deverá confinar-se às questões de natureza educativa, pois a dinâmica da sociedade actual exige cada vez mais literacia tecnológica. Tendencialmente estaremos a caminhar no sentido da igualdade de oportunidades para a realização profissional e pessoal do género feminino. Contudo, haverá necessidade não só de constatar as dificuldades, como tentar colmatalas.

## **CAPÍTULO 7 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

De modo a efectuar a análise das questões, utilizou-se a avaliação de dados quantificados obtidos através dos questionários, com base nos programas SPSS e Microsoft Excel.

### **7.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA**

Foram inquiridas 210 educadoras e professoras do ensino básico e secundário que leccionam em diferentes escolas públicas da área do Porto e Vila Nova de Gaia. No entanto 7 questionários foram anulados por conterem excessivas não respostas.

Assim a amostra é constituída por 203 docentes conforme se pode verificar através da tabela 12.

**TABELA N.º 12: CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA**

Nº de docentes inquiridas	Nº de docentes que responderam
210	203

O grupo de leccionação não foi objecto de seriação, com excepção de não se ter questionado nenhuma professora de TIC, pois como já anteriormente referido, os resultados poderiam não indicar a realidade de utilização das TIC pela generalidade das professoras. É que este grupo disciplinar utiliza-as na sua prática pedagógica diária.

Também preencheram o questionário professoras estagiárias em diferentes grupos de docência.

Após recolha dos questionários, efectuou-se a sua verificação, validação e registo de informação neles constante procedendo depois ao tratamento de dados estatisticamente. Este procedimento, possibilitou elaborar tabelas e gráficos elucidativos dos dados obtidos que se consideraram pertinentes para o estudo em questão.

## 7.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS POR QUESTÃO

De acordo com as respostas obtidas, procede-se à sua apresentação gráfica e numérica.

### 7.2.1. DADOS PESSOAIS

#### 7.2.1.1. QUESTÃO 1 – IDADE

As docentes que constituem a amostra têm idade compreendida entre os 19 e os 62 anos. A faixa etária mais representada situa-se entre os 40 e os 50 anos de idade (44,8%), seguida do intervalo dos 30 e 40 anos (29,1%). Existem 12,3% de docentes com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos, 13,3% com idades compreendidas entre os 50 e os 60 anos e apenas 0,5% possuem mais de 60 anos.

Todas as docentes responderam a esta questão possibilitando assim construir a seguinte tabela de frequências e o gráfico 1.

TABELA N.º 13: IDADE

	F	%
<b>]19;30]</b>	25	12,3%
<b>]30;40]</b>	59	29,1%
<b>]40;50]</b>	91	44,8%
<b>]50;60]</b>	27	13,3%
<b>Mais de 60 anos</b>	1	0,5%
<b>Total respondentes</b>	<b>203</b>	

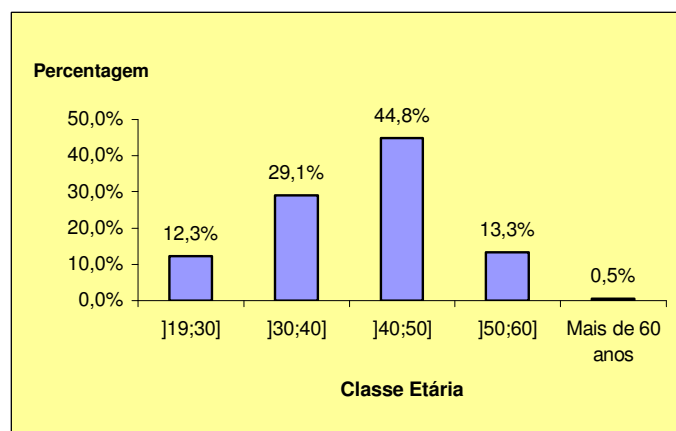


GRÁFICO N.º 2: IDADE

### 7.2.1.2. QUESTÃO 2 – ESTADO CIVIL

A grande maioria das professoras inquiridas são casadas (65%), 20,7% são solteiras e 11,3% são separadas/divorciadas. Existem ainda 3% de docentes viúvas.

TABELA N.º 14: ESTADO CIVIL

	F	%
<b>Solteira</b>	42	20,7%
<b>Casada</b>	132	65,0%
<b>Separada/Divorciada</b>	23	11,3%
<b>Viúva</b>	6	3,0%
<b>Total respondentes</b>	<b>203</b>	

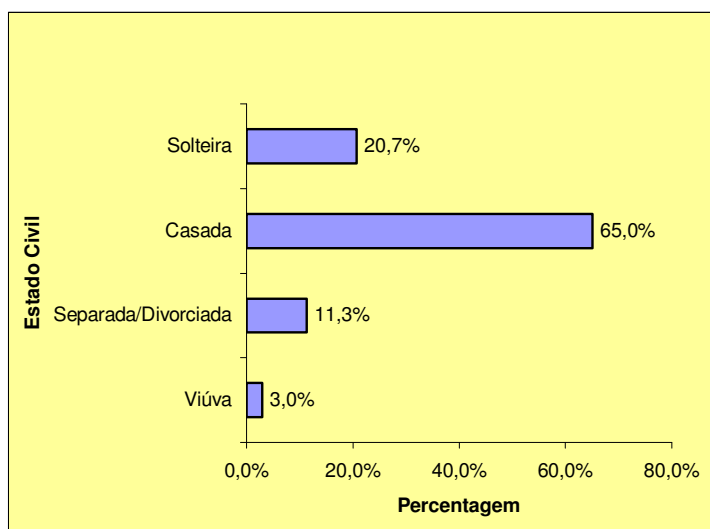


GRÁFICO N.º 3: ESTADO CIVIL DAS DOCENTES

### 7.2.1.3. QUESTÃO 3 – FILHOS

Nesta amostra, a maioria das professoras possui filhos (72,4%), respondeu que não tem (27,6 %) das inquiridas.

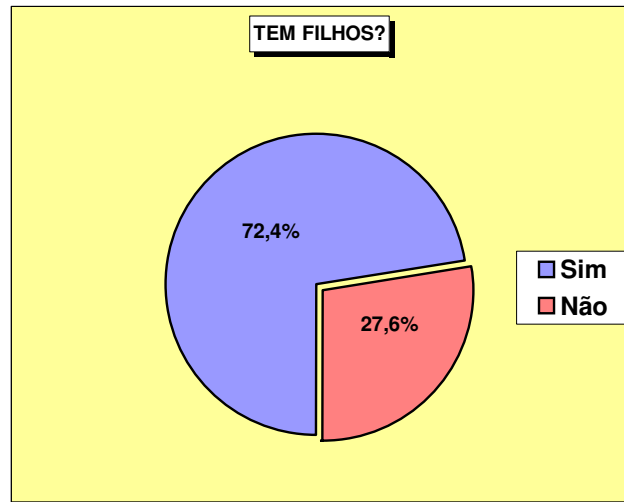


GRÁFICO N.º 4: FILHOS

Das 147 professoras que disseram ter filhos, 33,3% afirma ter apenas 1, 52,4% refere ter dois, 4,8% possui 3, 2% diz ter 4 e 0,7% tem 8. Nesta questão, 6,8% destas docentes não quantifica o número de filhos que possui.

Os resultados obtidos nesta questão permitem afirmar que das professoras inquiridas que são mães, a maioria possui dois filhos 52,4% e 33,3% tem um único filho. Nesta amostra, apenas 7,5% das mães possuem a actualmente designada, família numerosa (três ou mais filhos).

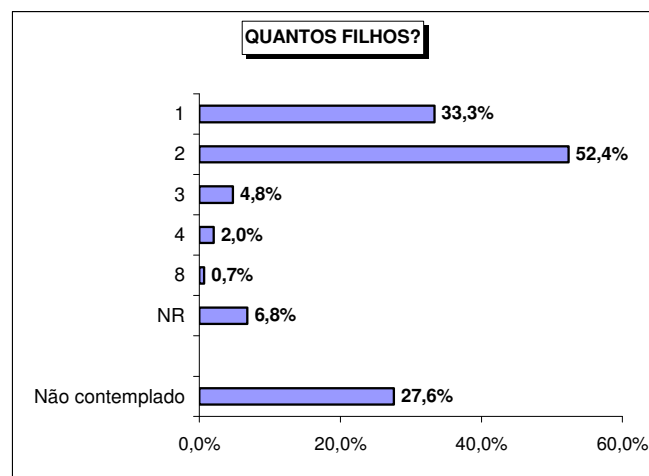


GRÁFICO N.º 5: NÚMERO DE FILHOS

No que respeita à questão sobre número e idades dos filhos, verifica-se através da análise de tabelas de frequências, que 29 docentes possuem 1 filho com idade compreendida entre 0 e 5 anos.

**TABELA N.º 15: NÚMERO DE FILHOS – 0 A 5 ANOS**

Nº de filhos	Idade: 0 a 5 anos	
	F	%
1	29	90,6%
2	3	9,4%
3	0	0,0%
4	0	0,0%

35 Docentes têm 1 filho com idade compreendida entre os 5 e os 10 anos e 9 têm 2 nessa faixa etária.

**TABELA N.º 16: NÚMERO DE FILHOS – 5 A 10 ANOS**

Nº de filhos	Idade: 5 a 10 anos	
	F	%
1	35	79,5%
2	9	20,5%
3	0	0,0%
4	0	0,0%

Dentro faixa etária 10 a 15 anos, 34 professoras tem 1 filho, 5 têm 2 filhos e 1 tem 3 filhos.

**TABELA N.º 17: NÚMERO DE FILHOS – 10 A 15 ANOS**

Nº de filhos	Idade: 10 a 15 anos	
	F	%
1	34	85,0%
2	5	12,5%
3	1	2,5%
4	0	0,0%

30 Professoras possuem 1 filho com idade compreendida entre os 15 e os 18 anos e ainda nesta faixa etária, 2 dizem ter 2 filhos.

**TABELA N.º 18: NÚMERO DE FILHOS – 15 A 18 ANOS**

Nº de filhos	Idade: 15 a 18 anos	
	F	%
1	30	93,8%
2	2	6,3%
3	0	0,0%
4	0	0,0%

26 Professoras da amostra afirma ter 1 filho com mais de 18 anos, 11, 2 filhos dentro desta classe etária, 3 dizem ter 2 e 1 diz ter 4 filhos maiores de 18 anos.

**TABELA N.º 19: NÚMERO DE FILHOS – MAIS DE 18 ANOS**

Nº de filhos	Idade: mais de 18	
	F	%
1	26	65,0%
2	11	27,5%
3	2	5,0%
4	1	2,5%

#### **7.2.1.4. QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL**

As docentes inquiridas são maioritariamente professoras do quadro de escola, 67%. As professoras do quadro de zona pedagógica estão também bem representadas nesta amostra, 17,2%. Existem ainda professoras contratadas 8,9%, e futuras

professoras a efectuar estágio pedagógico, 5,9%. A esta questão uma das docentes não respondeu.

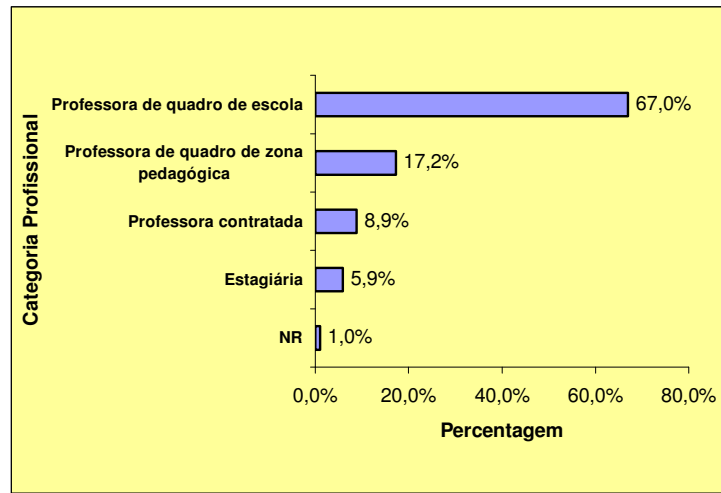


GRÁFICO N.º 6: SITUAÇÃO PROFISSIONAL

#### 7.2.1.5. QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO

As professoras inquiridas leccionam maioritariamente o Ensino Básico sendo que 34,5% são professoras do 3º ciclo, 25,1% leccionam o 2º ciclo e 10,8 % são professoras do 1º ciclo.

As educadoras de Infância (pré-escolar do ensino básico) representam neste questionário 11,8% das inquiridas. A esta questão não respondem 5,4% das docentes.

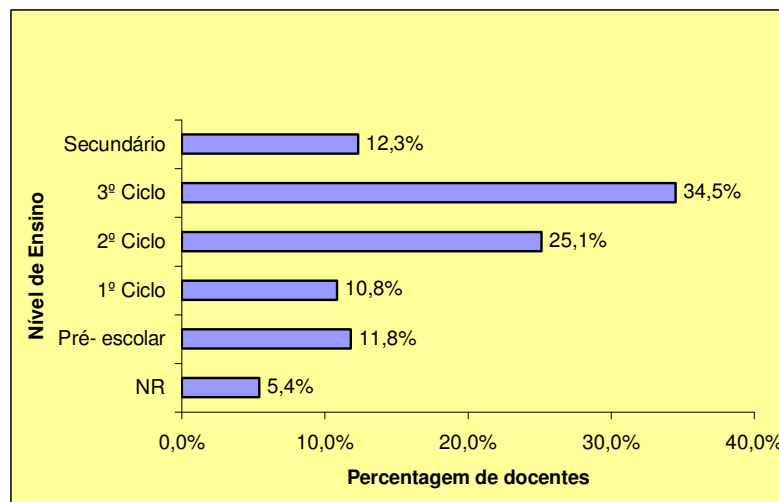


GRÁFICO N.º 7: NÍVEL DE ENSINO LECCIONADO

## 7.2.2. OBJECTO DE ESTUDO

### 7.2.2.1. QUESTÃO 6 – EQUIPAMENTO INFORMÁTICO PESSOAL

A maioria das docentes possui computador, 99,5%, têm impressora, 96,6%, têm ligação à Internet, 86,7%, possuem *scanner*, 80,8%, e 76,8% têm gravador CD/DVD.

Uma das professoras inquiridas afirma não ter computador pessoal.

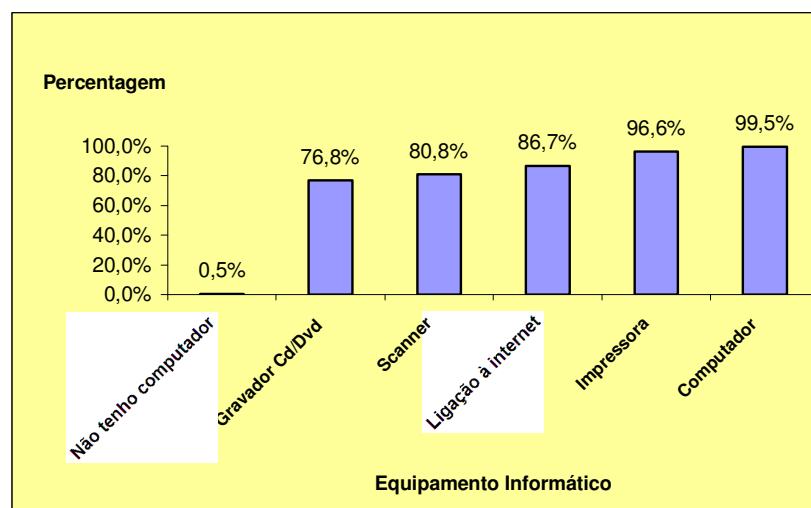


GRÁFICO N.º 8: EQUIPAMENTO INFORMÁTICO QUE POSSUI

Estes dados são bastante representativos da evolução do número de docentes que possuem equipamento informático.

### 7.2.2.2. QUESTÃO 7 – FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR

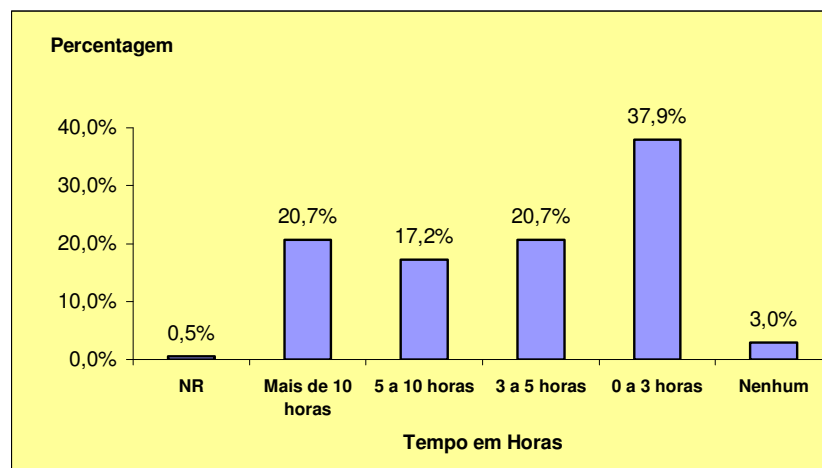
Cerca de 37,9% da amostra utilizam o computador até 3 horas por semana e 20,7% utiliza 3 a 5 horas por semana. Igual número de docentes, 20,7%, utiliza mais de 10 horas semanalmente, 17,2% utiliza entre 5 a 10 horas, e 3%, não despende tempo

nenhum na utilização desta tecnologia. A esta questão não respondeu uma pessoa, o que corresponde a 0,5% dos inquiridos.

**TABELA N.º 20: TEMPO DESPENDIDO NO COMPUTADOR POR SEMANA**

	<b>F</b>	<b>%</b>
<b>Nenhum</b>	6	3,0%
<b>0 a 3 horas</b>	77	37,9%
<b>3 a 5 horas</b>	42	20,7%
<b>5 a 10 horas</b>	35	17,2%
<b>Mais de 10 horas</b>	42	20,7%
<b>NR</b>	1	0,5%
<b>Total respondentes</b>	<b>203</b>	

Esta informação pode ser visualizada através do gráfico 9.



**GRÁFICO N.º 9: TEMPO DESPENDIDO NO COMPUTADOR POR SEMANA**

Estes resultados permitem concluir que, relativamente à amostra considerada e apesar de estatisticamente o número não ser significativo (6 em 203), ainda existem docentes que não utilizam o computador.

Também é possível verificar que a grande maioria de inquiridas não despende muito tempo por semana na descoberta e utilização das potencialidades do computador, pois a percentagem de professoras da amostra que o utiliza somente até 10 horas por semana perfaz 68,8%.

### 7.2.2.3. QUESTÃO 8 – RELAÇÃO COM O COMPUTADOR

No que respeita à relação de utilização do computador, 99% da amostra diz utilizar, 2 pessoas afirmam não o fazer, o que corresponde a 1% da amostra.

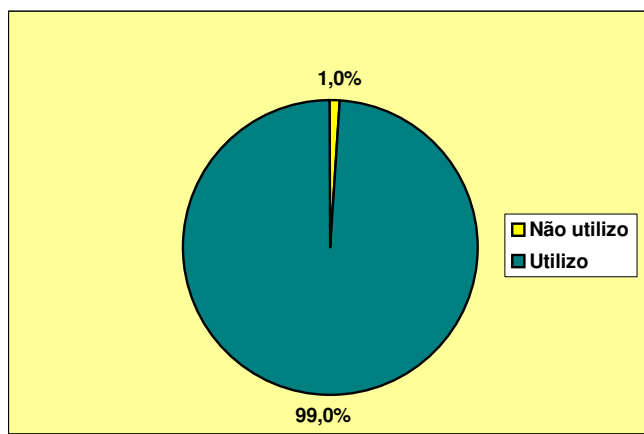


GRÁFICO N.º 10: RELAÇÃO COM O COMPUTADOR

#### Frequência de utilização do computador

Em relação à frequência de utilização do computador por parte das docentes, pela análise da tabela que se apresenta, 47,3% diz utilizar sempre, 45,8% refere utilizar às vezes, 5,5% raramente utilizam e 1,5% diz nunca o fazer.

TABELA N.º 21: FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR

		F	%
<b>Utilizadores computador</b>	<b>Sempre</b>	95	47,3%
	<b>Algumas vezes</b>	92	45,8%
	<b>Raramente</b>	11	5,5%
	<b>NR</b>	3	1,5%
		201	
<b>Não utilizadores</b>	<b>Não contemplado</b>	2	1,0%
<b>Total respondentes</b>		203	

Ainda em relação a esta questão, 1% da amostra (os que dizem não utilizar o computador), são referidos no gráfico 11 como não contemplados.

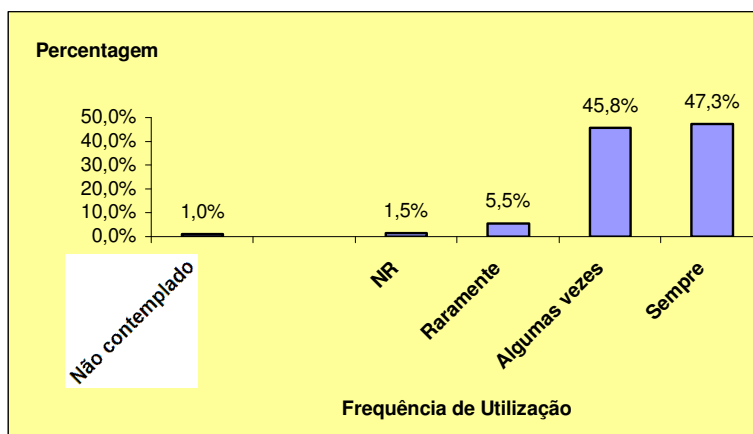


GRÁFICO N.º 11: FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR

### Modo de utilização do computador

Relativamente ao modo de utilização do computador, de acordo com as respostas obtidas elaborou-se a tabela 22.

TABELA N.º 22: MODO DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR

	Sempre		Algumas vezes		Raramente		Nunca	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Uso para processar texto	146	74,5%	47	24,0%	3	1,5%	0	0,0%
Utilizo para efectuar pesquisas na internet relacionadas com os meus interesses	103	53,4%	78	40,4%	10	5,2%	2	1,0%
Utilizo para efectuar compras	2	1,2%	20	12,4%	33	20,5%	106	65,8%
Utilizo para ter acesso a notícias de última hora	16	9,9%	71	43,8%	46	28,4%	29	17,9%
Utilizo para marcar viagens	7	4,4%	34	21,5%	31	19,6%	86	54,4%
Utilizo para comunicar	34	19,9%	89	52,0%	26	15,2%	22	12,9%
Recreativo/jogos	10	6,0%	48	28,7%	56	33,5%	53	31,7%

Assim, após análise da tabela, no que concerne a:

- Processamento de Texto - 74,5% das inquiridas efectua-o sempre, 24%, só algumas vezes, e 1,5% raramente.
- Pesquisas na Internet – Apenas 53,4%, o faz com bastante frequência, 40,4%, algumas vezes, 5,2%, fá-lo com alguma raridade, e 1 % nunca o faz.
- Compras *on-line* – Somente 1,2% das docentes o faz sempre, 20,5%, fá-lo raramente, 12,4%, algumas vezes, e 65,8% não faz compras através da Internet.
- Acesso a Notícias - Apenas 9,9% das professoras utiliza o computador para ter acesso a notícias de última hora sempre, 43,8%, algumas vezes, 28,4%, raramente o fazem, e 17,9% nunca utiliza esta tecnologia para ter acesso a este tipo de informação.
- Marcação de viagens – Apenas 4,4% utiliza o computador sempre para marcar viagens, 21,5%, utiliza algumas vezes este meio para o fazer, 19,6%, raramente o faz, e 54,4% nunca o faz.
- Comunicação através do computador – Apenas 19,9% utiliza o computador para comunicar sempre, 52%, fá-lo algumas vezes, 15,2%, raramente o faz, e 12,9% nunca o faz.
- Recreativo/Jogos – no que respeita às possibilidades lúdicas da informática, apenas 6% das docentes diz utilizar sempre, 28,7%, utiliza-as às vezes, 33,5%, raramente, e 31,7% nunca o faz.

Esta informação pode ser aferida através da análise do gráfico 12.

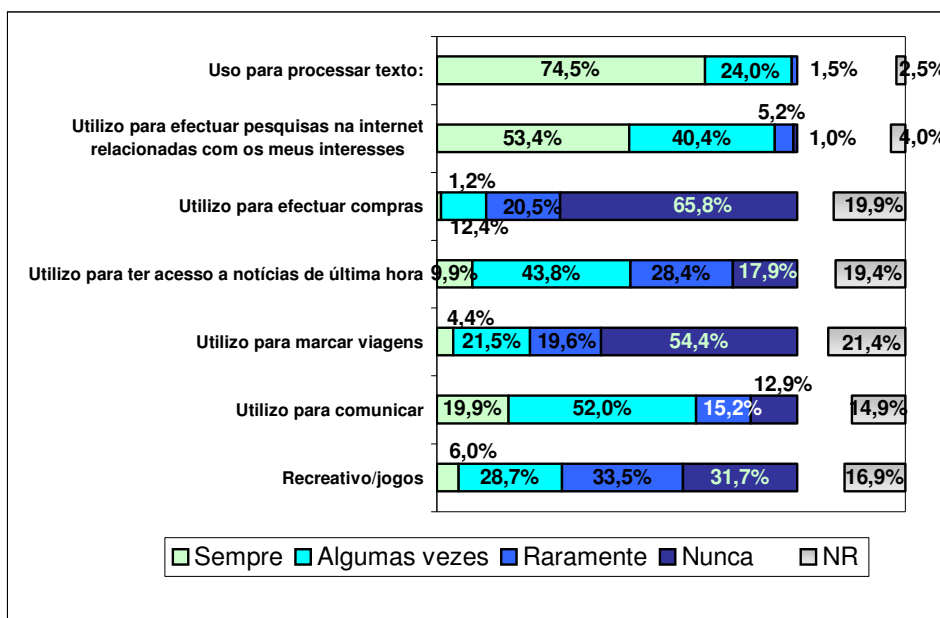


GRÁFICO N.º 12: MODO DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR

Assim, e com base na análise do gráfico de resultados, é possível concluir que as docentes inquiridas que por norma utilizam o computador, efectuam maioritariamente o processamento de texto e pesquisa na Internet de assuntos relacionados com os seus interesses. Esta última possibilidade apesar de ter como adeptas uma maioria, não é tão significativa como a anterior e revela ainda que existe 1% de inquiridas que nunca pesquisa na Internet.

O acesso a notícias de última hora e a comunicação através da Internet, apesar de não ser frequente tem uma maioria de aderentes.

Verifica-se ainda que a grande maioria das professoras desta amostra não utiliza o computador para efectuar compras nem para marcar viagens.

Já a parte lúdica que o computador pode proporcionar apesar de ser utilizada algumas vezes pelas docentes inquiridas, apresenta uma grande percentagem de professoras que raramente o faz, e uma elevada percentagem de não utilizadoras.

#### 7.2.2.4. QUESTÃO 9 – UTILIZAÇÃO DE INTERNET

No que respeita à utilização da Internet questionou-se a amostra sobre os locais onde efectivavam essa utilização. As respostas obtidas possibilitaram a construção da seguinte tabela 23.

TABELA N.º 23: UTILIZAÇÃO DE INTERNET

	Sempre		Algumas vezes		Raramente		Nunca	
	F	%	F	%	F	%	F	%
<b>Em casa</b>	107	55,2%	65	33,5%	14	7,2%	8	4,1%
<b>No trabalho</b>	34	19,5%	104	59,8%	15	8,6%	21	12,1%
<b>Cibercafé</b>	0	0,0%	1	0,8%	10	7,6%	120	91,6%
<b>Em centros comerciais</b>	2	1,5%	8	5,9%	10	7,4%	115	85,2%
<b>Outros locais públicos</b>	2	1,5%	5	3,8%	17	12,8%	109	82,0%

Verifica-se que as utilizadoras efectuam ligação à Internet em casa, 55,2% sempre, algumas vezes, 33,5%, raramente 7,2%, e 4,1% nunca o fazem.

A utilização da Internet no local de trabalho tem a preferência das docentes questionadas, 19,5%, utilizam-na sempre, 59,8%, algumas vezes, 8,6% raramente e 12,1% nunca o faz.

O Cibercafé como ponto de acesso à Internet não tem muitas adeptas na amostra questionada. Assim, verifica-se que apenas 0,8% das inquiridas acedem à *web* algumas vezes, 7,6% raramente, e 91,6% nunca o faz.

A pesquisa na Internet através de pontos de acesso em centros comerciais, também não tem nas docentes inquiridas muito favoritismo. 85,2%, nunca o faz, 7,4%, fá-lo raramente, 5,9%, só o faz às vezes, e apenas 1,5% o faz frequentemente.

No que respeita à utilização da Internet noutros locais públicos, das docentes questionadas 82% nunca o faz, 3,8% às vezes, 12,8%, raramente o faz, e apenas 1,5% fá-lo com frequência.

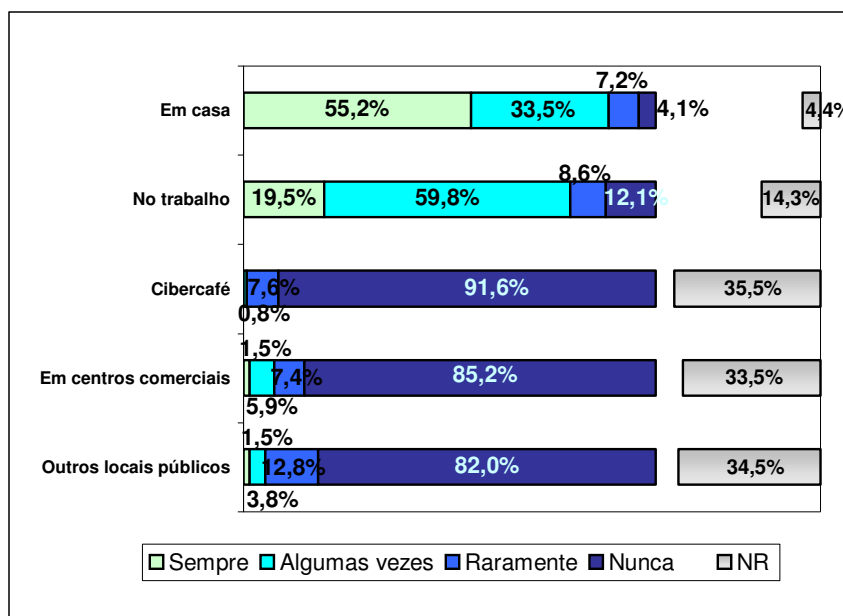


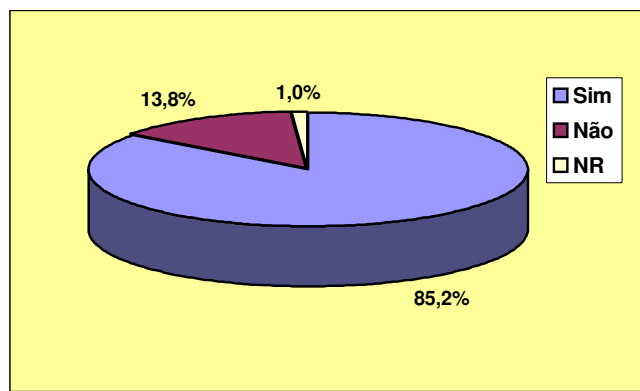
GRÁFICO N.º 13: UTILIZAÇÃO DA INTERNET

#### 7.2.2.5. QUESTÃO 10 – UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

Quando questionadas sobre a utilização de correio electrónico, a maioria de docentes, 85,2%, da amostra deste estudo responde que “sim”. 13,8% responde que não utiliza e 1% das inquiridas não responde a esta questão.

**TABELA N.º 24: UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO (E-MAIL)**

	F	%
<b>Sim</b>	173	85,2%
<b>Não</b>	28	13,8%
<b>NR</b>	2	1,0%
<b>Total respondentes</b>	<b>203</b>	



**GRÁFICO N.º 14: UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO (E-MAIL)**

### Motivos que justificam a não utilização do correio electrónico

Esta pergunta, sendo aberta possibilitou obter as seguintes justificações por parte de algumas das 28 professoras que não utilizam o *e-mail*.

**TABELA N.º 25: JUSTIFICAÇÕES DA NÃO UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO (E-MAIL)**

<b>PORQUÊ DA NÃO UTILIZAÇÃO DO CORREIO ELECTRÓNICO</b>
UTILIZO COMPUTADOR SOMENTE ALGUMAS VEZES
TENHO ALGUMAS DIFICULDADES
PREFIRO OUTRO TIPO DE CONTACTO
NAO TIVE NECESSIDADE ATÉ AO MOMENTO
NAO TENHO TEMPO
NAO TENHO INTERNET
NAO PRECISO
NAO ADQUIRI HÁBITO
FALTA DE CONHECIMENTO
AINDA NAO TIVE NECESSIDADE
AINDA NAO ME HABITUEI
AINDA NAO ESTOU MUITO FAMILIARIZADA

### 7.2.2.6. QUESTÃO 11 – UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL

Quando questionadas sobre a utilização do computador a nível profissional, a maioria, 98%, das professoras da amostra responde que “sim”, 2% diz não utilizar.

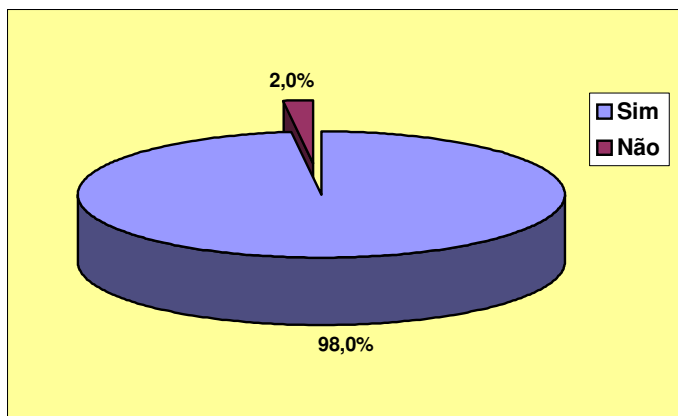


GRÁFICO N.º 15: UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL

#### Finalidade da utilização do computador a nível profissional

O conjunto de docentes que dizem utilizar o computador a nível profissional hierarquiza por grau de importância a finalidade dessa mesma utilização conforme indica a tabela 26.

TABELA N.º 26: FINALIDADE DA UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL

	1- Muito importante		2		3		4		5		6		7- Nada significativo	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Para preparar aulas	100	58,1%	43	25,0%	11	6,4%	5	2,9%	3	1,7%	5	2,9%	5	2,9%
Para elaborar fichas/testes	120	66,7%	30	16,7%	8	4,4%	5	2,8%	7	3,9%	6	3,3%	4	2,2%
Pesquisa na internet de assuntos relacionados com a profissão	77	41,6%	27	14,6%	48	25,9%	17	9,2%	7	3,8%	3	1,6%	6	3,2%
Para projecção	31	21,1%	11	7,5%	19	12,9%	28	19,0%	23	15,6%	16	10,9%	19	12,9%
Para partilhar informação	31	20,3%	17	11,1%	24	15,7%	36	23,5%	28	18,3%	11	7,2%	6	3,9%
Para interacção directa com os alunos em contexto disciplinar	10	7,6%	12	9,1%	15	11,4%	14	10,6%	20	15,2%	29	22,0%	32	24,2%
Com os alunos em clubes, aulas de apoio	15	10,9%	10	7,3%	11	8,0%	10	7,3%	18	13,1%	25	18,2%	48	35,0%

Verifica-se que estas professoras consideram utilizar:

- Para preparar aulas – a maioria, 58,1%, considera muito importante. Apenas 2,9%, considera nada significativo. Neste item não se obteve resposta de 13,6% das inquiridas.
- Para elaborar fichas/testes – 66,7%, considera muito importante esta função. Apenas 2,2%, das inquiridas consideram nada significativo a utilização do computador para elaboração de fichas/testes. A esta questão não responderam 9,5% das docentes.
- Para pesquisa na Internet de assuntos relacionados com a profissão – 41,6%, das docentes considera muito importante esta possibilidade, 14,6% bastante importante, 25,9% também acha importante, etc. Nesta questão, 3,2%, considera nada significativa esta finalidade. Não responderam 7%.
- Para projecção – 21,1% das inquiridas, diz ser muito importante esta finalidade de utilização, e 12,9%, considera nada significativa. A este item não responderam 26,1%.
- Para partilha de informação – 20,3%, das docentes inquiridas consideram muito importante na sua utilização esta finalidade, 3,9%, dizem ser pouco significativo este objectivo de utilização. 23,1%, não responderam.
- Para interacção directa com os alunos em contexto disciplinar – 7,6% das docentes considera muito importante esta finalidade, mas 24,5%, diz que esta utilização não é significativa. Nesta questão um grande número de docentes não respondeu, 33,7%.
- Para utilização com os alunos em clubes, aulas de apoio – Apenas 10,9% das inquiridas considera esta finalidade na sua utilização, muito importante. Para 35% das docentes, esta utilização não é significativa. Não responderam a esta questão, 31,2% das inquiridas.

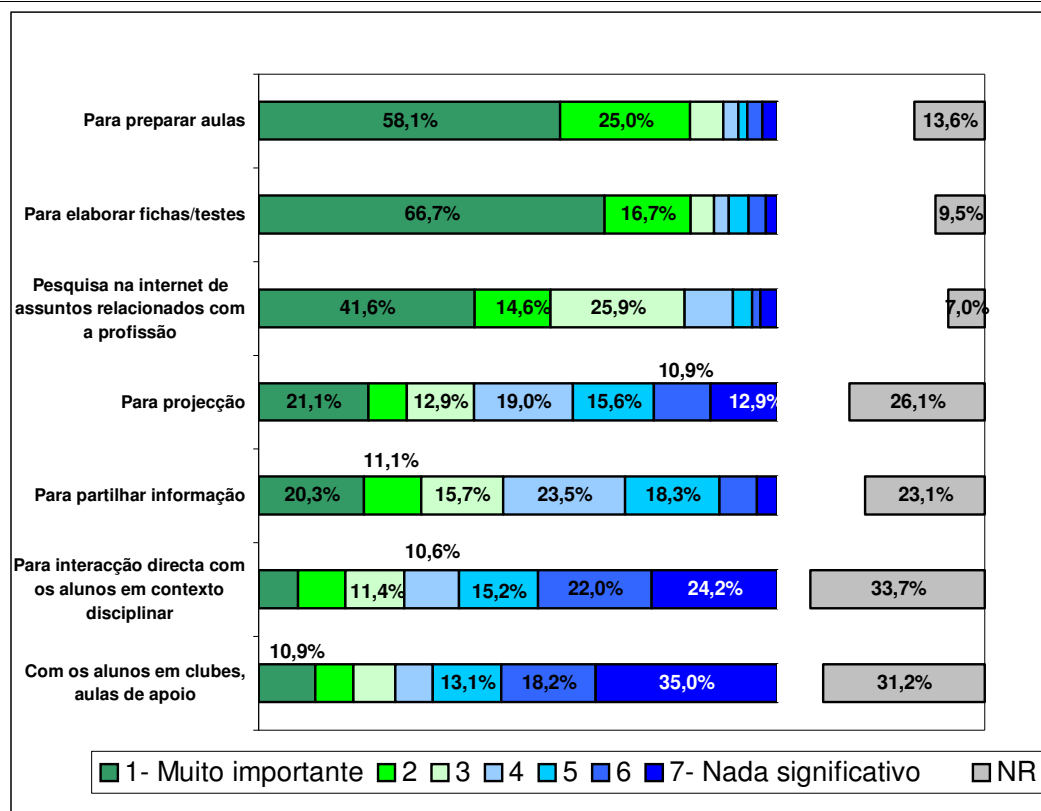


GRÁFICO N.º 16: FINALIDADE DA UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL

Através da análise deste gráfico é possível concluir que a nível profissional o computador é utilizado para múltiplas funções sendo que as docentes atribuem grande importância à sua utilização na: elaboração de testes/fichas, preparação de aulas e para pesquisa na Internet de assuntos relacionados com a profissão.

À projecção e partilha de informação, embora não seja atribuída tanta importância, reúne também alguma aderência. Ambas as possibilidades apresentam um grau de abstenção significativo por parte das inquiridas.

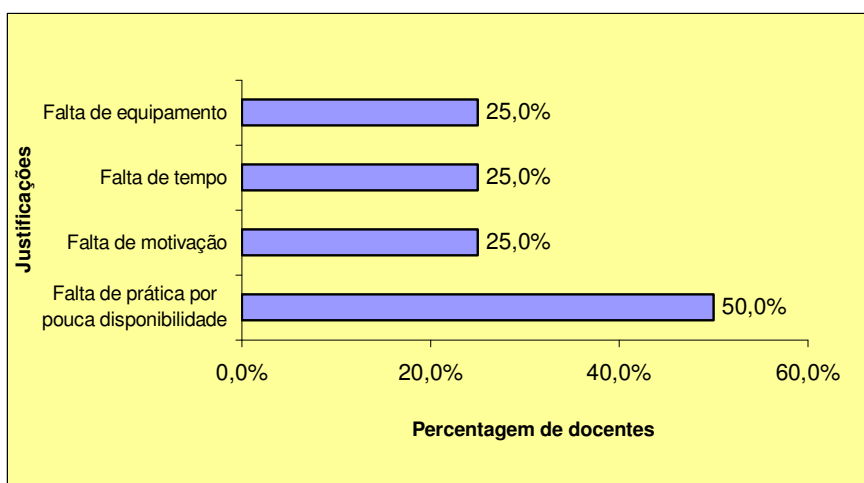
O computador para interacção directa com alunos em contexto disciplinar é ainda pouco utilizado. O mesmo sucede com a utilização desta tecnologia com alunos em clubes e aulas de apoio.

### Justificações da não utilização do computador a nível profissional

Relativamente às docentes que não utilizam o computador a nível profissional, 2%, que corresponde a 4 pessoas, quando questionadas sobre a razão da não utilização, obtiveram-se as justificações que se podem consultar através da tabela 27.

**TABELA N.º 27: RAZÕES QUE JUSTIFICAM A NÃO UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL**

	F	%
<b>Falta de equipamento</b>	1	25,0%
<b>Falta de tempo</b>	1	25,0%
<b>Falta de motivação</b>	1	25,0%
<b>Falta de prática por pouca disponibilidade</b>	2	50,0%
<b>Total respondentes</b>	4	



**GRÁFICO N.º 17: RAZÕES QUE JUSTIFICAM A NÃO UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR A NÍVEL PROFISSIONAL**

50% destas docentes assumem não utilizar o computador a nível profissional por falta de prática. Prática esta relacionada com insuficiente disponibilidade. Também a falta de equipamento é justificativa de não utilização por parte de 25% das inquiridas. Igual número, 25%, justifica como falta de tempo, e outras 25% dizem ser ter falta de motivação para esta aplicação.

#### **7.2.2.7. QUESTÃO 12 – DEDICAÇÃO DE TEMPO À UTILIZAÇÃO DAS TIC**

Relativamente a esta questão, foram sugeridas no questionário algumas hipóteses, que justificassem uma maior dedicação de tempo para a utilização das TIC.

As inquiridas atribuíram a essas hipóteses graus de importância, permitindo assim verificar os itens que mais e menos valorizam.

Observando o gráfico 17, verifica-se (de acordo com o grau de importância), que as docentes inquiridas, consideram que se tivessem mais tempo dedicavam-se mais à utilização das TIC.

Assim, pela análise dos resultados obtidos, verifica-se que:

- Para formação, enriquecimento pessoal – 48,1%, considera muito importante e apenas, 7% não acha pertinente esta justificativa. A esta questão não responderam 7,9% das docentes.
- Para descobrir possibilidades destas ferramentas – 24,6% das inquiridas atribui grande importância a este item, mas 15,6% não disponibilizava muito do seu tempo para esta alternativa. Não responderam a este item, 11,8% das inquiridas.
- Para utilizar em contexto pedagógico – 37,3% das professoras atribui grande importância a este ponto e apenas 5,6% não atribuiria muito do tempo disponível para utilização das TIC, com vista a alcançar este objectivo. Neste item não se obteve 12,8% de respostas.
- Para ajudar os alunos – 23% das inquiridas consideram este objectivo muito importante, no entanto, 14,4% das docentes não dedicava mais tempo à descoberta das TIC para este aspecto. A esta questão não responderam, 14,3%.
- Para navegar na Internet – Apenas 10,7% das docentes da amostra considera muito importante dedicar mais tempo à utilização das TIC para descobrir esta possibilidade e 45% dá pouca importância à navegação na Internet para justificar uma dedicação de mais tempo. Neste item não se obteve resposta de 16,7% das inquiridas.

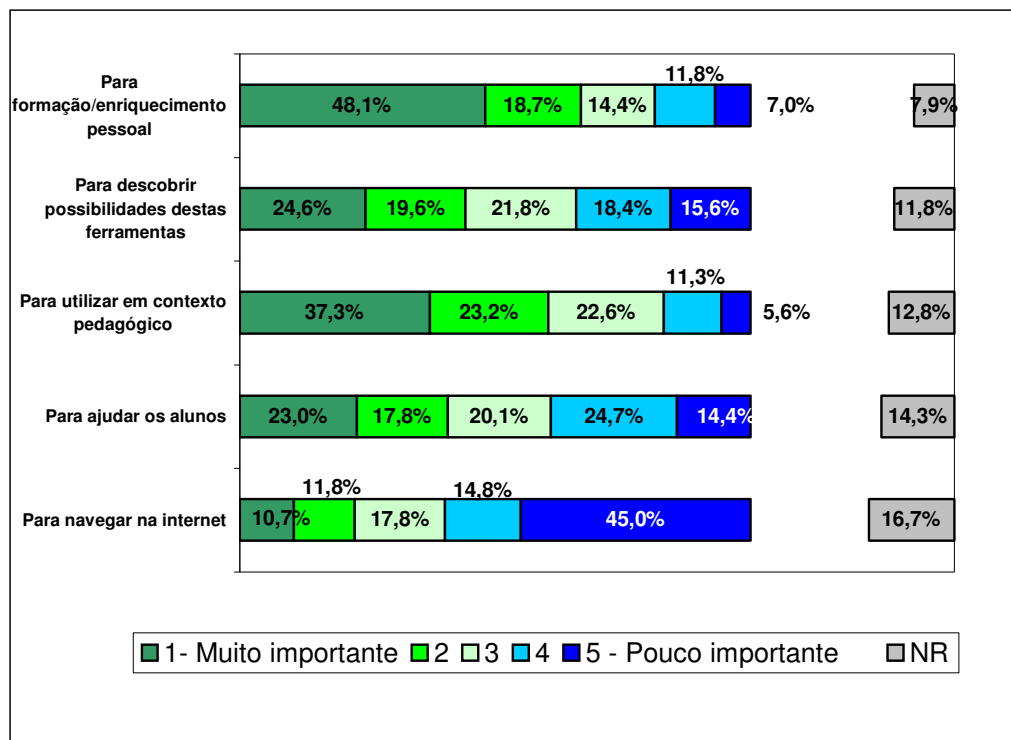


GRÁFICO N.º 18: DEDICAÇÃO DE TEMPO DISPONÍVEL PARA UTILIZAÇÃO DAS TIC

Estes resultados permitem concluir que as docentes questionadas, possuindo mais tempo livre para explorar as TIC, fa-lo-iam valorizando prioritariamente a sua formação e enriquecimento pessoal, 48,1%, para utilizar em contexto pedagógico, 37,3%, para descobrir possibilidades destas ferramentas, 24,6%, e para ajudar os alunos 23%.

A navegação na Internet aparentemente não é suficientemente motivadora para que a grande maioria das professoras questionadas invista mais do seu tempo disponível para a prática nas TIC, apenas 10,7%, considera muito importante, e 45%, destas docentes confere pouca importância a esta ferramenta de pesquisa.

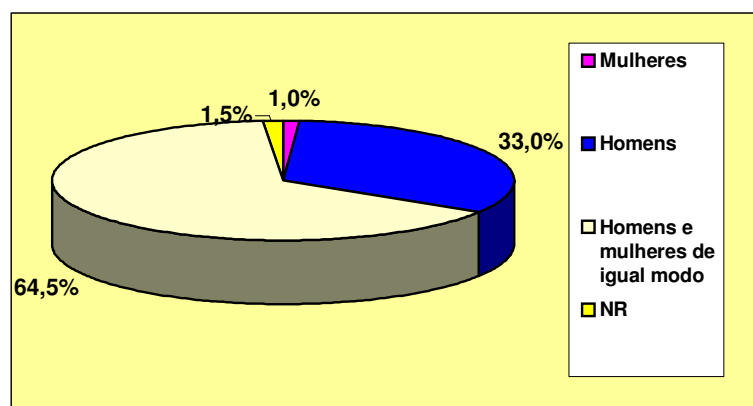
#### 7.2.2.8. QUESTÃO 13 – QUEM MAIS UTILIZA AS TIC...

Através das respostas obtidas nesta questão, construiu-se a tabela n.º 28.

**TABELA N.º 28: QUEM MAIS UTILIZA AS TIC SÃO ...**

	F	%
<b>Mulheres</b>	2	1,0%
<b>Homens</b>	67	33,0%
<b>Homens e mulheres de igual modo</b>	131	64,5%
<b>NR</b>	3	1,5%
<b>Total respondentes</b>	<b>203</b>	

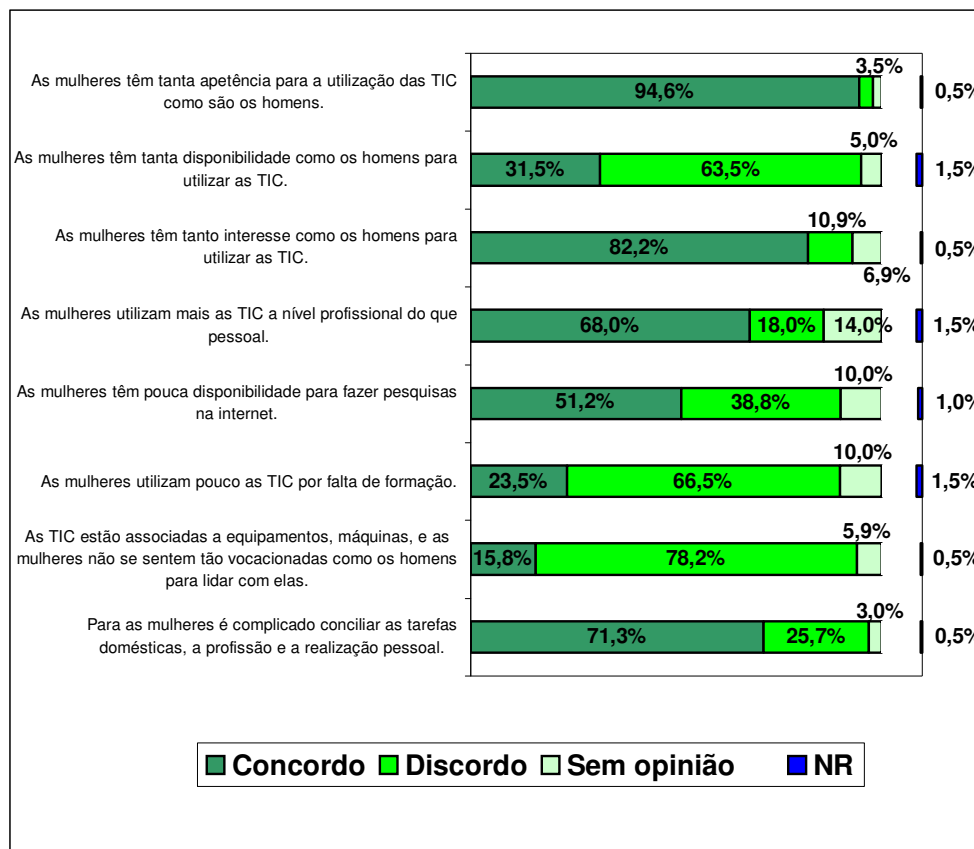
Assim, quando questionadas sobre quem mais utiliza as TIC, conforme sugere a leitura do gráfico n.º 19, a maioria das docentes, 64,5%, responde homens e mulheres de igual modo. No entanto, 33% considera que o sexo masculino é mais utilizador e 1% pensa serem as mulheres. A esta questão não responde 1,5% das inquiridas.



**GRÁFICO N.º 19: QUEM MAIS UTILIZA AS TIC SÃO ...**

### **Opinião relativamente a condicionantes da utilização das TIC por homens e mulheres**

Com vista à obtenção de algumas respostas justificadoras da apetência, disponibilidade, e atitudes face à utilização das TIC por homens e mulheres, efectuaram-se 15 afirmações de modo a que as professoras que constituem a amostra deste estudo, expressem a sua concordância ou discordância com as mesmas. Os gráficos n.º 20 e 21, expressam os resultados obtidos.



**GRÁFICO N.º 20 : OPINIÃO RELATIVAMENTE A AFIRMAÇÕES SOBRE  
CONDICIONANTES DE UTILIZAÇÃO DAS TIC**

94,6% da amostra, concorda que homens e mulheres possuem a mesma apetência para a utilização das TIC. Apenas 3,5%, discorda desta afirmação, e 1,9%, não tem opinião.

No que respeita à afirmação de igualdade de disponibilidade de homens e mulheres para utilizar as TIC, a maioria, 63,5%, não concorda e 31,5% concorda. 5% da amostra, considera não ter opinião relativamente a esta afirmação.

Em relação à afirmação, as mulheres têm tanto interesse como os homens na utilização das TIC, 82,2% concorda, 10,9% discorda, e 6,9% não possui opinião.

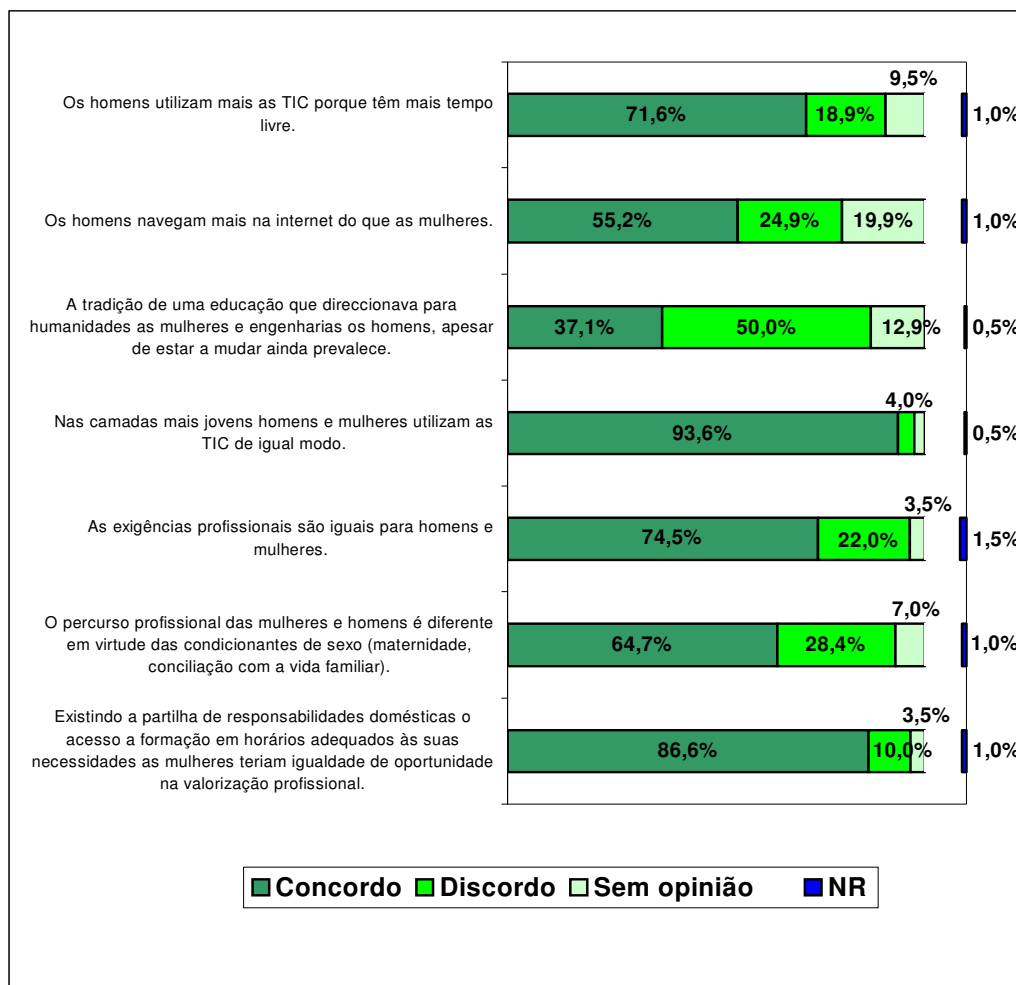
Na afirmação, as mulheres utilizam mais as TIC a nível profissional do que pessoal, a maioria, 68%, concorda, 18% discorda, e 14% não possui opinião sobre a mesma.

51,2% da amostra, concorda que as mulheres têm pouca disponibilidade para fazer pesquisas na Internet, 38,8% discorda, e 10% não tem opinião sobre esta afirmativa.

Relativamente à afirmação, as mulheres utilizam pouco as TIC por falta de formação, 66,5%, discorda, 23,5% concorda, e 10% não tem opinião.

Uma grande maioria, 78,2%, discorda que as TIC estando associadas a máquinas justificam que as mulheres não se sintam tão vocacionadas como os homens para lidar com elas. Apenas 15,8% da amostra concorda com esta afirmação, e 5,9% não emite opinião.

Verifica-se ainda através deste gráfico que 71,3% da amostra, concorda com a frase que afirma que para as mulheres é complicado conciliar as tarefas domésticas, a profissão e a realização pessoal, 25,7%, discorda, e apenas 3% não tem opinião sobre esta declaração.



**GRÁFICO N.º 21: OPINIÃO RELATIVAMENTE A AFIRMAÇÕES SOBRE  
CONDICIONANTES DE UTILIZAÇÃO DAS TIC**

No que respeita à afirmação, os homens utilizam mais as TIC porque têm mais tempo livre, 71,6% concorda, 18,9% discorda, e 9,5% não possui opinião.

55,2% concorda, que os homens navegam mais na Internet do que as mulheres, 24,9% discorda, e 19,9% não emite opinião sobre esta declaração.

Relativamente à declaração que afirma que a tradição de uma educação que direccionava para as humanidades as mulheres e os homens para as engenharias, apesar de estar a mudar ainda prevalece, a maioria, 50%, discorda, 37,1% concorda, e 12,9% não possui opinião.

93,6% da amostra, concorda que nas camadas mais jovens, homens e mulheres utilizam as TIC de igual modo, 4% discorda, e 2,4% não tem opinião sobre esta afirmação.

Em relação às exigências profissionais serem iguais para homens e mulheres, 74,5% das professoras concorda, 22% discorda, e 3,5% não tem opinião.

No que respeita à afirmação, o percurso profissional das mulheres e homens é diferente em virtude das condicionantes de sexo e em especial à maternidade e à conciliação com a vida familiar, 64,7% concorda, 28,4% discorda, e 7% não possui opinião.

A amostra concorda maioritariamente, 86,6%, com a última afirmação (a partilha de responsabilidades domésticas e acesso a formação em horários adequados às necessidades garantiriam às mulheres igualdade de oportunidades), 10% não concorda, e 3,5% não emite opinião.

Assim, analisando as opiniões da amostra deste estudo relativamente a estas afirmações, é possível retirar algumas ilações:

As mulheres consideram ter tanta apetência e interesse como os homens para utilizar as TIC mas utilizam-nas mais a nível profissional do que pessoal. Dizem também que não têm tanta disponibilidade como os homens para essa utilização, e afirmam ainda que têm falta de disponibilidade para pesquisas na Internet.

Estas professoras, concordam que é complicado conciliar as tarefas domésticas, a profissão e a realização pessoal, e afirmam que os homens usam mais as TIC e navegam mais na Internet, porque têm mais tempo livre. Partilham também a opinião, de que nas camadas mais jovens, as TIC são utilizadas de igual modo por homens e mulheres.

Apesar da maioria da amostra concordar que as exigências profissionais são iguais para mulheres e homens, são também de opinião que o percurso profissional é

diferente, em virtude de algumas condicionantes de sexo, como é o caso da maternidade e da conciliação do trabalho com a vida familiar.

Estas docentes, discordam que seja a falta de formação que justifica a pouca utilização que possam fazer das TIC, assim como não concordam que as mesmas estejam associadas a máquinas, e que por isso não estão tão vocacionadas como os homens para lidar com elas. Também a justificativa que a tradição educativa de direccionar mulheres para letras, e homens para engenharias, apesar de estar a mudar ainda prevalece, tem uma maioria de discordantes.

Uma esmagadora maioria da amostra, subscreve a ideia que existindo partilha de responsabilidades domésticas e acesso a formação em horários adequados às suas necessidades, as mulheres, teriam igualdade de oportunidades na valorização profissional.

### 7.3. ANÁLISE DO CRUZAMENTO ENTRE ALGUMAS QUESTÕES

#### 7.3.1. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 1 – IDADE E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO

##### 7.3.1.1. QUESTÃO 1 – IDADE COM A QUESTÃO 3 – FILHOS

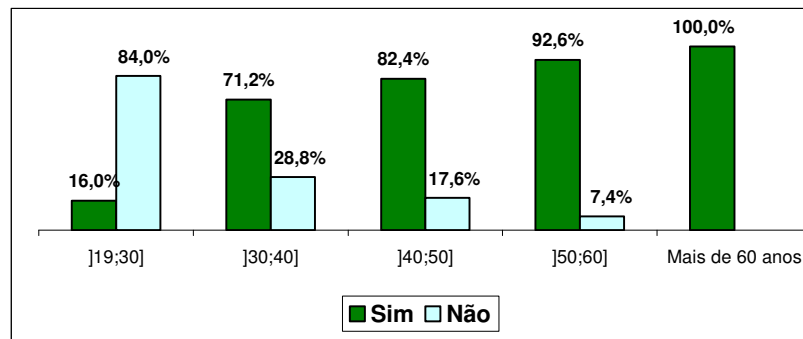


GRÁFICO N.º 22 : CRUZAMENTO DE IDADE COM FILHOS

Pela análise da tabela verifica-se que as docentes mais jovens da amostra possuem poucos filhos. É na faixa dos 30 aos 40 anos que a maternidade começa a ser mais evidente.

##### 7.3.1.1. QUESTÃO 1 – IDADE COM A QUESTÃO 6 - EQUIPAMENTO INFORMÁTICO

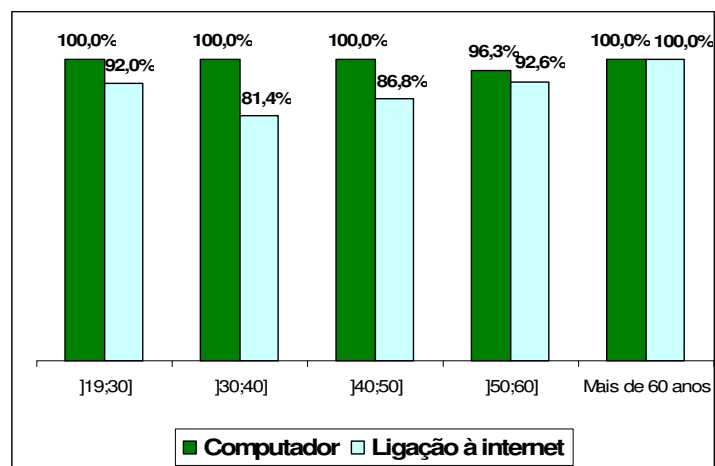


GRÁFICO N.º 23: CRUZAMENTO DE IDADE COM EQUIPAMENTO INFORMÁTICO

Através da análise do gráfico, verifica-se que todas as docentes com idades compreendidas entre os 19 e os 50 anos, bem como as docentes com mais de 60 anos, possuem computador. Na faixa etária 50-60, 96,3%, não possui computador.

Possuem ligação à Internet, 92% das docentes com idade compreendida entre os 19 e os 30 anos, 81,4% com idade compreendida entre os 30 e os 40 anos, 86,8% na faixa etária dos 40 aos 50, e 92,6%, das inquiridas com idade entre os 50 e os 60 anos.

As docentes com mais de 60 anos também possuem ligação à Internet.

A idade parece não ter relação directa com o equipamento informático que os professores possuem.

### 7.3.1.2. QUESTÃO 1 – IDADE COM A QUESTÃO 7 - TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR

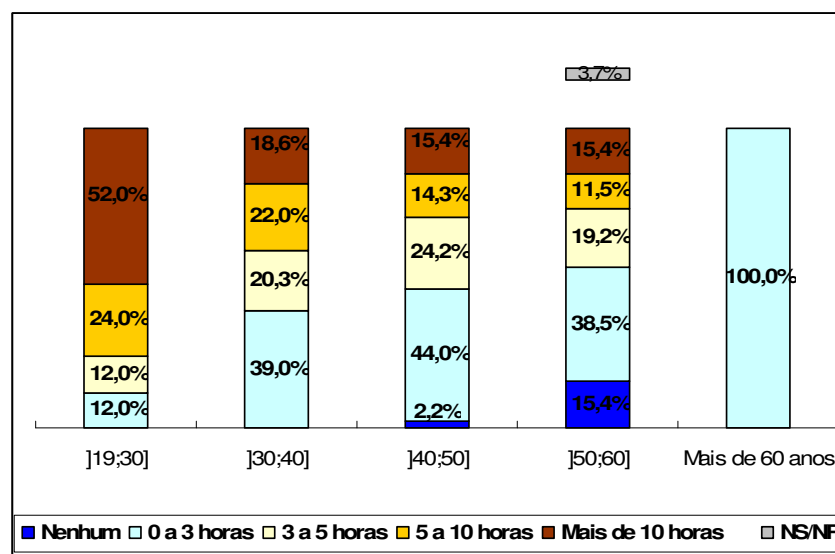


GRÁFICO N.º 24: CRUZAMENTO DE IDADE COM TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR

Através da leitura do gráfico, no que respeita à utilização do computador mais de 10 horas por semana, verifica-se que o fazem 52%, na classe etária 19 aos 30, 18,6% no intervalo dos 30 aos 40 anos e 15,4% na faixa etária dos 50 aos 60. De destacar ainda que existem 2,2%, de docentes com idades compreendidas entre os 40 e os 50 anos e

15,4%, na faixa etária dos 50 aos 60, que não despendem tempo nenhum no computador.

É possível constatar que o tempo despendido no computador por semana, está inversamente relacionado com a idade, isto é, à medida que a idade aumenta diminui o tempo de utilização do computador. Assim, à semelhança de estudos citados, conclui-se que as professoras, quanto mais jovens, mais tempo despendem no computador.

### 7.3.1.3. QUESTÃO 1 – IDADE COM A QUESTÃO 8 – FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO

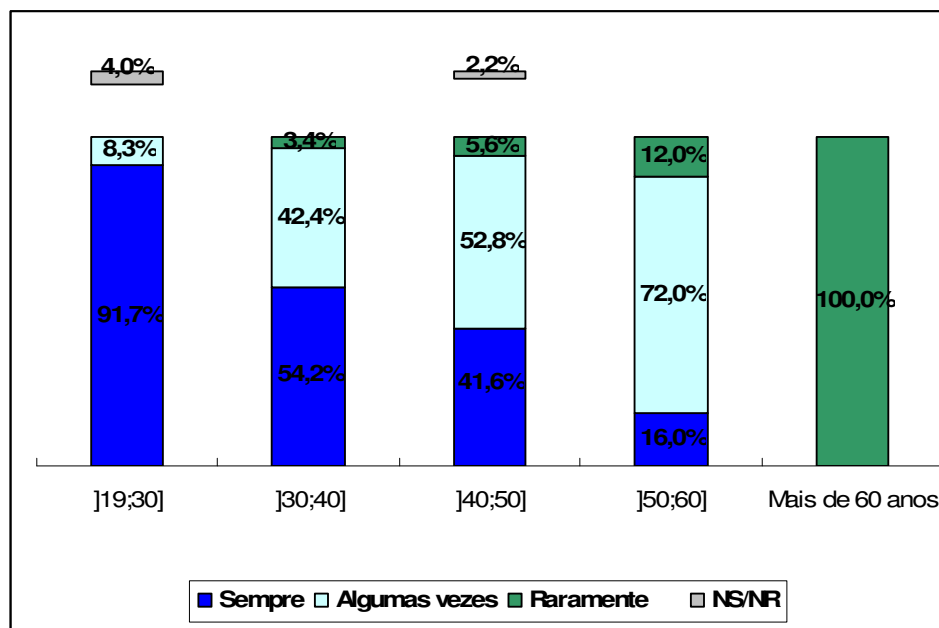


GRÁFICO N.º 25: CRUZAMENTO DE IDADE COM FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO

Através da análise do gráfico, verifica-se que a frequência de utilização é inversamente proporcional à idade. Quanto mais jovens mais utilizam o computador.

A faixa etária 19 aos 30, é a mais utilizadora, 91,7% utiliza sempre, e 8,3% fá-lo algumas vezes. Das professoras com idades compreendidas entre os 30 e os 40 anos, apenas 54,2% utiliza sempre, 42,4% algumas vezes, e 3,4% raramente utiliza o computador. Das docentes com idades compreendidas entre os 40 e os 50 anos, apenas 16% utiliza sempre, 72%, algumas vezes, e 12%, raramente utiliza. A docente que possui mais de 60 anos assume raramente utilizar.

### 7.3.1.4. QUESTÃO 1 – IDADE COM A QUESTÃO 8.2.1. – MODO DE UTILIZAÇÃO

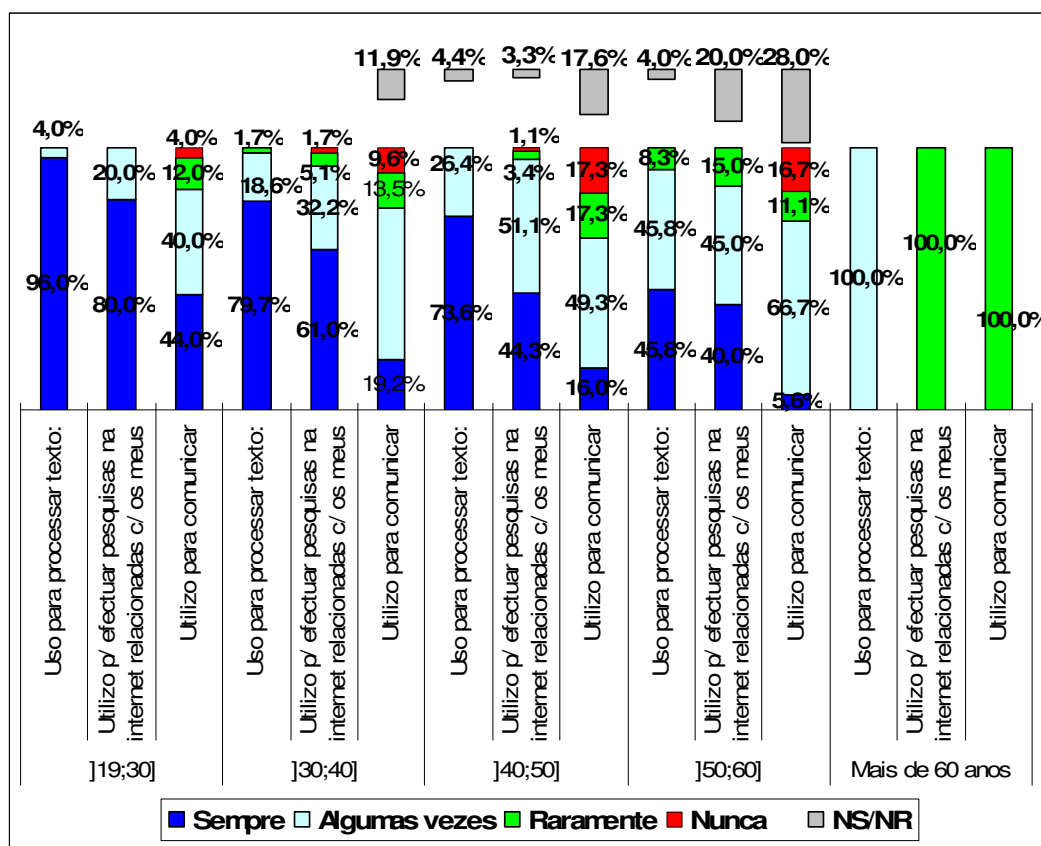


GRÁFICO N.º 26 : CRUZAMENTO DE IDADE COM MODO COMO UTILIZA

Analisando o gráfico, relativamente ao modo de utilização do computador, é possível efectuar uma comparação entre resultados, de acordo com as possibilidades:

- Texto – é a aplicação mais utilizada pela amostra, 96%, na faixa etária 19 aos 30, 79,7%, na classe dos 30 aos 40 anos, 73,6%, na classe dos 40 aos 50 anos, e 45,8%, na classe compreendida entre os 50 e os 60 anos. A docente com idade superior a 60 anos utiliza esta função somente algumas vezes. Verifica-se que à medida que a idade aumenta menor é a percentagem de utilizadoras.
- Pesquisas na Internet – A faixa etária mais baixa, (19 aos 30), é a que utiliza sempre em maior percentagem, 80%. Esta percentagem vai decrescendo à medida que avança a idade; 61%, na faixa dos 30 aos 40 anos, 44,3% na faixa dos 40 aos 50 anos e 40% nas idades compreendidas entre os 50 e os 60 anos. A docente com mais de 60 anos raramente pesquisa na Internet. De destacar ainda,

que das docentes com idades compreendidas entre os 30 e os 40 anos, 1,7% nunca faz pesquisas na Internet.

- Comunicação – A possibilidade de utilizar o computador para comunicar é também mais explorada pela faixa etária mais baixa, 44% sempre e 40% algumas vezes. Analisando o “sempre” nesta questão, verifica-se que à medida que a idade aumenta decresce a percentagem de utilizadoras. Dos 19 aos 30 anos, 44%, dos 30 aos 40, 19,2%; dos 40 aos 50 anos, 16%, e dos 50 aos 60 anos, 5,6%. Contrariamente, no que respeita ao “nunca”, à medida que a idade aumenta, aumenta também a percentagem de respostas. Assim a percentagem de professoras que diz nunca utilizar o computador para comunicar, é de 4%, na classe dos 19 aos 30 anos, 9,6%, na classe dos 30 aos 40 anos, 17,3%, na classe dos 40 aos 50 anos, e 16,7%, na faixa etária dos 50 aos 60.

É possível concluir que a idade está também relacionada com o modo de utilização do computador, e as professoras mais jovens são as que mais utilizam as diversas aplicações. Esta realidade é ainda mais acentuada, no que respeita às pesquisas na Internet e à comunicação através do computador, as docentes com mais idade fazem-no pouco ou até nenhuma vez.

### 7.3.1.5. QUESTÃO 1 – IDADE COM A QUESTÃO 10 – UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

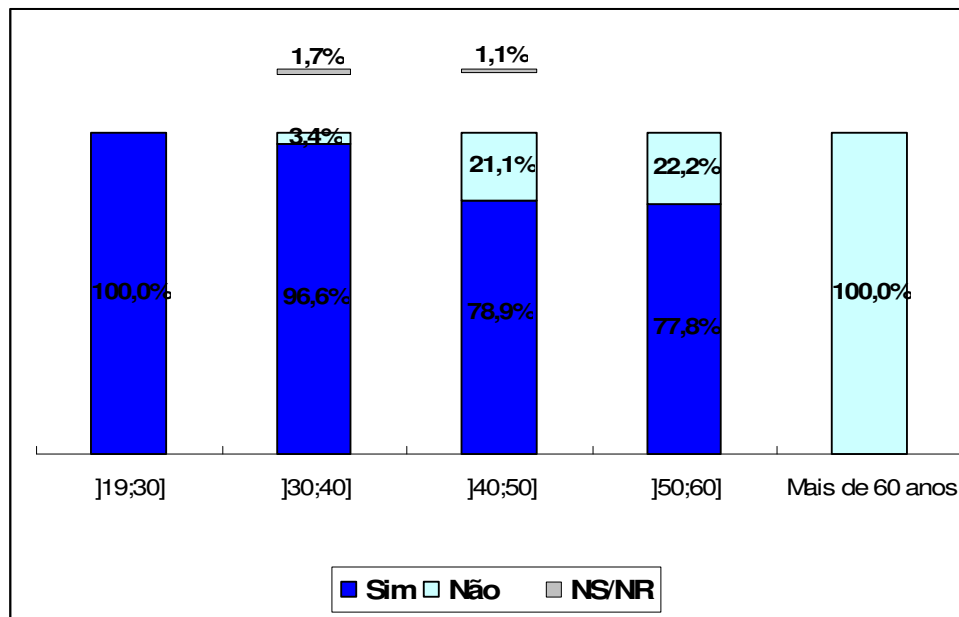


GRÁFICO N.º 27 : CRUZAMENTO DE IDADE COM UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

Analisando os resultados obtidos, verifica-se que a utilização de correio electrónico está relacionada com a idade. Nas faixas etárias mais baixas esta possibilidade tecnológica é mais utilizada. Na classe dos 19 aos 30 anos, todas as docentes utilizam *e-mail*, dos 30 aos 40 anos, 96,6%, dos 40 aos 50 anos, 78,9%, e dos 50 aos 60 utilizam, 77,8%. A docente com mais de 60 anos não utiliza esta ferramenta para comunicar.

### 7.3.1.6. QUESTÃO 1 - IDADE COM A QUESTÃO 12 - DEDICAÇÃO DE TEMPO PARA UTILIZAÇÃO DAS TIC

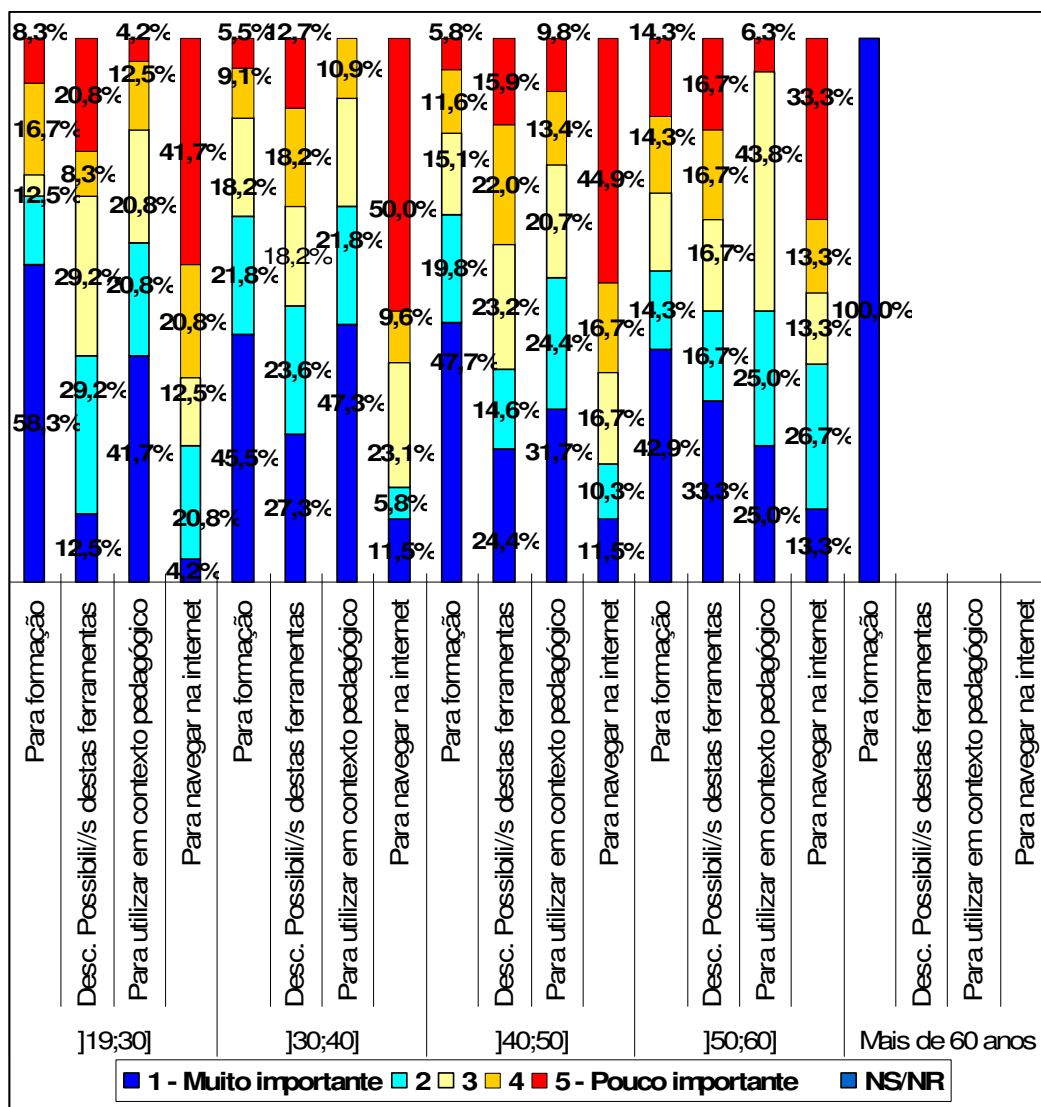


GRÁFICO N.º 28 : CRUZAMENTO DE IDADE COM DEDICAÇÃO DE TEMPO PARA UTILIZAÇÃO DAS TIC

Analisando o gráfico, é possível efectuar uma comparação dos resultados de acordo com a idade, considerando as várias possibilidades que as docentes mais valorizavam, se tivessem mais tempo disponível para a utilização das TIC. Assim, no que respeita à dedicação de mais tempo para a formação/enriquecimento pessoal, verifica-se que percentagem de professoras que consideram este aspecto como muito importante é de 58,3%, na faixa etária dos 19 aos 30, 45,5%, no intervalo dos 30 aos 40 anos, 47,7%, na faixa dos 40 aos 50 anos, e 42,9%, no intervalo dos 50 aos 60 anos. A docente com mais de 60 anos considera extremamente importante, 100%. Verifica-se que para a classe mais jovem, a formação tem bastante importância, bem como para a docente com mais idade. É de questionar se este facto não estará relacionado com disponibilidade, ou/e, por consciência de necessidade de actualização de conhecimentos. No caso das mais novas, poderá ser o complementar da formação inicial e no caso da inquirida com mais idade, uma necessidade de actualização.

No que concerne à dedicação de tempo para poder navegar na Internet, comparando as diferentes faixas etárias, no que respeita ao que consideram como muito importante, verifica-se 4,2%, na classe dos 19 aos 30 anos, 11,5% no intervalo dos 30 aos 40 anos, igual percentagem no intervalo dos 40 aos 50 anos, e 13,3%, na faixa dos 50 aos 60 anos. Na mesma questão, mas na perspectiva de pouco importante, destaca-se 41,7%, no intervalo dos 19 aos 30 anos, 50%, dos 30 aos 40 anos, 44,9% na faixa dos 40 aos 50 anos, e 33,3%, na classe dos 50 aos 60 anos. É possível concluir que a amostra não valoriza muito a possibilidade de navegar na Internet, a ponto de lhe dedicar mais do seu tempo.

### 7.3.1.7. QUESTÃO 1 – IDADE COM A QUESTÃO 13 – QUEM MAIS UTILIZA AS TIC SÃO...

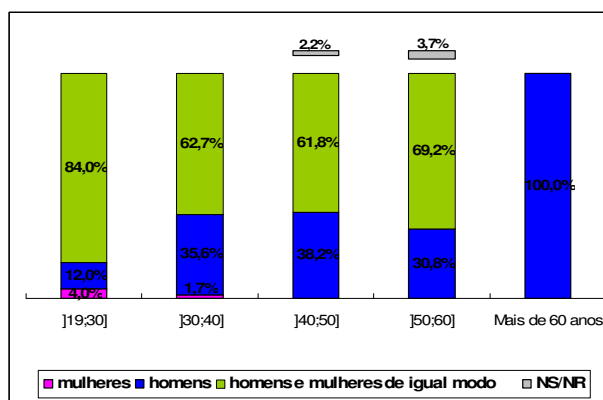


GRÁFICO N.º 29 : CRUZAMENTO DE IDADE COM - QUEM MAIS UTILIZA AS TIC...

Quando questionadas sobre quem mais utiliza as TIC, as professoras com idades compreendidas entre os 19 e os 60 anos, maioritariamente afirmam ser os homens e mulheres de igual modo. De destacar que na classe mais jovem, dos 19 aos 30 anos, 4 %, considera serem as mulheres quem mais utiliza as TIC. 1,7%, na classe dos 30 aos 40 anos, responde de igual modo. A docente com mais de 60 anos, considera serem os homens os mais utilizadores.

### 7.3.1.8. QUESTÃO 1 – IDADE COM A QUESTÃO 13.1. – AFIRMAÇÕES...

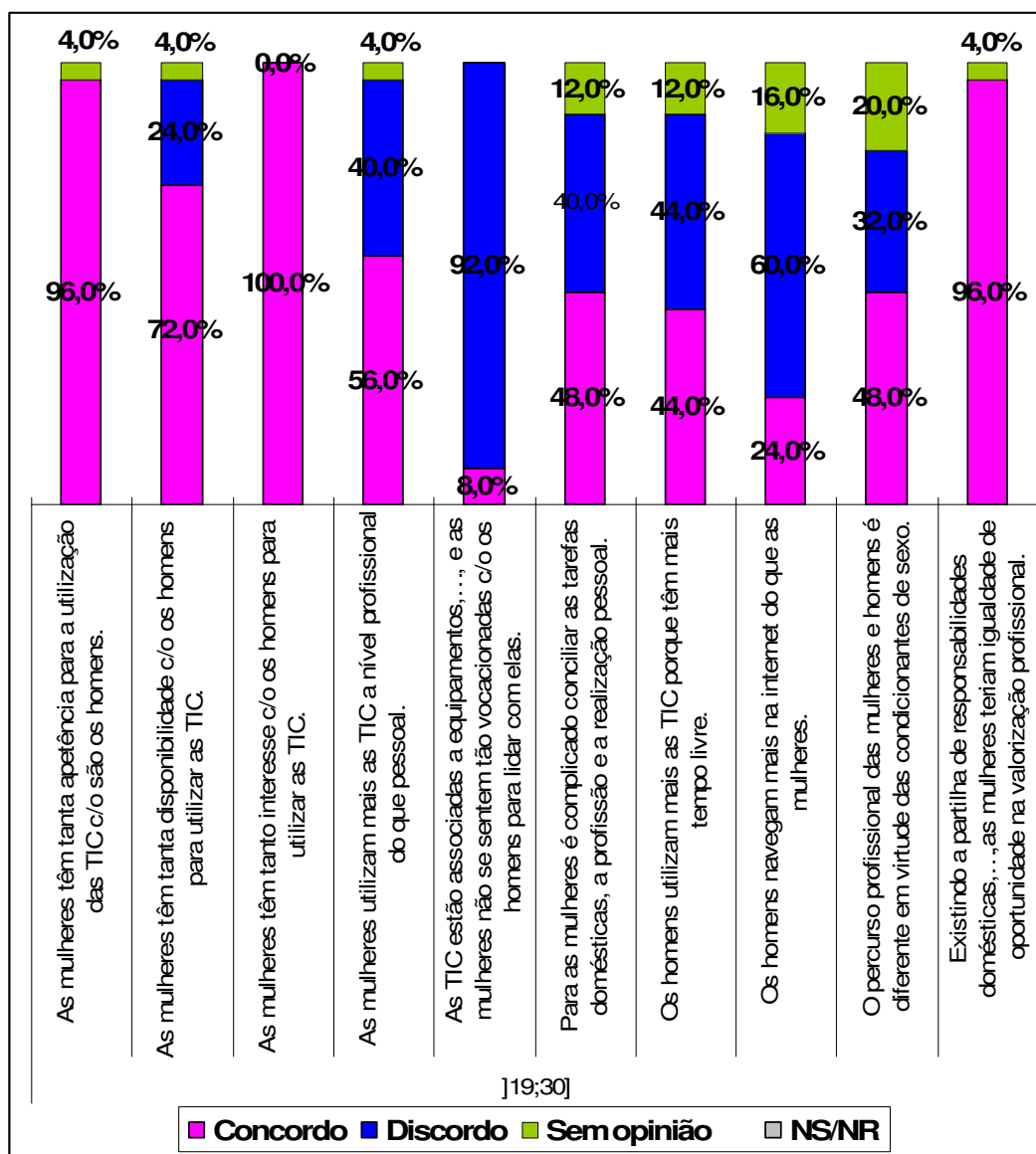


GRÁFICO N.º 30 : CRUZAMENTO DE IDADE, ]19;30], COM AFIRMAÇÕES...

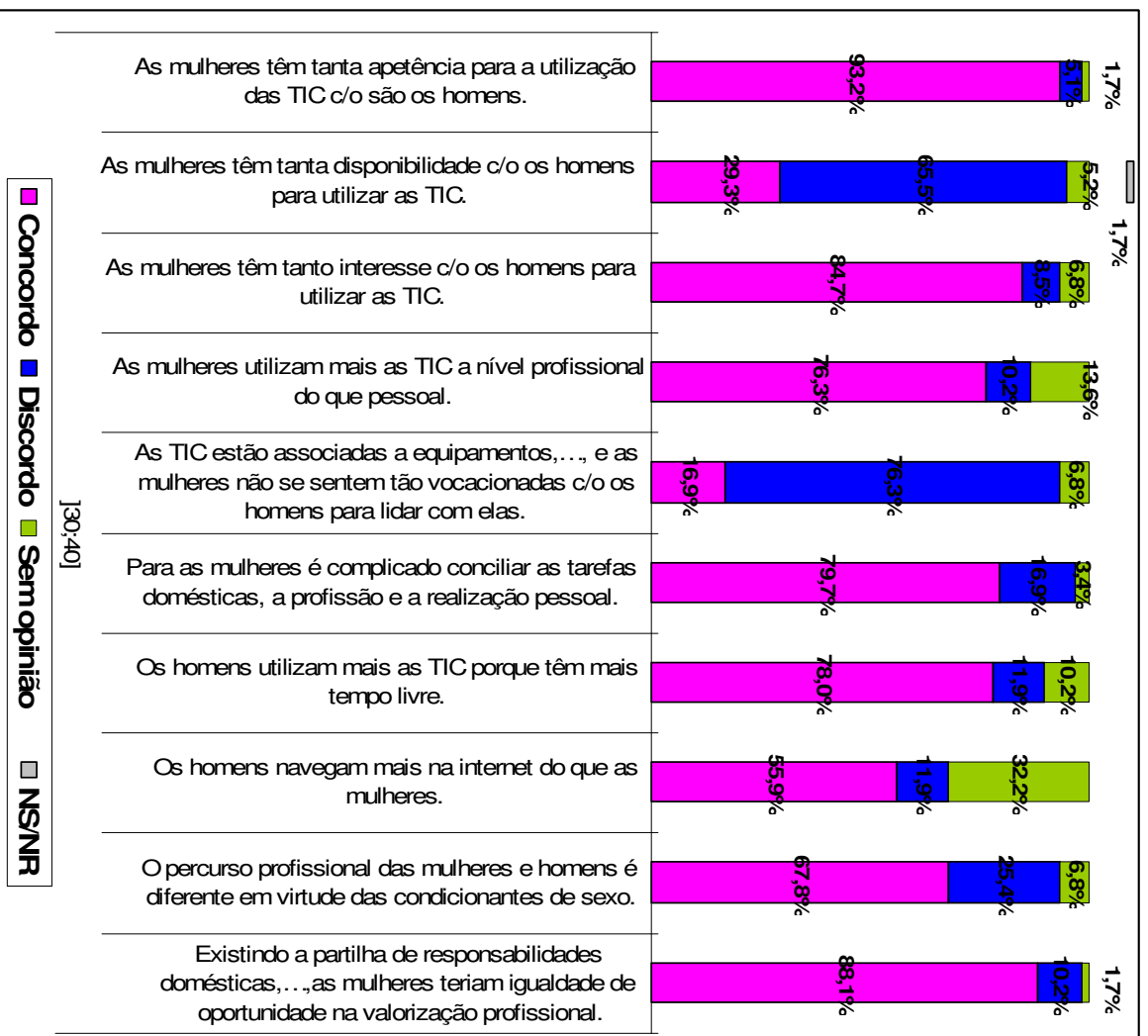


GRÁFICO N.º 31: CRUZAMENTO DE IDADE, [30;40], COM AFIRMAÇÕES...

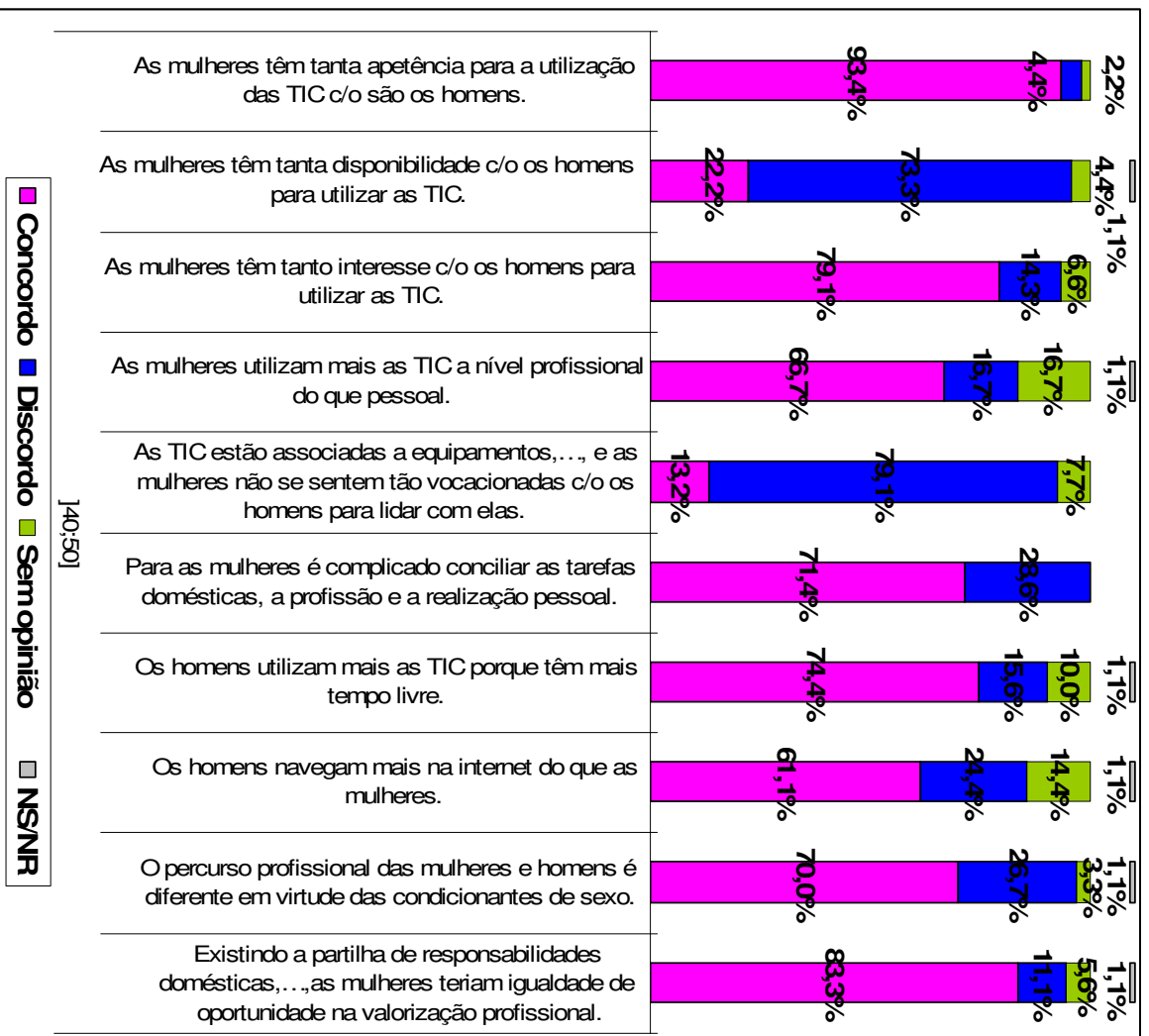


GRÁFICO N.º 32: CRUZAMENTO DE IDADE, [40;50], COM AFIRMAÇÕES...

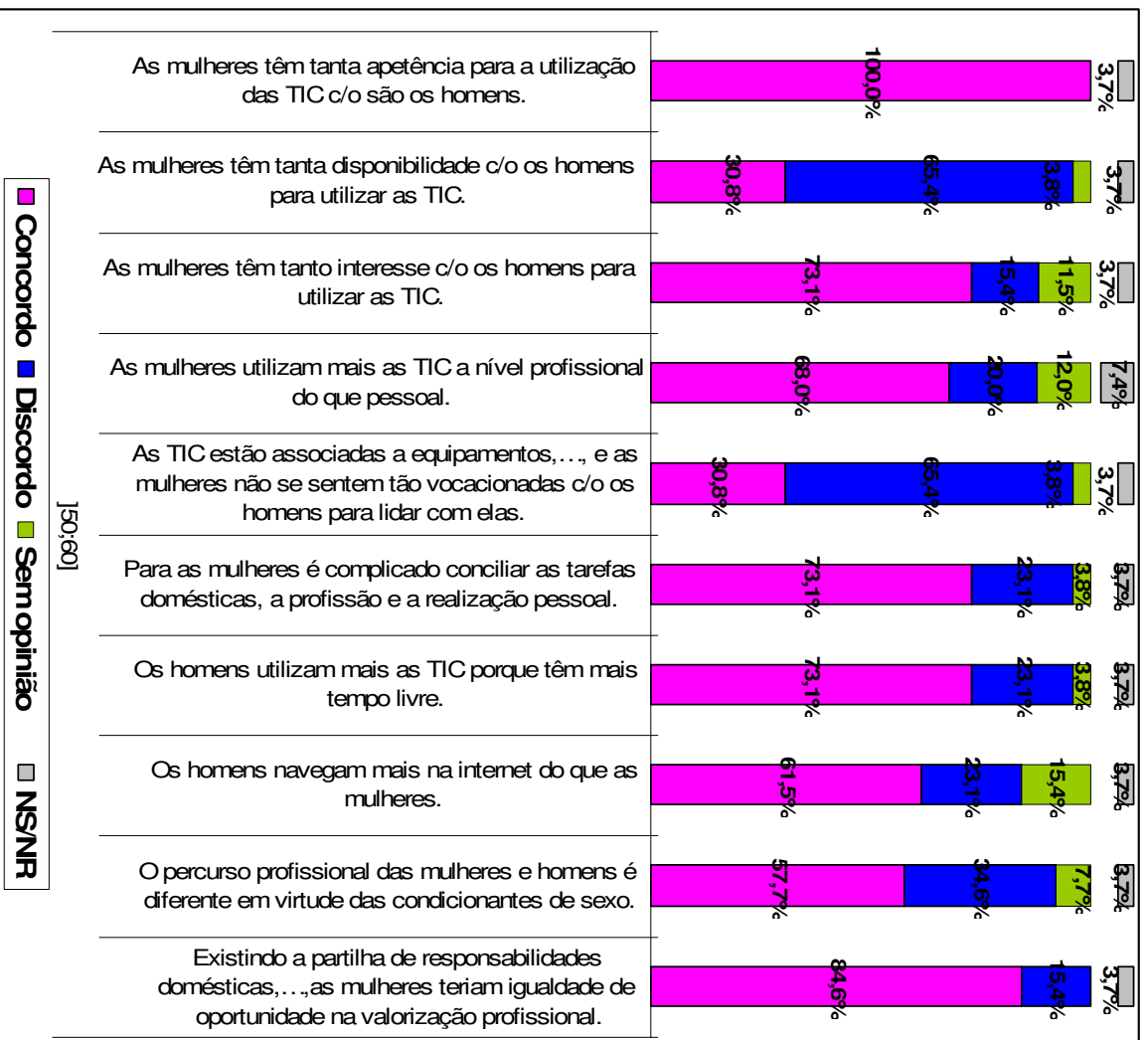


GRÁFICO N.º 33: CRUZAMENTO DE IDADE, [50;60], COM AFIRMAÇÕES...

[50;60]

■ Concordo ■ Discordo ■ Sem opinião ■ NS/NR

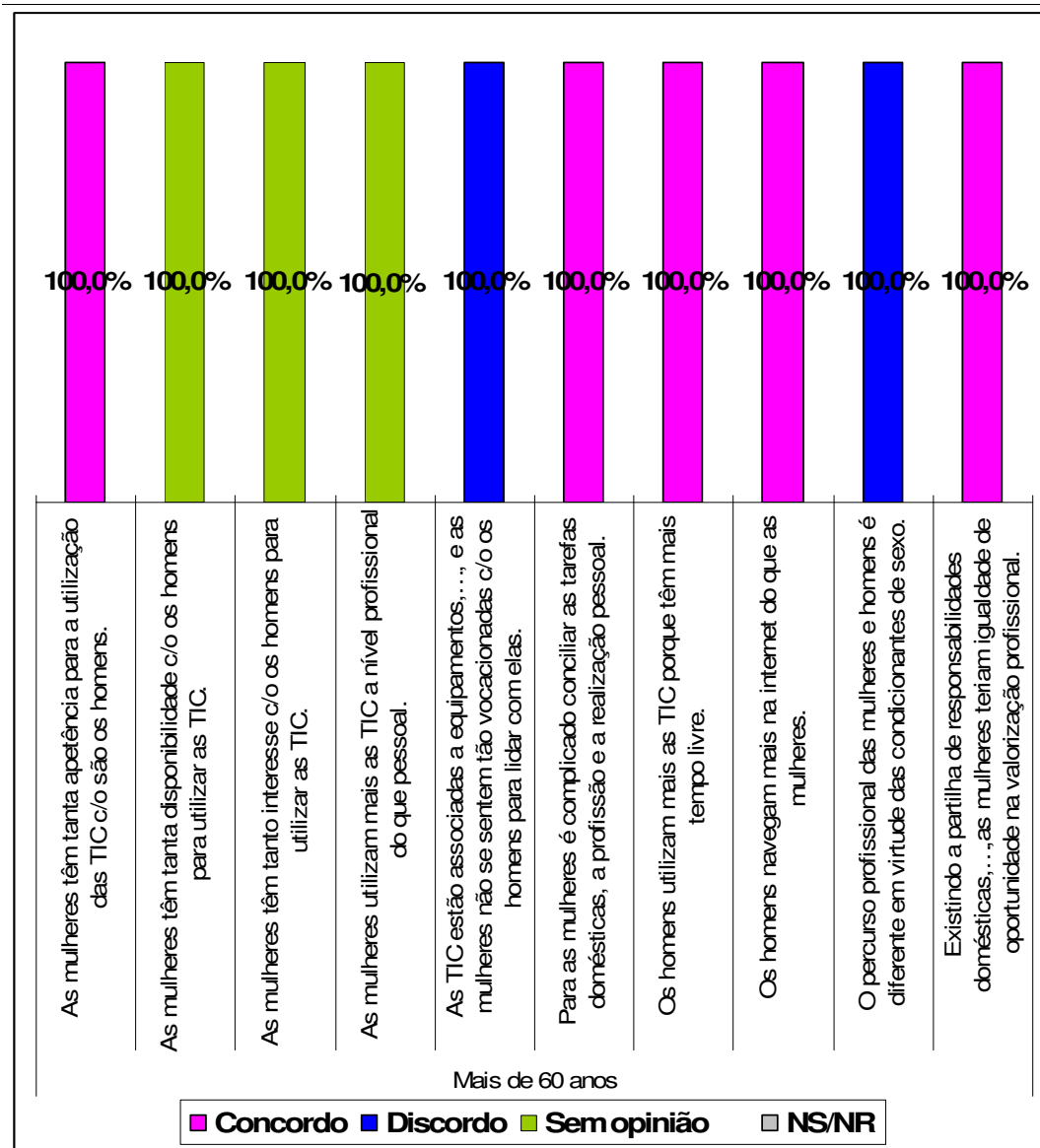


GRÁFICO N.º 34 : CRUZAMENTO DE IDADE, MAIS DE 60 ANOS, COM AFIRMAÇÕES...

Através dos gráficos deste cruzamento, é possível efectuar comparações nas diferentes faixas etárias no que concerne às afirmações:

- As mulheres têm tanta apetência para a utilização das TIC como os homens. A esmagadora maioria das inquiridas concorda com esta afirmação.
- As mulheres têm tanta disponibilidade como os homens para utilizar as TIC. À excepção da faixa etária mais baixa (19 aos 30), em que 72% concorda, a maioria da amostra discorda desta afirmação. Pensa-se que este resultado pode estar relacionado com o facto de as mulheres mais jovens, para além de possuírem maior disponibilidade, investirem mais na carreira profissional.

- As mulheres têm tanto interesse como os homens para utilizar as TIC. A maioria da amostra concorda com a afirmação, 100%, na faixa etária dos 19 aos 30, 84,7%, na faixa dos 30 aos 40 anos, 79,1%, no intervalo dos 40 aos 50 anos, e 73,1%, na faixa etária dos 50 aos 60. A docente com mais de 60 anos, não emite opinião. Verifica-se ainda, que à medida que a idade avança, diminui a percentagem de concordância, o que poderá indicar que quanto mais jovens, mais consideram que as mulheres possuem tanto interesse nas TIC como os homens.
- As mulheres utilizam mais as TIC a nível profissional do que pessoal, tem a concordância de 56%, na faixa etária dos 19 aos 30, 76,3% na faixa dos 30 aos 40 anos, 66,7%, na classe dos 40 aos 50 anos, e 68% na classe 50 aos 60. A docente com mais de 60 anos não emite opinião. Também nesta questão a classe etária mais baixa apesar de concordar, possui menos percentagem e 40% até discorda com a afirmação. Este facto está obrigatoriamente relacionado com o facto de quanto mais jovem, maior disponibilidade, maior dedicação a uma carreira que está no início, e ainda a uma maior utilização das TIC comparativamente com as classes com mais idade.
- As TIC estão associadas a equipamentos... e as mulheres não se sentem tão vocacionadas como os homens para lidar com elas. A maioria das inquiridas, independentemente da faixa etária, discorda desta afirmação, 92%, na faixa 19 aos 30 anos, 76,3% na faixa 30 aos 40 anos, 79,1%, na classe 40 aos 50 e 65,4% na classe 50 aos 60 anos. A docente com mais de 60 anos também discorda.
- Para as mulheres, é complicado conciliar as tarefas domésticas, a profissão e a realização pessoal. Relativamente a esta afirmação, na faixa etária mais jovem, 48% concorda, e 40%, discorda. Nas restantes faixas etárias existe uma média de 74,7% de professoras, que concordam com a frase. Assim, de acordo com os resultados, é possível aferir que é a partir da faixa etária dos 30, que as inquiridas mais têm dificuldade em conciliar trabalho e restantes actividades.
- Os homens utilizam mais as TIC porque têm mais tempo livre. Esta afirmação obtém aproximadamente os mesmos resultados que a anterior. Assim sendo, continua a existir uma relação com a idade, quanto mais jovens menor grau de concordância demonstram com a afirmação.

- Os homens navegam mais na Internet do que as mulheres. Relativamente a esta afirmação, apenas a faixa etária dos 19 aos 30 discorda, 60%. Relacionando os resultados com alguns conceitos, este facto poderá ser justificado por uma tendência para a mudança de mentalidades nas classes mais jovens.
- O percurso profissional das mulheres e homens é diferente em virtude das condicionantes de sexo... A maioria da amostra concorda com esta afirmação, apesar de na faixa etária mais jovem não existir uma grande diferença entre a percentagem de concordantes, 48%, e discordantes, 32%.
- Existindo partilha de responsabilidades domésticas... Concorda com esta afirmação a esmagadora maioria das inquiridas sendo que o grau de percentagem mínimo, é de 83,3%, na faixa etária dos 40 aos 50, e o máximo, 96%, diz respeito à opinião da classe mais jovem que possivelmente tem já mais interiorizado o conceito de igualdade de oportunidades.

### 7.3.2. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 3 – FILHOS E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO

#### 7.3.2.1. QUESTÃO 3 – FILHOS COM A QUESTÃO 6 – EQUIPAMENTO INFORMÁTICO

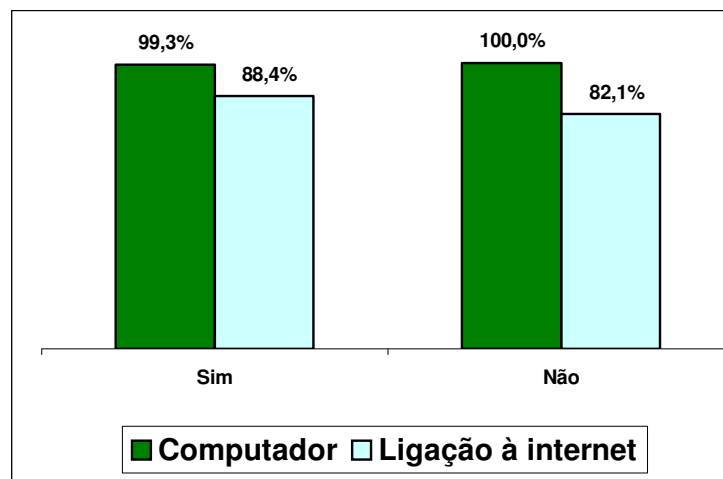


GRÁFICO N.º 35 : CRUZAMENTO DE FILHOS COM EQUIPAMENTO INFORMÁTICO

Na amostra, o facto de possuir ou não filhos, não determina significativamente a percentagem de posse de computador, 99,3% das professoras que possuem filhos tem computador, e todas as que não têm filhos têm este equipamento.

88,4%, das docentes que têm filhos possuem ligação à Internet, e 82,1%, das que não têm filhos não têm.

### 7.3.2.2. QUESTÃO 3 – FILHOS COM A QUESTÃO 7 – TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR

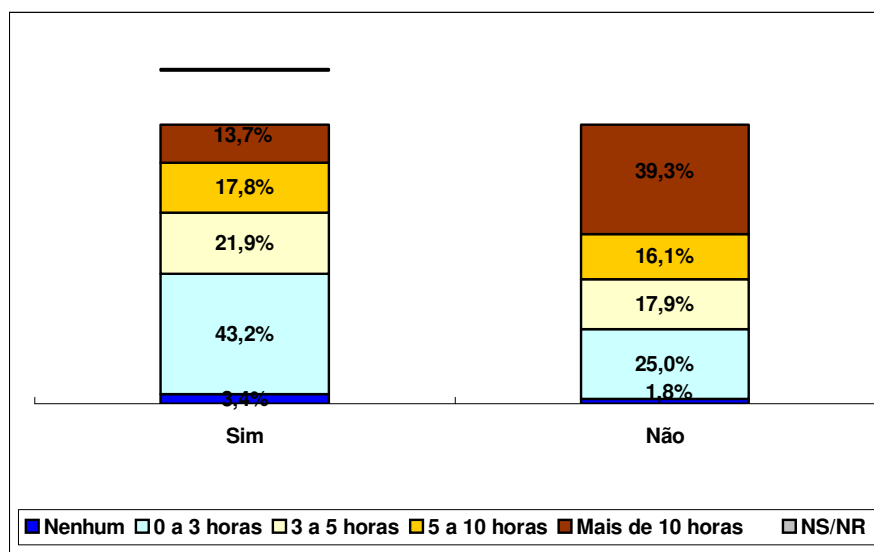


GRÁFICO N.º 36: CRUZAMENTO DE FILHOS COM TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR

Através da análise deste gráfico, é possível concluir que o facto de existir ou não filhos, condiciona o tempo despendido no computador por semana. Assim, a maioria das professoras que despendem mais de 10 horas por semana no computador, não possuem filhos, 39,3%. De destacar ainda que das docentes com filhos, apenas 13,7%, despende mais de 10 horas por semana no computador e 3,4% não despende tempo nenhum.

### 7.3.2.3. QUESTÃO 3 – FILHOS COM A QUESTÃO 8 – FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO

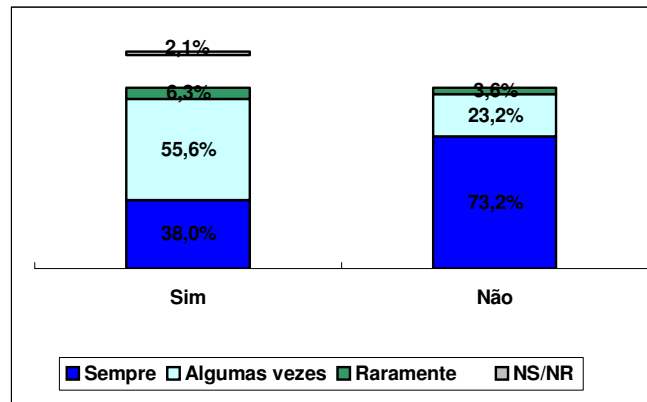


GRÁFICO N.º 37: CRUZAMENTO DE FILHOS COM FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO

No que respeita à frequência de utilização do computador, verifica-se que quem não tem filhos, utiliza muito mais o computador do que quem tem. Na amostra, das docentes sem filhos, 73,2%, utilizam o computador sempre, e apenas 3,6% raramente o faz. Já as professoras que possuem filhos, apenas 38%, utiliza sempre e 6,3% raramente o faz.

### 7.3.2.4. QUESTÃO 3 – FILHOS COM A QUESTÃO 8.2.1. – MODO DE UTILIZAÇÃO

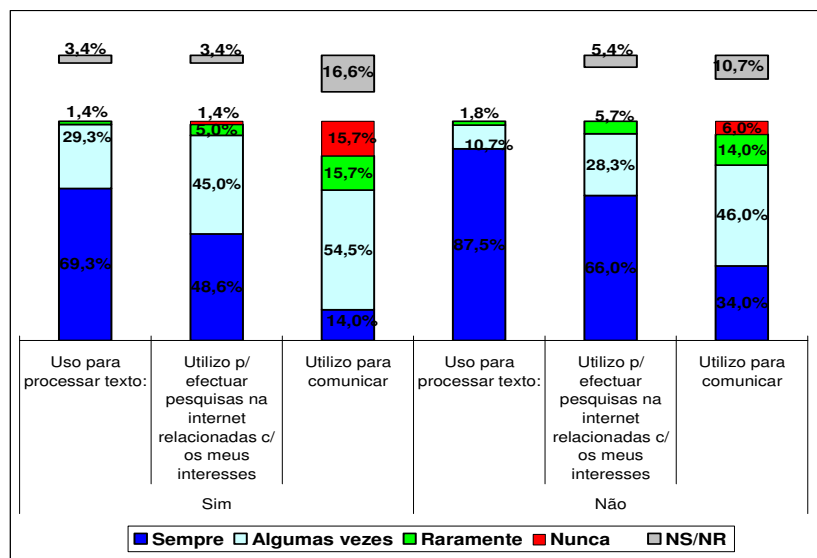


GRÁFICO N.º 38: CRUZAMENTO DE FILHOS COM MODO DE UTILIZAÇÃO

Também o facto de ter filhos ou não, condiciona alguns aspectos do modo de utilização do computador. O gráfico destaca-nos uma maior diferença na utilização para pesquisa na Internet. Das docentes que têm filhos, apenas 48,6%, utiliza frequentemente o computador para fazer pesquisas na Internet, enquanto que 66%, das que não têm filhos, o faz sempre. Ainda em relação a esta questão, 1,4% das professoras que têm filhos nunca faz pesquisa na Internet.

No que concerne à utilização do computador para comunicar, das docentes com filhos, apenas 14% o faz sempre, e 15,7%, nunca o faz. Nas docentes sem filhos, a percentagem de utilizadoras do computador para comunicar, é de 34% (mais do dobro do que quem tem filhos), e apenas 6% (mais de metade), nunca o faz.

Também nesta questão é notório que ter ou não filhos, determina o modo de utilização do computador. A função texto, sendo quase uma “obrigação” do profissional, não implica tanta disponibilidade e/ou conhecimento, daí que os resultados neste estudo, tendo ou não filhos não são muito diferentes em termos numéricos.

### 7.3.2.5. QUESTÃO 3 – FILHOS COM A QUESTÃO 10 – UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

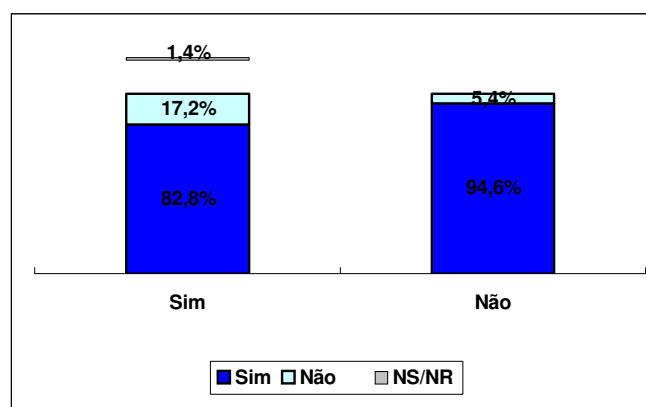


GRÁFICO N.º 39: CRUZAMENTO DE FILHOS COM UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

94,6% da amostra que não possui filhos, utiliza o correio electrónico, e 5,4%, não utiliza. Das docentes que possui filhos, 82,8% utiliza esta ferramenta, e 17,2% (mais do triplo das que não têm filhos), não o faz.

### 7.3.2.6. QUESTÃO 3 – FILHOS COM A QUESTÃO 12 – DEDICAÇÃO DE TEMPO PARA UTILIZAÇÃO DAS TIC

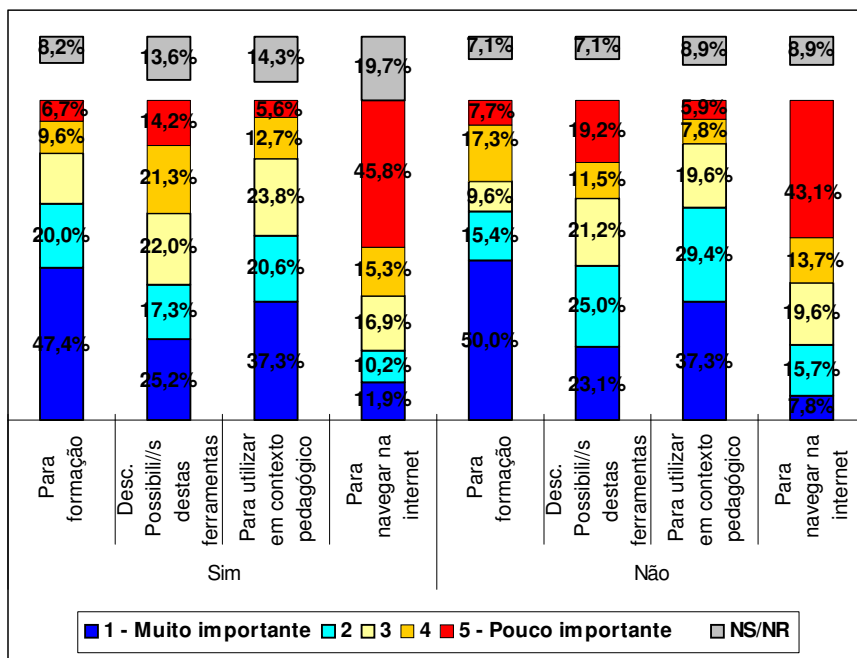


GRÁFICO N.º 40: CRUZAMENTO DE FILHOS COM DEDICAÇÃO DE TEMPO PARA UTILIZAÇÃO DAS TIC

Na dedicação de mais tempo para utilização das TIC, o facto de ter ou não filhos, não determina diferenças no grau de importância que a amostra dá aos vários objectivos.

### 7.3.2.7. QUESTÃO 3 – FILHOS COM A QUESTÃO 13 – QUEM MAIS UTILIZA AS TIC SÃO...

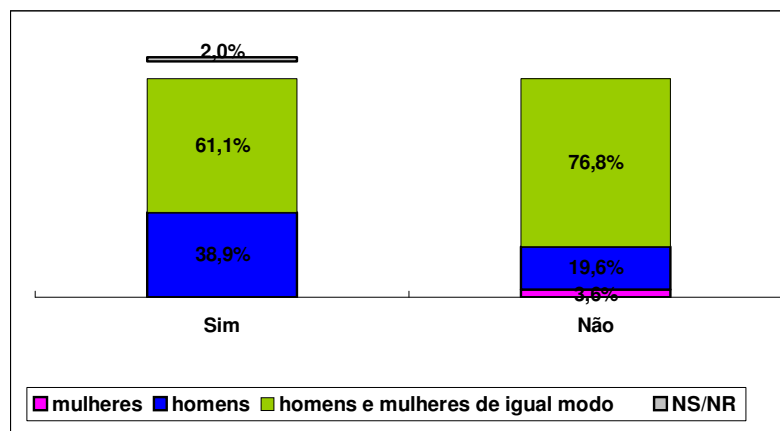


GRÁFICO N.º 41: CRUZAMENTO DE FILHOS COM QUEM MAIS UTILIZA AS TIC ...

Nesta questão verifica-se que das docentes com filhos, 61,1%, diz que homens e mulheres usam as TIC. A mesma opinião tem 76,8%, das docentes sem filhos.

No entanto, 38,9% das professoras com filhos, pensa que os homens usam mais as TIC, quando apenas 19,6% (metade das anteriores), das docentes sem filhos partilham esta opinião. De destacar ainda, que 3,6%, das professoras sem filhos considera serem as mulheres quem mais utiliza as TIC.

### 7.3.2.8. QUESTÃO 3 – FILHOS COM A QUESTÃO 13.1. – AFIRMAÇÕES...

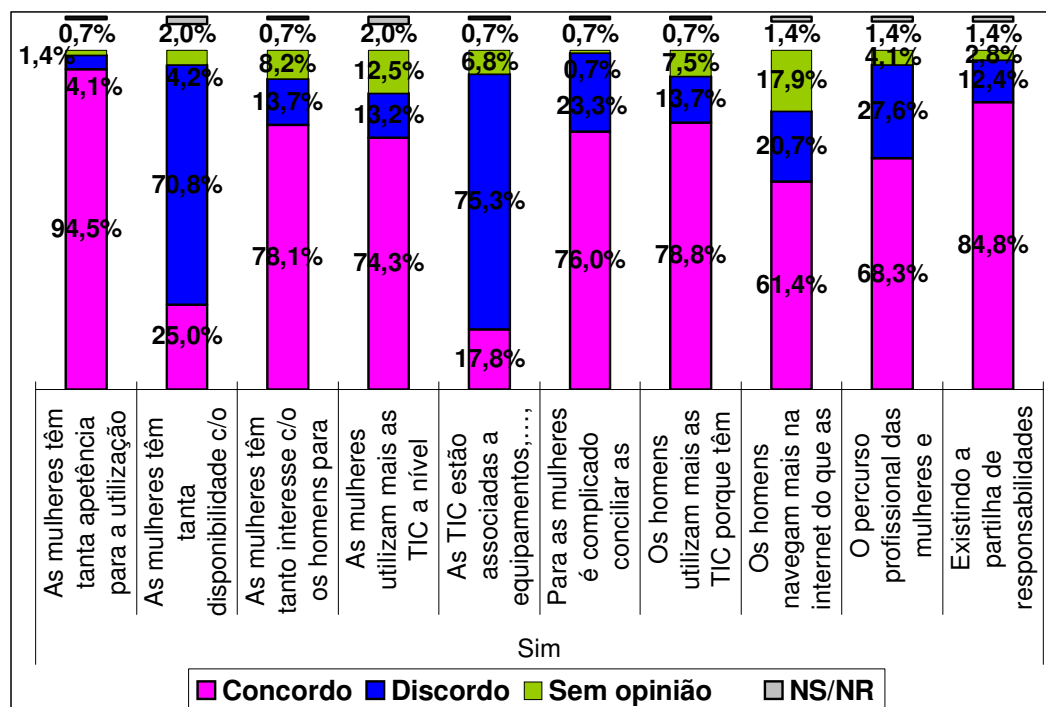


GRÁFICO N.º 42: CRUZAMENTO DE FILHOS (SIM), COM AFIRMAÇÕES ...

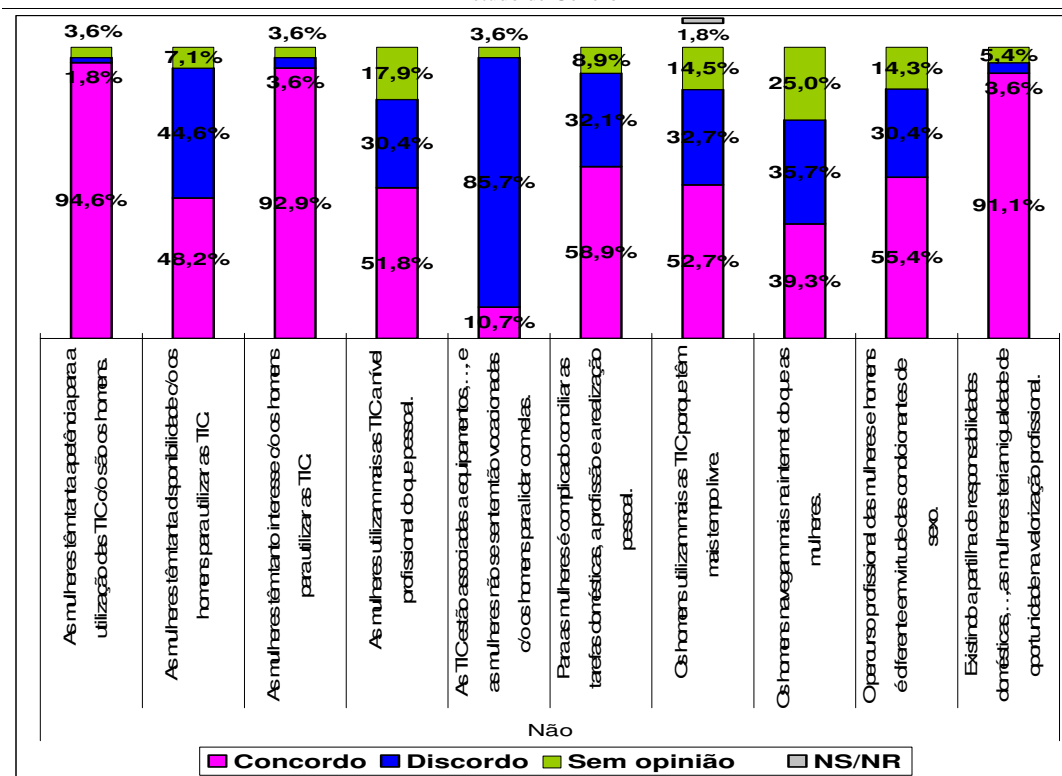


GRÁFICO N.º 43: CRUZAMENTO DE FILHOS (NÃO) COM AFIRMAÇÕES ...

Efectuando uma análise comparativa dos dois gráficos, e reflectindo apenas nas questões, cuja resposta se pensa estar associada ao facto de ter ou não filhos, verificamos que nas afirmações:

- Igualdade de disponibilidade de homens e mulheres para utilizar as TIC - das docentes que possuem filhos, 70,8%, discorda, e 25% concorda com a afirmação. Já das docentes sem filhos, 44,6% discorda, e 48,2%, concorda.
- Igualdade de interesse de homens e mulheres para as TIC - 78,1%, das mulheres com filhos, e 92,9% das que não têm filhos, concordam.
- As mulheres utilizam mais as TIC a nível profissional... - 74,3%, das docentes com filhos, concorda, e apenas 51,8%, das que não têm filhos, também concorda.
- Os homens utilizam mais as TIC... - 78,8%, das mulheres com filhos, e 52,7% das que não têm filhos, concorda.
- Os homens navegam mais na Internet... - 61,4%, das docentes com filhos e 39,3%, que não têm filhos, concorda.

- Para as mulheres é complicado conciliar... - 76%, das professoras com filhos, e 58,9%, das professoras sem filhos, concorda.
- Existindo partilha de responsabilidades... - 84,8%, das docentes com filhos, e 91,1% das que não têm filhos, concorda.

### 7.3.3. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO

#### 7.3.3.1. QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM A QUESTÃO 6 – EQUIPAMENTO INFORMÁTICO

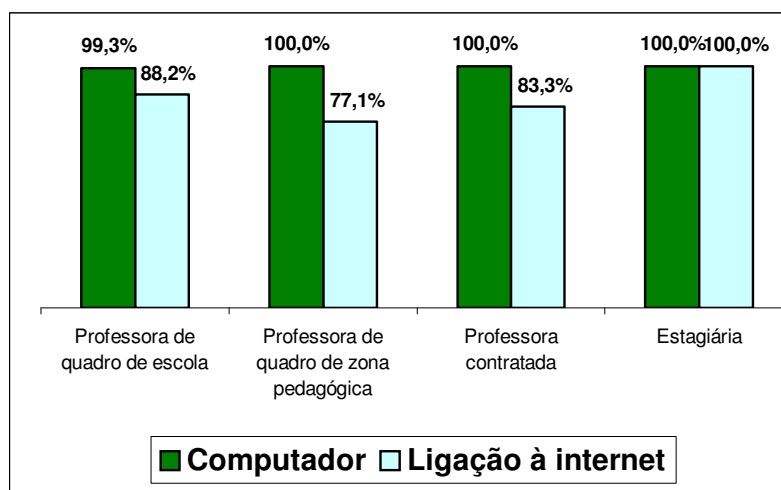


GRÁFICO N.º 44: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM EQUIPAMENTO INFORMÁTICO

Pela análise do gráfico, é possível concluir, que as professoras a realizar estágio profissional, são as que mais investem quer na posse de computador, quer na ligação à Internet. Todas as professoras contratadas possuem computador, e 83,3%, possui ligação à Internet. Este facto pode ser relacionado com o factor idade, (as estagiárias e as contratadas são as professoras mais jovens, possuirão maior disponibilidade), e ainda com o factor formação inicial.

### 7.3.3.2. QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM A QUESTÃO 7 – TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR

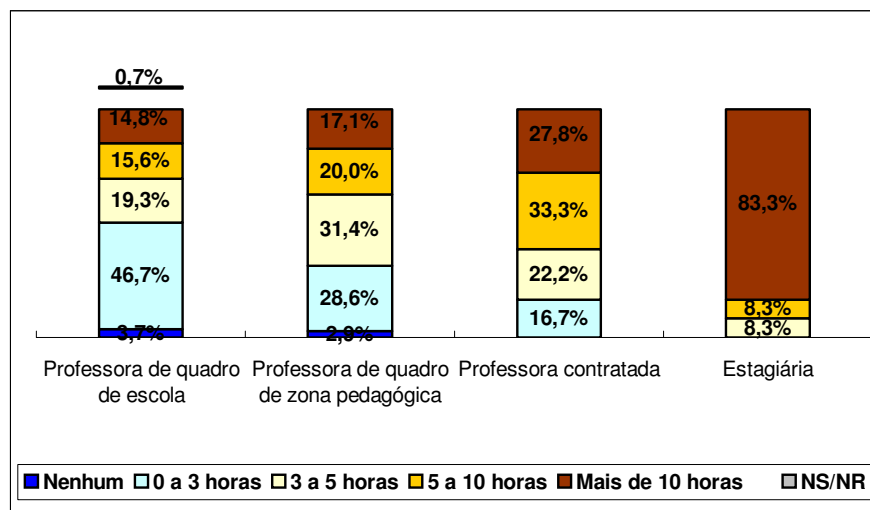
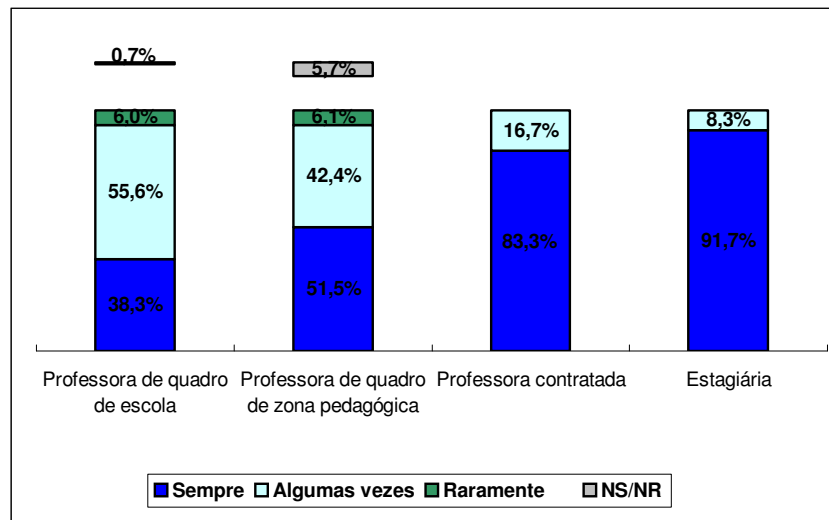


GRÁFICO N.º 45: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM TEMPO DESPENDIDO POR SEMANA NO COMPUTADOR

Também pela observação destes resultados é possível concluir que quem mais despende tempo por semana no computador, mais de 10 horas, são as estagiárias, 83,3%, e as professoras contratadas, 27,8%.

Já 17,1%, das professoras de quadro de zona pedagógica, e 14,8%, das do quadro de escola, despendem, mais de 10 horas por semana. De destacar, que 3,7%, das primeiras, não despende tem nenhum, assim como, 2,9% das segundas.

### 7.3.3.3. QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM A QUESTÃO 8 – FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO



**GRÁFICO N.º 46: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM  
FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO**

Reflectindo sobre estes resultados, verifica-se que a frequência de utilização do computador, está relacionada com a situação profissional. 91,7%, das estagiárias utilizam sempre o computador, as contratadas, 83,3%, as professoras do quadro de zona pedagógica, 51,5%, e as professoras efectivas, 38,3%. Verifica-se que a estabilidade profissional, está inversamente relacionada, com a frequência de utilização do computador.

### 7.3.3.4. QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM A QUESTÃO 8.2.1. – MODO DE UTILIZAÇÃO

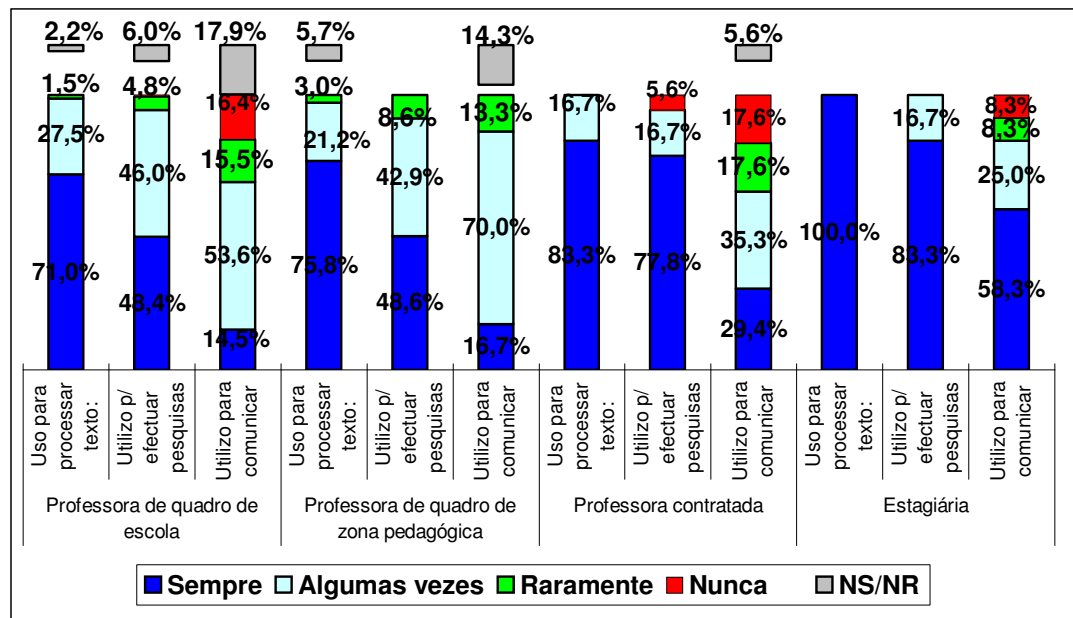


GRÁFICO N.º 47: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM MODO DE UTILIZAÇÃO

Também o modo de utilização do computador a todos os níveis, está relacionado com a situação profissional. À semelhança dos resultados anteriores, verifica-se uma ordem decrescente de utilização, das diferentes possibilidades informáticas: as estagiárias, as contratadas, as professoras do quadro de zona pedagógica e as docentes do quadro de escola.

### 7.3.3.5. QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM A QUESTÃO 10 – UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

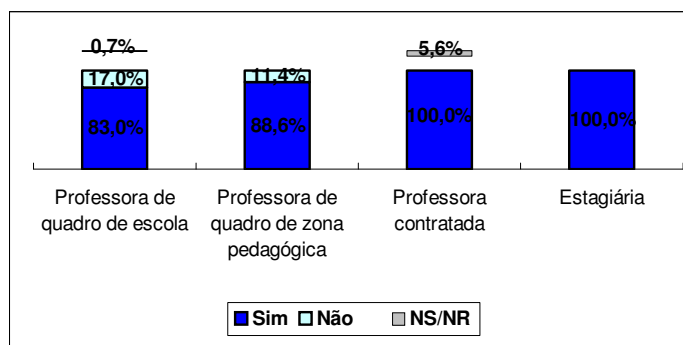


GRÁFICO N.º 48: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

A utilização do correio electrónico, é também inversamente proporcional à estabilidade profissional. De acordo com as percentagens obtidas, é possível elencar por ordem decrescente de utilização do *e-mail*, as professoras estagiárias, as professoras contratadas, as professoras de quadro de zona pedagógica, e por último, as professoras de quadro de escola.

### 7.3.3.6. QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM A QUESTÃO 13 – QUEM MAIS UTILIZA AS TIC SÃO...

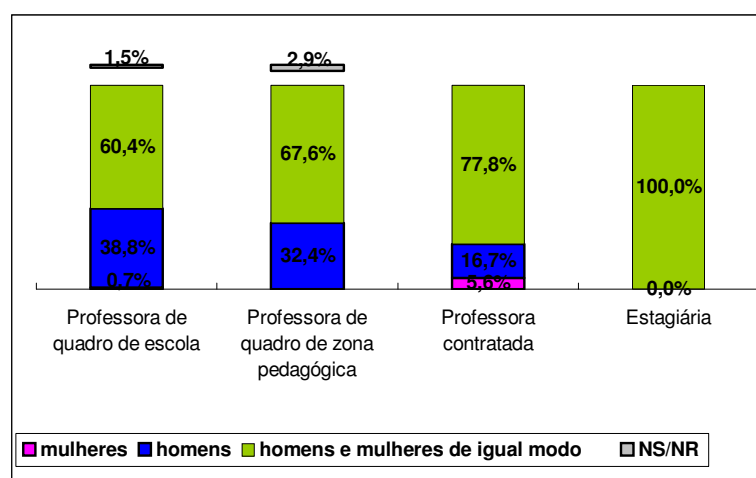
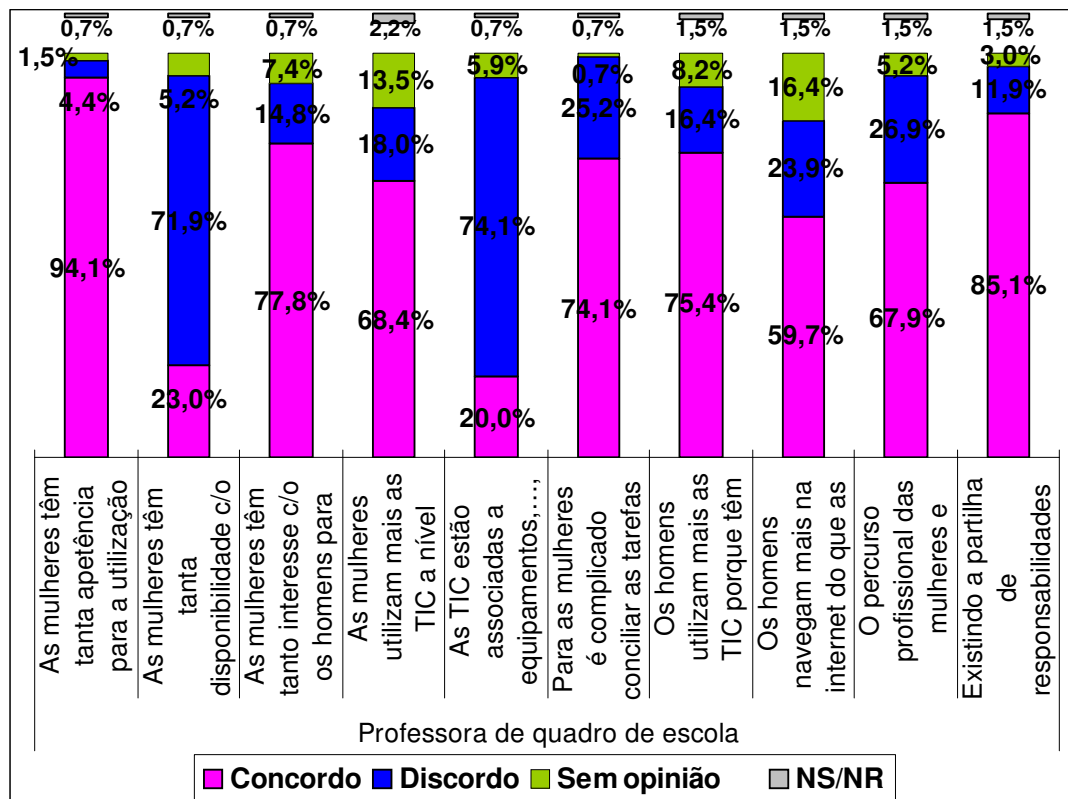


GRÁFICO N.º 49: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM QUEM MAIS UTILIZA AS TIC...

Apesar da maioria de docentes afirmar que homens e mulheres utilizam as TIC de igual modo, 38,8%, das professoras do quadro de escola, pensa serem os homens, bem como 32,4%, das professoras do quadro de zona pedagógica, e 16,7%, das professoras contratadas.

**7.3.3.7. QUESTÃO 4 – SITUAÇÃO PROFISSIONAL COM A QUESTÃO 13.1. - AFIRMAÇÕES ...**



**GRÁFICO N.º 50: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (QUADRO DE ESCOLA), COM AFIRMAÇÕES...**

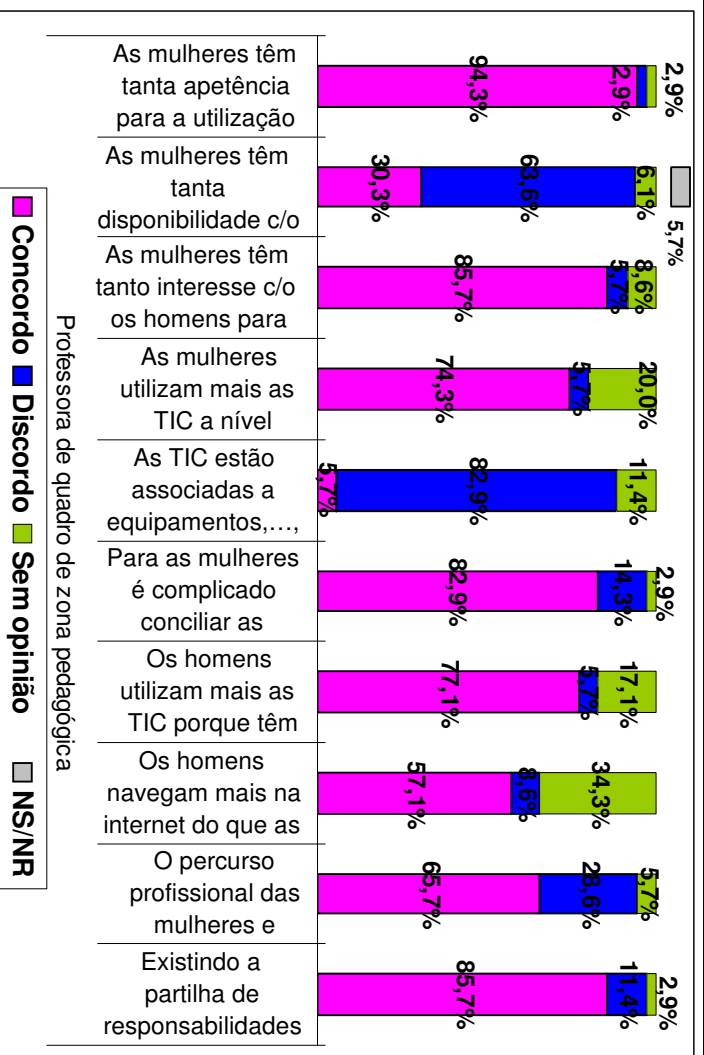


GRÁFICO N.º 51: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (QUADRO DE ZONA PEDAGÓGICA), COM AFIRMAÇÕES...

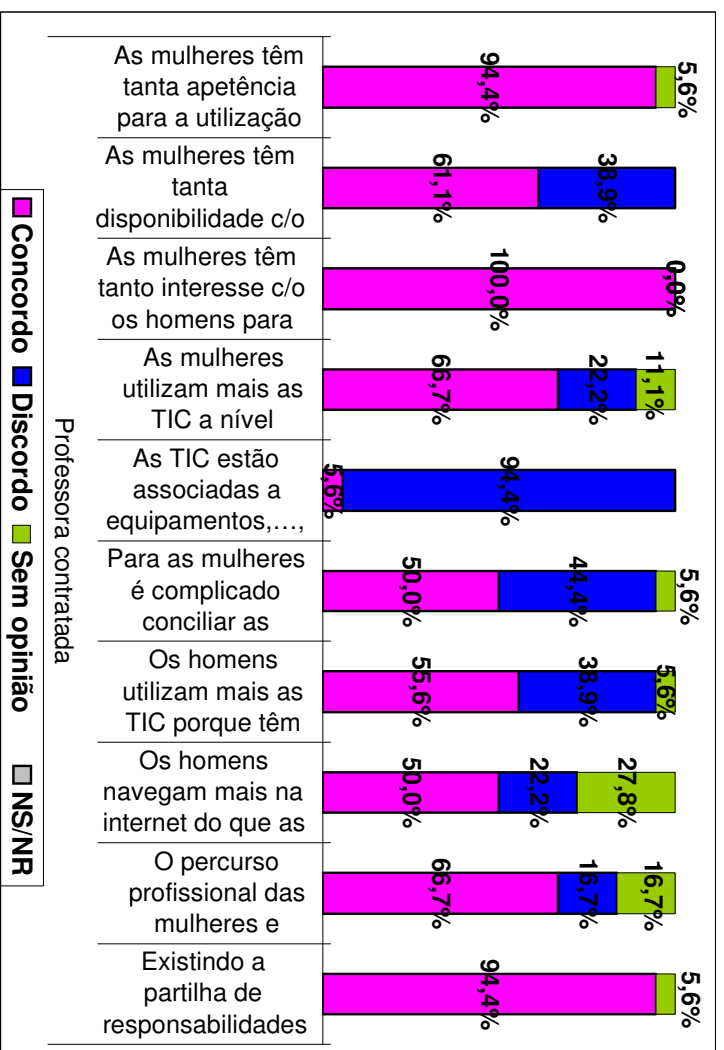


GRÁFICO N.º 52: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (CONTRATADA), COM AFIRMAÇÕES

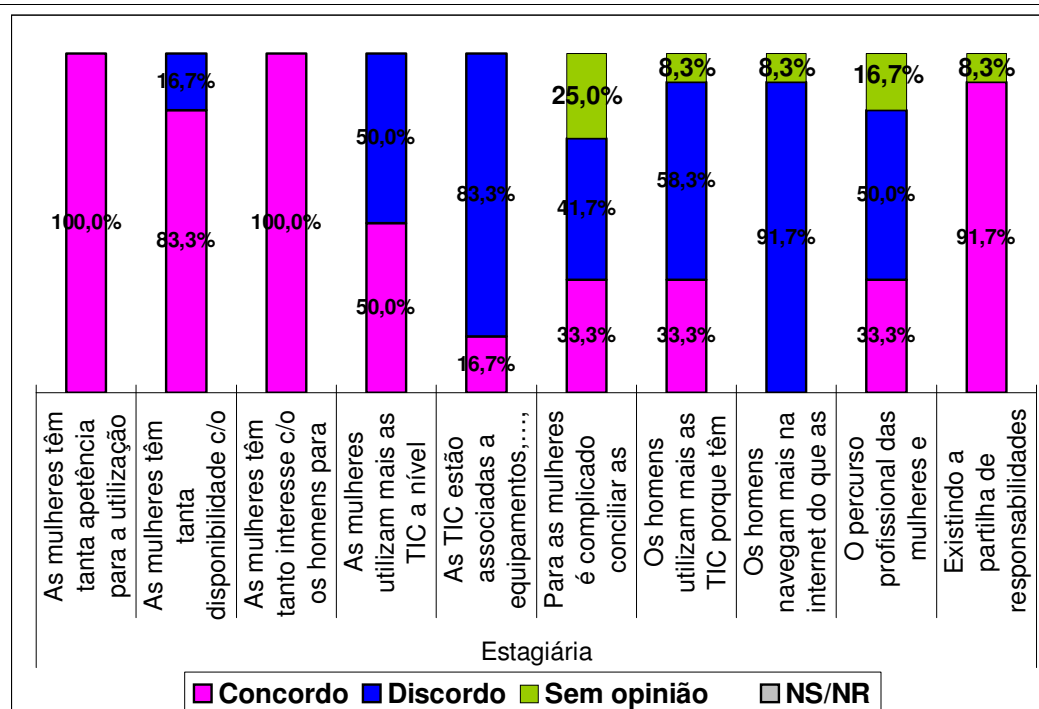


GRÁFICO N.º 53: CRUZAMENTO DE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (ESTAGIÁRIA), COM AFIRMAÇÕES...

No que concerne à apetência para utilização das TIC, a amostra é unânime em afirmar, que as mulheres têm tanta como os homens. Nesta questão, a situação profissional não interfere nos resultados.

Relativamente à segunda afirmação, 83%, das estagiárias, e 61,1%, das contratadas concorda. Já 63,6%, das professoras do QZP, e 71,9%, das do QE, discordam, o que significa considerarem que as mulheres não têm tanta disponibilidade como os homens, para utilizar as TIC. Experiência própria?

No que respeita ao interesse pelas TIC, a maioria considera que as mulheres, têm tanto como os homens, apesar da percentagem de concordância, ser menor nas professoras do QZP, e ainda menor, nas do QE.

68,4%, das professoras do QE, 74,3%, das QZP, 66,7%, das professoras contratadas, e apenas 50% das estagiárias, considera, que as mulheres utilizam mais as TIC a nível profissional do que pessoal.

No que concerne à quarta afirmação, (As TIC estão associadas a equipamentos...), a maioria de docentes, independentemente da situação profissional, discorda, sendo que a média de percentagem que o justifica, é de 83,7%.

74,1% das docentes de QE, 82,9%, das de QZP, e 50% das contratadas, afirmam, que para as mulheres é complicado conciliar as tarefas domésticas e a profissão. No entanto, 41,7% das estagiárias, discorda.

A grande maioria de professoras do QE, do QZP e as contratadas, concorda que os homens utilizam mais as TIC, porque têm mais tempo livre. 58,3%, das estagiárias discordam desta afirmação. Também a maioria de docentes, com excepção das estagiárias, 91,7%, concorda, que os homens navegam mais na Internet do que as mulheres.

A maioria das professoras do QE, do QZP e as contratadas, estão de acordo, que o percurso profissional das mulheres e homens é diferente, podendo-se afirmar que a média das respostas é de 66,8%. Apenas, 33,3% das estagiárias, partilha esta opinião.

Independentemente da situação profissional, a esmagadora maioria das docentes, concorda com a última afirmação.

#### 7.3.4. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO

##### 7.3.4.1. QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO COM A QUESTÃO 6 – EQUIPAMENTO INFORMÁTICO

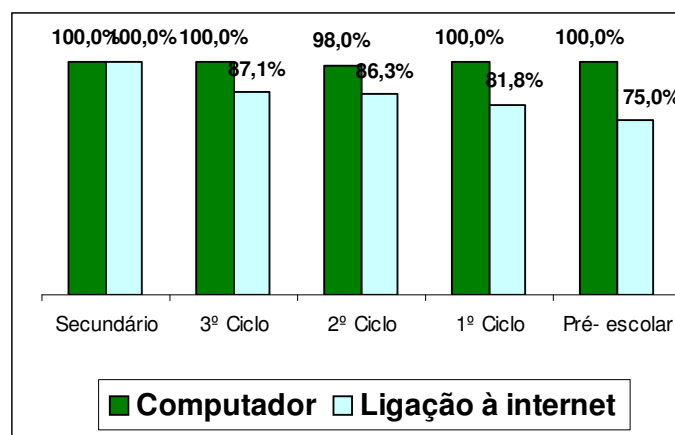
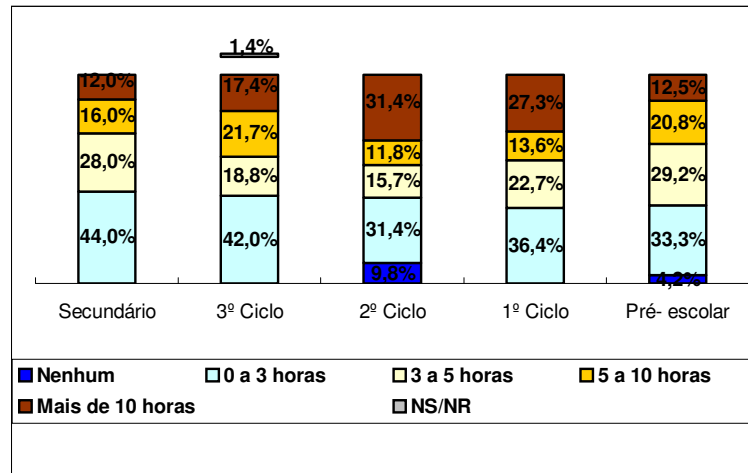


GRÁFICO N.º 54: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM EQUIPAMENTO INFORMÁTICO

No que respeita à posse de computador, o nível de ensino não é determinante. Já no que diz respeito à posse de ligação à Internet, constata-se um pequeno aumento de percentagem do pré-escolar até ao secundário.

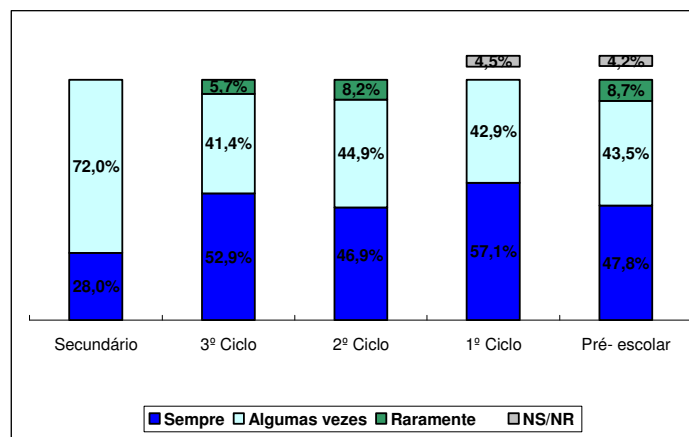
**7.3.4.2. QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO COM A QUESTÃO 7 – TEMPO  
DESPENDIDO NO COMPUTADOR POR SEMANA**



**GRÁFICO N.º 55: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM TEMPO DESPENDIDO  
POR SEMANA NO COMPUTADOR**

As docentes pertencentes ao 2º ciclo, são as que despendem, mais de 10 horas por semana no computador, 31,4%. No entanto, também neste nível de ensino, 9,8% das docentes, não despendem tempo nenhum, assim como as educadoras, 4,2%.

**7.3.4.3. QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO COM A QUESTÃO 8 –  
FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO**



**GRÁFICO N.º 56: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO**

A frequência de utilização do computador, é mais elevada no 1º ciclo, 57,1%, 52,9%, no 3º ciclo, 47,8%, no pré-escolar, 46,9%, no 2º ciclo, e 28%, no ensino secundário.

#### 7.3.4.4. QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO COM A QUESTÃO 10 – UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

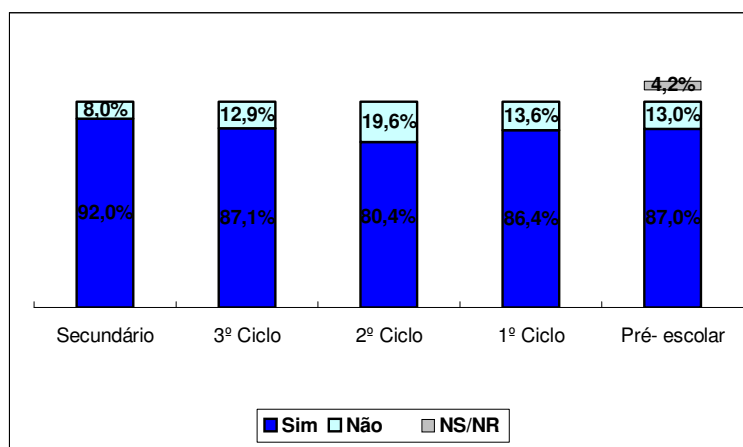


GRÁFICO N.º 57: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM UTILIZAÇÃO DE CORREIO ELECTRÓNICO

Estes resultados permitem colocar por ordem decrescente de utilização, o secundário, o 3º ciclo, o pré-escolar, o 1º ciclo e por último o 2º ciclo.

### 7.3.4.5. QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO COM A QUESTÃO 13 – QUEM MAIS UTILIZA AS TIC...

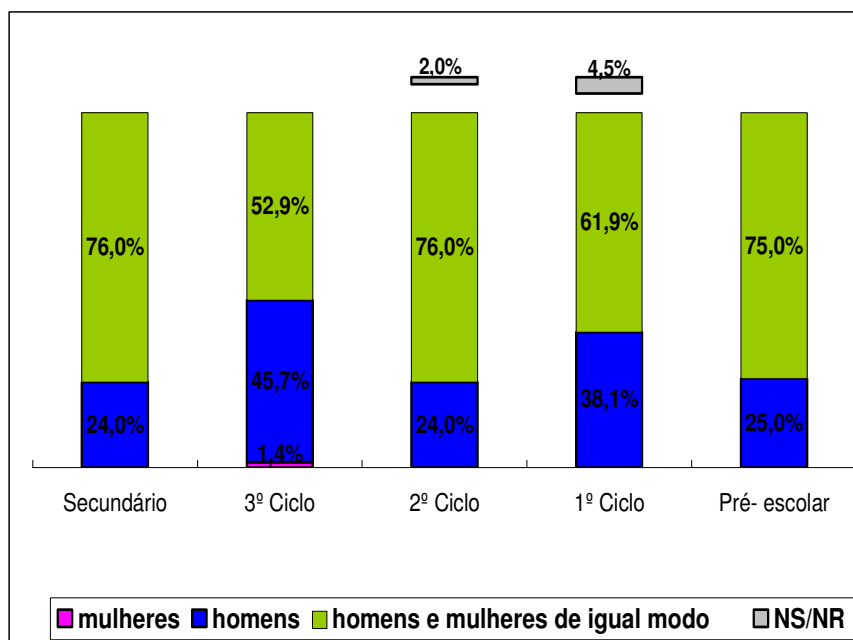


GRÁFICO N.º 58: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO COM QUEM MAIS UTILIZA AS TIC

A maioria das docentes, independentemente do nível de ensino que lecciona, considera, que homens e mulheres utilizam de igual modo as TIC. Contudo, 45,7% das docentes do 3º ciclo, considera ser os homens e 1,4%, as mulheres.

**7.3.4.6. QUESTÃO 5 – NÍVEL DE ENSINO COM A QUESTÃO 13.1. – AFIRMAÇÕES...**

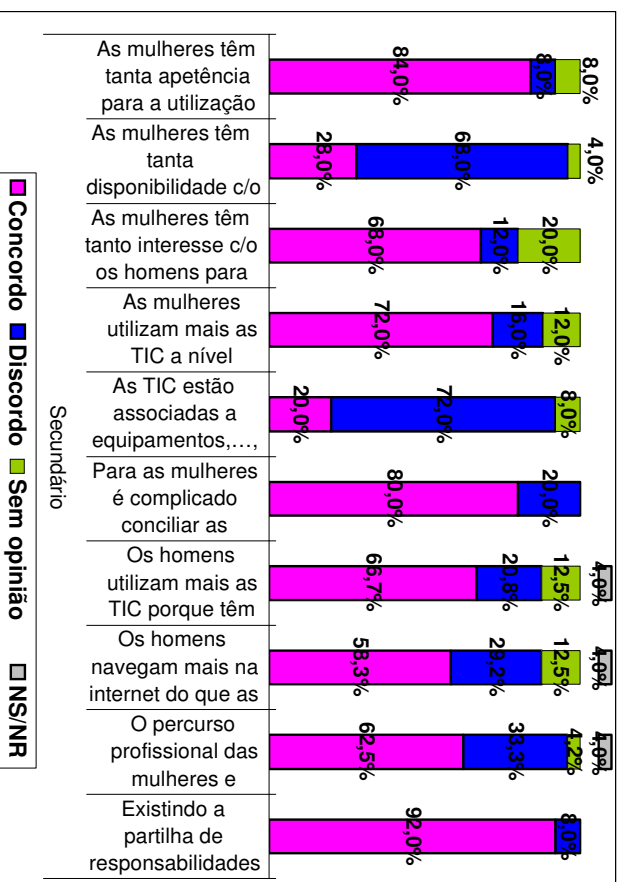


GRÁFICO N.º 59: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO (SECUNDÁRIO) COM AFIRMAÇÕES...

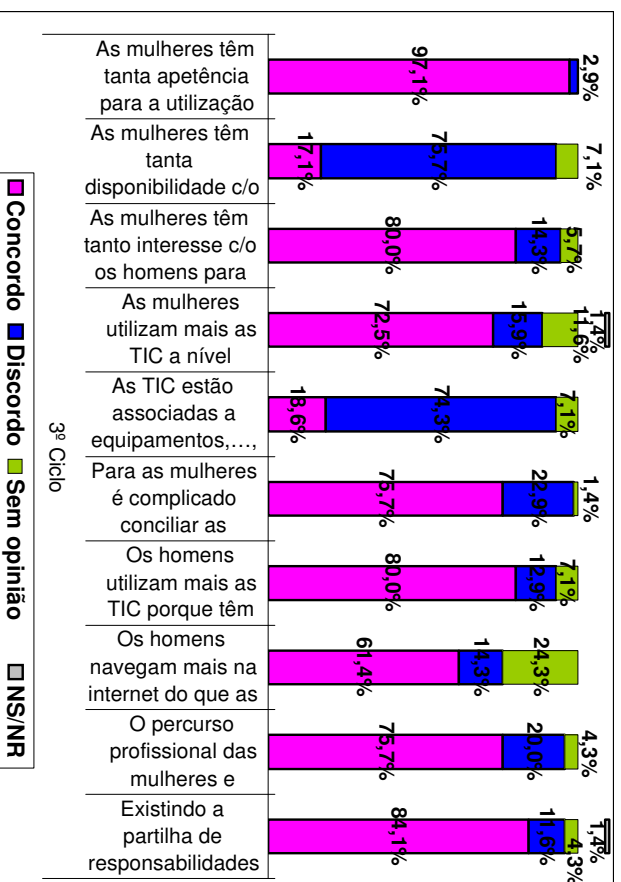


GRÁFICO N.º 60: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO (3º CICLO) COM AFIRMAÇÕES...

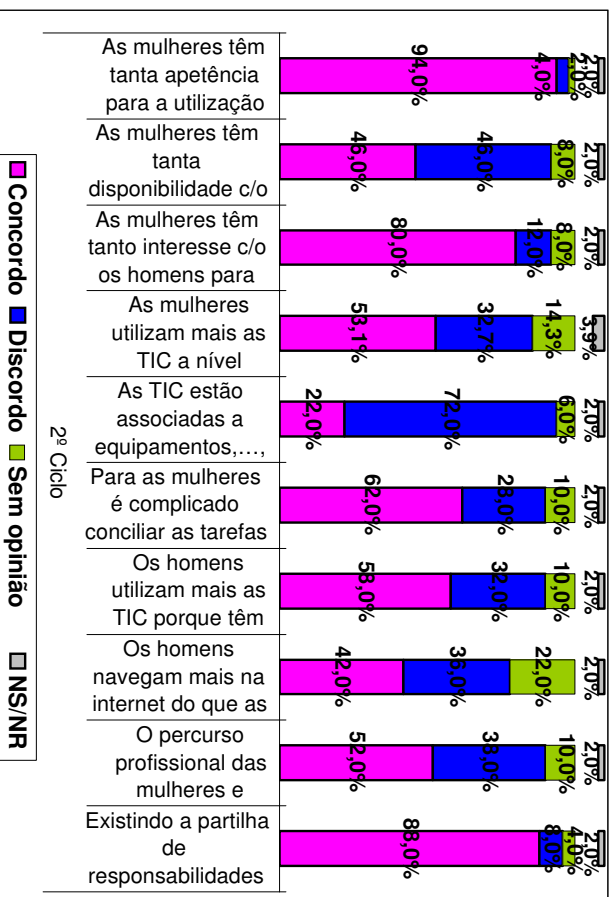


GRÁFICO N.º 61: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO (2º CICLO) COM AFIRMAÇÕES...

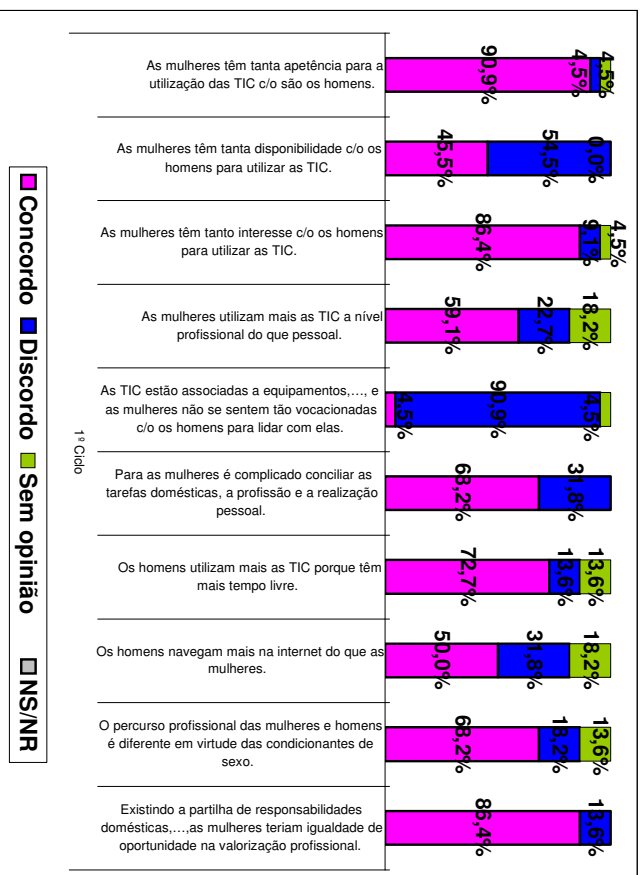


GRÁFICO N.º 62: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO (1º CICLO) COM AFIRMAÇÕES...

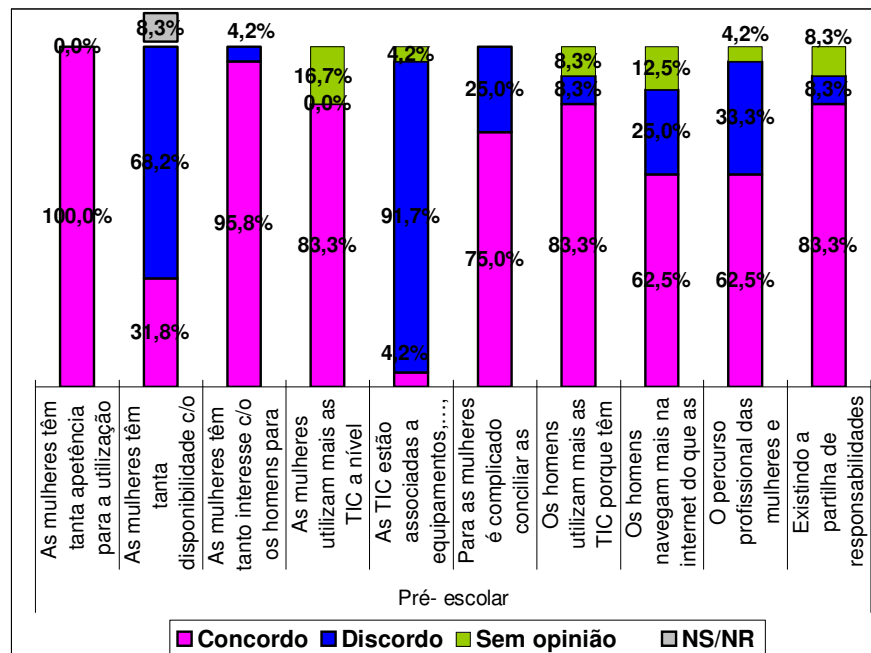


GRÁFICO N.º 63: CRUZAMENTO DE NÍVEL DE ENSINO (PRÉ ESCOLAR) COM AFIRMAÇÕES...

Independentemente do nível de ensino leccionado, todas as docentes concordam com a primeira afirmação numa média de 93,2%.

No que respeita à segunda afirmação, a maioria das docentes, discorda que as mulheres tenham tanta disponibilidade como os homens, para usar as TIC. Aqui, a média não é tão elevada, e no 2º ciclo, 46,6%, das docentes concordam, e igual percentagem, discorda.

Todas as docentes concordam com a terceira afirmação.

Em relação à quarta, o nível de ensino não interfere na opinião, a maioria das docentes, concorda que as mulheres utilizam mais as TIC a nível profissional.

A média de docentes que discorda da quinta afirmação (independentemente do nível de ensino), é de 80,18%.

Relativamente às três questões seguintes, existe concordância por parte de todas as docentes, sendo que em menor grau pelas docentes do 2º ciclo.

Também as duas últimas afirmações, têm a aprovação de todas as docentes, independentemente do nível de ensino em que trabalham, no entanto, verifica-se maior índice de percentagem na última.

### 7.3.5. CRUZAMENTO ENTRE A QUESTÃO 8.2. – FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO E OUTRAS VARIÁVEIS DE ESTUDO

#### 7.3.5.1. QUESTÃO 8.2. – FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO COM A QUESTÃO

##### 13.1. – AFIRMAÇÕES...

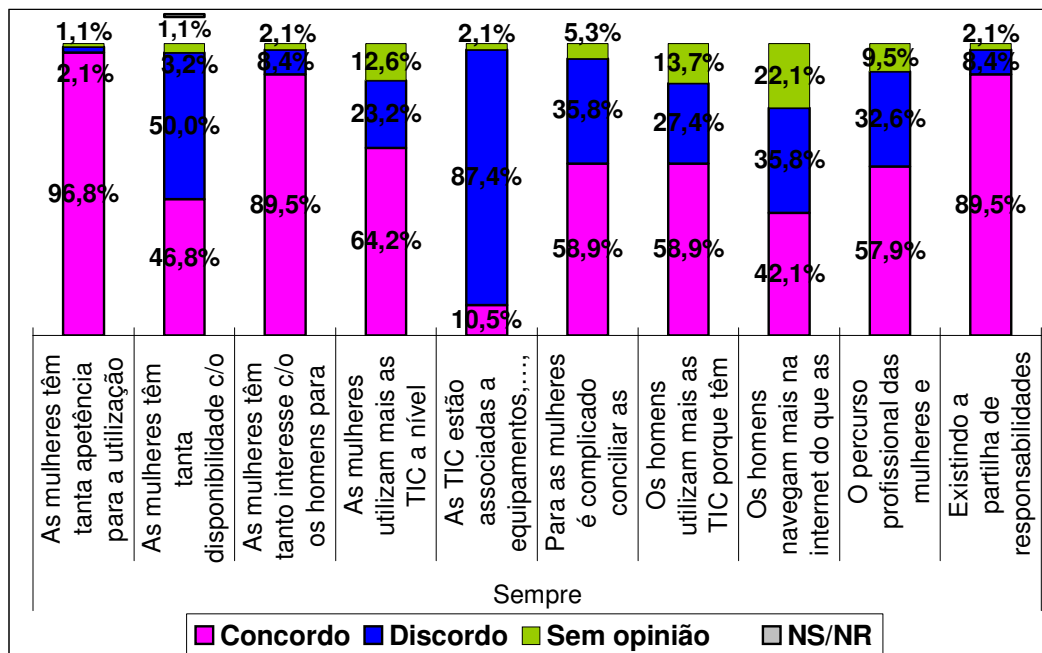


GRÁFICO N.º 64: CRUZAMENTO DE FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO (SEMPRE), COM AFIRMAÇÕES...

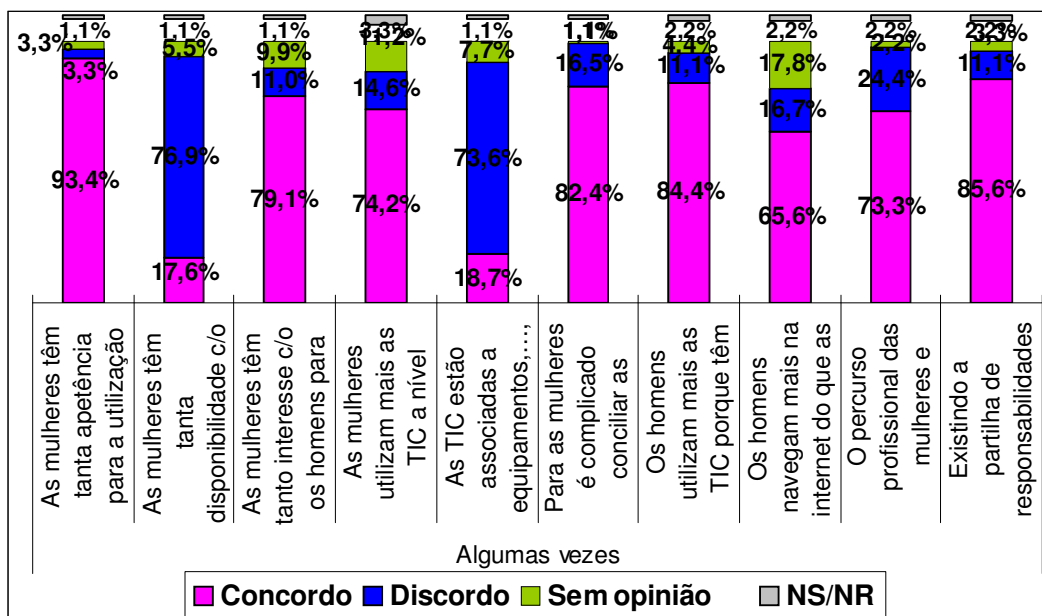


GRÁFICO N.º 65: CRUZAMENTO DE FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO (ALGUMAS VEZES), COM AFIRMAÇÕES...

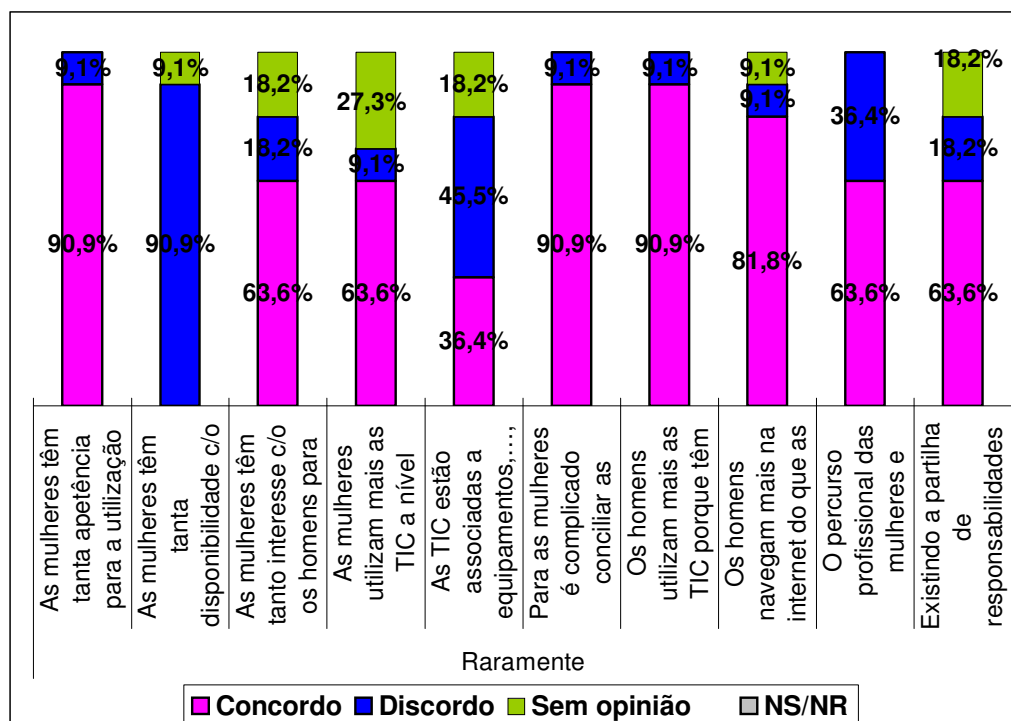


GRÁFICO N.º 66: CRUZAMENTO DE FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO (RARAMENTE), COM AFIRMAÇÕES...

Em relação à primeira afirmação, todas as docentes concordam, na ordem dos 90%, que as mulheres, têm tanta apetência como os homens para as TIC.

Na segunda afirmação, as docentes discordam, mas quem usa sempre, discorda em menor percentagem. Assim, das professoras que raramente usam o computador, 90,9 %, discorda que as mulheres tenham tanta disponibilidade como os homens, para usar as TIC. Possivelmente esta opinião, justifica a menor utilização.

No que respeita à terceira afirmação, verifica-se que as docentes que menos usam, menos consideram que as mulheres tenham tanto interesse pelas TIC, como os homens.

Quando se afirma que as TIC estão associadas a equipamentos e, as mulheres não se sentem tão vocacionadas para lidar com elas, quem usa sempre, não concorda, 87,4%, quem usa algumas vezes, também não, 73,6%, mas quem raramente usa, 45,5%, discorda. Também nesta questão se verifica a relação, menor utilização, menor discordância.

Na afirmação, para as mulheres é complicado..., é possível igualmente verificar a existência de uma relação. Quem usa sempre, concorda, mas em menor grau, 58,9%, 82,4%, de quem usa algumas vezes, também concorda, e 90,9%, das docentes que raramente usam o computador, concordam. Estes valores, poderão ser justificativos da frequência de utilização.

Nas duas questões seguintes, verifica-se uma relação/justificação. 58,9%, das que usam sempre, 84,4% das que usam algumas vezes, e 90,9%, das que raramente usam o computador, consideram, que os homens utilizam mais as TIC porque têm mais tempo livre.

Obtêm-se os mesmos resultados na questão seguinte, 42,1%, das que usam sempre, 65,6%, das que usam algumas vezes, e 81,8%, das que raramente usam, são da opinião, que os homens navegam mais na Internet, porque têm mais tempo livre.

Na última afirmação, 89,5%, de quem usa sempre, 85,6%, de quem usa algumas vezes, e 63,6%, de quem raramente usa, concorda com a afirmação.

## CAPÍTULO 8 - CONCLUSÃO

Considerando motivações e anseios decorrentes do sistema educativo actual, a realização desta investigação visou abordar a problemática de “algum” desinteresse das professoras em comungar da inovação, e reflectir sobre possíveis causas justificadoras de tal situação.

Tendo inicialmente reunido indicadores, que apontam as mulheres (e até as docentes), como pouco utilizadoras e como tendo mais atitudes negativas, face às TIC, constatou-se, que esta situação para além de ter implicações transversais ao nível do processo ensino aprendizagem, instigam a que se efectue uma avaliação crítica pouco abonatória, do desempenho e actualização profissional da própria mulher e professora.

Este estudo permitiu retirar algumas conclusões das quais se destaca:

- Actualmente, uma grande maioria de professoras investe em equipamento informático.
- Apesar de em número pouco elevado, ainda há professoras que não utilizam o computador.
- O processamento de texto é a aplicação mais frequentemente utilizada pelas docentes.
- Um número significativo de professoras pesquisa na Internet e utiliza o e-mail mas não uma maioria.
- O computador é mais utilizado pelas professoras para elaborar fichas e preparar aulas.
- O computador em interacção directa com alunos em contexto disciplinar é ainda pouco utilizado pelas docentes.
- A não utilização do computador, é justificada pela falta de prática, associada a falta de disponibilidade, tempo.
- Se as professoras tivessem mais tempo investiam mais na formação em TIC, para depois poder utiliza-las em contexto pedagógico.
- A pesquisa na Internet não é suficientemente motivadora para que as professoras invistam mais do seu tempo disponível.

- As professoras consideram, que homens e mulheres utilizam as TIC de igual modo, mas uma grande percentagem, ainda considera ser os homens quem o faz.
- É unânime a opinião que as mulheres e homens possuem a mesma apetência e interesse pelas TIC, mas uma grande percentagem de docentes, considera que as mulheres não têm tanta disponibilidade para as utilizar, como os homens.
- As docentes afirmam que as mulheres utilizam mais as TIC a nível profissional, do que pessoal.
- É opinião das professoras que as mulheres têm pouca disponibilidade para pesquisa na Internet.
- Segundo a amostra, não é a falta de formação que justifica a pouca utilização das TIC pelas mulheres.
- A amostra considera que os homens navegam mais na Internet do que as mulheres.
- É opinião das docentes, que os homens utilizam mais as TIC, porque têm mais tempo livre.
- Nas camadas mais jovens as TIC são igualmente utilizadas por homens e mulheres.
- A maioria das docentes considera, que as exigências profissionais são iguais para homens e mulheres, no entanto, também afirmam, que o percurso profissional é diferente para cada sexo, em virtude das condicionantes, maternidade e conciliação da vida familiar.
- Todas as docentes destacam, que existindo partilha de responsabilidades domésticas, e acesso a formação em horários adequados às suas necessidades, as mulheres, teriam igualdade de oportunidades na valorização profissional.
- O tempo despendido no computador por semana está inversamente relacionado com a idade. As professoras mais novas utilizam mais e despendem mais tempo no computador.
- Também a pesquisa na Internet é mais efectuada pelas docentes mais jovens.
- São também as professoras mais jovens quem mais utilizam o *e-mail*.
- Todas as docentes, com ou sem filhos, concordam que as mulheres têm interesse e apetência para utilizar as TIC.
- Quem não tem filhos, despende mais tempo no computador, do que quem tem.
- Quem não tem filhos, utiliza mais o computador do que quem tem.

- Quem não tem filhos, pesquisa mais na Internet do que quem tem.
- Quem não tem filhos, utiliza mais do que quem não tem, o computador para comunicar.

É notório que este resultado, está relacionado com o facto de que ter filhos condiciona a disponibilidade da mãe, quer em termos profissionais quer pessoais.

- A maioria das professoras que tem filhos, possui a opinião, que são os homens quem mais utiliza as TIC.

Também nesta questão, ter ou não filhos, determina o facto de as mulheres pensarem (ou verificarem?), que os homens usam mais as TIC.

- As mulheres que têm filhos, discordam que haja igualdade de oportunidades de homens e mulheres, para utilizar as TIC.
- As docentes com filhos, identificam-se mais do que as que não têm, com o facto de ser complicado conciliar as tarefas domésticas, a profissão e a realização pessoal.
- Já a partilha de responsabilidades domésticas é considerada muito importante por todas as docentes (com ou sem filhos), para que as mulheres tenham igualdade de oportunidades para valorização profissional.
- Em relação à estabilidade profissional, constata-se que quem mais utiliza e quem despende mais tempo com as TIC, são as estagiárias e as professoras contratadas.

O estágio ao nível do ensino, exige uma actualização de instrumentos e recursos pedagógicos, para auxiliar e dinamizar a leccionação, de forma a motivar os alunos e diversificar as aprendizagens. Assim, as futuras professoras, utilizam com elevada frequência as TIC. As professoras contratadas são também professoras recém formadas, não estão “acomodadas” e ainda têm bem presente a formação inicial.

- A frequência de utilização está também relacionada com a situação profissional, as professoras que menos usam as TIC, são as que pertencem ao quadro.

Estes resultados, para além de poderem estar relacionados com idade (as mais jovens possuem mais apetência, disponibilidade e possivelmente não estarão tão resistentes à mudança), poderão também, estar associados a um acomodar de desempenho profissional, em que a inovação exige motivação, e acima de tudo, disponibilidade das professoras do quadro.

- Quanto maior estabilidade profissional, mais docentes partilham a ideia, que as mulheres utilizam menos as TIC do que os homens.
- As docentes do quadro, consideram que as mulheres não têm tanta disponibilidade, para utilizar as TIC como os homens.
- No que respeita ao nível de ensino, a frequência de utilização do computador é maior no 1º ciclo, à semelhança do que é concluído no estudo de Jacinta Paiva, (2002b), p. 112.
- Quem raramente usa o computador, considera que as mulheres não têm tanta disponibilidade como os homens para o fazer.
- As docentes que menos usam o computador, não deixam de afirmar, que as mulheres têm tanto interesse como os homens na utilização das TIC.
- Quem utiliza menos as TIC, considera que estas estão associadas a máquinas e as mulheres não se sentem tão vocacionadas como os homens para lidar com elas.
- As docentes que menos utilizam as TIC, mais consideram que os homens as exploram mais porque têm mais tempo livre.

Este estudo permitiu constatar algumas das justificativas para uma menor utilização das TIC por parte das mulheres.

Essa menor utilização relativamente ao género masculino, não estará no caso do ensino, associada à falta de apetência, à falta de inovação, à falta de formação ou até à falta de equipamento. Não seria correcto considerar as docentes pouco profissionais ou inovadoras, pois a grande maioria vive uma difícil conjugação entre a vida profissional e familiar. Também a tradição portuguesa (apesar de alguma mudança), define o trabalho doméstico ou apoio familiar, como sendo obrigação feminina.

Contudo, persistem algumas dúvidas que não terão tanta relação com o género: será que os professores depois de se formarem não sentem necessidade de fazerem o que faziam antes?

## 8.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Como mudar?

Para mudar a atitude e desempenho da mulher a nível profissional são necessárias várias medidas.

De acordo com Glória Rebelo (2005), é preciso reforçar uma efectiva política de emprego baseada na igualdade de oportunidades e de género que suscite a mudança de valores culturais nesta matéria e contrarie a já referida tendência para a segmentação profissional nas organizações.

De sublinhar que a conciliação entre a vida pessoal e as exigências profissionais não depende somente das soluções ao nível do próprio local e/ou tempo de trabalho.

Passa sobretudo por entre homem e mulher delegar responsabilidades, partilhar tarefas e trabalhar em equipa... A mulher portuguesa ambiciona ser uma “super mulher.” Porém, a dupla jornada laboral a que se submete... conduz a um *stress* considerável, pelas exigências da carreira, pela sobreposição de papéis, pelos valores socialmente interiorizados (Ibidem).

Na opinião de Irina Marcelino e Raquel Carvalho (2005, p.1):

“Harmonia entre trabalho e família pode ser uma mais valia para a empresa e para os seus empregados que se tornam assim mais felizes. ... A nível Europeu, são poucos os países atentos, apesar de na “Alemanha e na Áustria já existirem certificados para empresas que sigam as regras do familiarmente responsável (coordenação da vida profissional com a vida familiar e pessoal.”

O II Plano Nacional para a Igualdade 2003-2006 (CIDM., 2004b, p.6) defende que:

“As mulheres não podem ser alvo de pressões cruzadas da vida familiar e profissional, da mesma forma que os homens não podem ser excluídos do seu papel de pais...Para tanto, só parece existir um caminho: o da conciliação entre a vida familiar e profissional e o da partilha das tarefas familiares e domésticas.”

A promoção de acções de formação profissional qualificante em horário laboral, com reduzida carga horária inicial que pode aumentar de forma gradual ao longo da formação, a garantia de iguais possibilidades de conciliação entre a actividade familiar e

a profissional permitirá uma melhor execução da actividade logo, um maior empenhamento e profissionalismo por parte das mulheres.

Além de todos os aspectos já referidos nesta curta reflexão, considera-se que para além dos investimentos estruturais e materiais e reforma dos sistemas educativos, para se adaptarem a utilização das TIC, a grande mudança deverá ser efectuada a nível do investimento na formação dos recursos humanos.

Mais do que o apetrechamento de escolas, a democratização da utilização das TIC passa por uma preparação adequada de professores e alunos.

O aluno já não aceita o professor que permanece no seu “mundo gabinete”, ditando conteúdos, utilizando acetatos como forma vanguardista de informação.

As tecnologias de informação têm como risco o contribuir para a divisão da sociedade em dois grupos:

- uns com acesso aos benefícios da sociedade de informação e do conhecimento;
- e outros, excluídos dessa oportunidade em consequência de não poderem utilizar (por não terem os conhecimentos necessários, abertura cultural, recursos ou simplesmente motivação), essas tecnologias.

A sociedade de informação, por um lado, valoriza o factor humano ao transformar o conhecimento e a informação em capital, mas por outro, desqualifica os analfabetos das tecnologias. O analfabeto funcional terá enorme desvantagem na competição ao nível de emprego e cidadania. Os professores enquanto intérpretes e co-responsáveis na implementação de novas competências não deverão deixar de reflectir sobre as suas próprias atitudes, práticas, receios e motivações.

Além disso, as TIC não merecem ataques desencadeados por alguns que confundem o mau uso que delas se faz: (...) podemos considerar que, tal como os maus livros foram e vão sendo afastados, deixando e consolidando aqueles que representam a nossa cultura, também os Websites de qualidade sobreviverão, (GRILO, M., 2002), com as suas virtudes e capacidades, no entanto, só não provocam a mudança, o que é fundamental é existir motivação para alterar hábitos de giz...

As mulheres docentes dão-se conta que a margem de manobra para conciliar maternidade, carreira e valorização profissional é bastante reduzida.

Considera-se ainda que numa época em que a Europa se sente cada vez mais envelhecida, a maternidade deveria constituir um impulso ao desenvolvimento das sociedades.

Assim, pretende-se destacar o novo feminismo (Matlály, 2002), isto é as mulheres de hoje estão dispostas a exercer a sua influência não só na esfera privada, mas também, e cada vez mais no âmbito profissional e na vida pública contrariamente ao movimento feminista, que considerava a maternidade uma coisa insignificante, negligenciando assim o objectivo fundamental de uma boa vida familiar com uma carreira profissional das mulheres.

O trabalho nunca acaba; por isso é necessário estabelecer limites e tomar decisões sobre a maneira como se emprega o tempo.

E no que respeita à educação de acordo com Janne Matlály (2002, p.149):

“Ouvimos muitas vezes falar do “tempo com qualidade”: os pais atarefados passam algum tempo de qualidade com os filhos, presumivelmente por oposição aos que gastam com as crianças um longo tempo aborrecido e “sem qualidade”.

Não existe “um tempo de qualidade” com os filhos. A frase deve ter sido inventada por algum pai espertalhão divorciado ou viciado em trabalho, para apaziguar uma consciência atormentada. Aquilo que distingue o “tempo de qualidade” do tempo normal que passo com os meus filhos é o que me vai na cabeça, a tensão ou a irritação, que podem fazer com que o tempo perca “qualidade.”

Defende-se a perspectiva de género mas, com os limites da própria natureza tal como sugere Jutta Burggraf (2007, p.6):

“ (...) o conceito de perspectiva de igualdade de género (gender), se esta igualdade inclui o direito a ser diferente. (...) defende o direito à diferença entre homens e mulheres e promove a corresponsabilidade no trabalho e na família, não deve confundir-se com o pensamento radical defendido no início, que ignora a diversidade natural de ambos os sexos.”

Tendo sido elaborada num momento específico, esta investigação necessita por isso de uma permanente actualização, sobretudo no que refere à informação nela contida.

Muitas das conclusões aqui apresentadas poderão futuramente ser de novo questionadas com inquéritos ainda mais pormenorizados sendo que seria aliciente efectuar este estudo num âmbito mais alargado.

## BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Bryan. (2006). Web 2.0 – A New Wave of Innovation for Teaching and Learning? In. *EDUCAUSE review*. Março/Abril 2006, p.33-44.

ALVAREZ, Teresa. (2006). Género e Tecnologia. A Utilização das TIC por raparigas e por rapazes na escola e na família In. *CIDM Publicações Recebidas* p.4. [em linha].[consultado 12 Março 2007]. Disponível na Internet:  
<http://www.cidm.pt/noticias/69/publicacoes.html>

ALVES, J.A.; CAMPOS, P.; BRITO, P.Q. (1999). *O Futuro da Internet*, Ed. Centro Atlântico.

ANEFA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Ministério do Trabalho e Solidariedade, Cursos Educação e Formação de Adultos*. 4ª ed. ME.

BARBOSA, J. (2005). Empresa e Família são Re-Conciliáveis? In. *Notícias Mulheres em Acção*[em linha].[consultado 4 Maio 2006].

Disponível na Internet:

<File://G:Mulheres%20em%acção.org\empresas%20e%20família.htm>

BURGGRAF, Jutta, (2007).Sexo y Género In. [www.nuevarevista.com,2007-03-23](http://www.nuevarevista.com,2007-03-23) [em linha].[consultado 10 Abril 2007].

Disponível na Internet:

<File://F:Mujer> Humanizadora de la Sociedad\_Nuevo Feminismo.htm

CARDANA, I. (2005). *Electrotecnia e Informática: Dinâmicas de Género em Ciência e Tecnologia*. Revista de Antropologia Experimental. Ano 2005. n.º 5.Texto 14. [em linha].[consultado 7 Novembro 2005]. Disponível na Internet:

<http://www.ujen.es/huesped/era/articulos2005>

CARDOSO, E.; PIMENTA, Pedro; PERREIRA, Duarte (2003). Papel das Tecnologias de Informação e Comunicação no Desenvolvimento do Ensino Superior – Necessidades e Objectivos In *Challenges 2003- Actas da III Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, 5º Simpósio Internacional em Informática Educativa*. (Orgs.) Paulo Dias, Cândido Varelas de Freitas. Ed. Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho. p.15-23.

CARMELO, R. (2002). Prefácio In GRILO, M., (2002). *Desafios da Educação – Ideias para uma Política Educativa no Século XXI*. 1ª ed. Ed. Oficina do Livro.

CARNEIRO, Roberto (2001). *Fundamentos de Educação e Aprendizagem. 21 Ensaio para o Século 21*. 2ª edição, Editora Manuel Leitão.

CARNEIRO, Roberto [et.al.] (2006) Apresentação. In *A Sociedade de Informação em Portugal*. Instituto Nacional de Estatística/Umic- Agência para a Sociedade do Conhecimento. Publicação electrónica .[em linha].[consultado 18 Dezembro 2006]. Disponível na Internet:

<http://www.umic.pt>

CARRAPIÇO, Fernando. (2006) Navegar na Net Sem Medos uma questão de incentivo à cultura de segurança. In [Segur@net](mailto:Segur@net) *Internet Segura*.ME-CRIE[em linha].[consultado 7 Fevereiro 2007]. Disponível na Internet:

[info@crie.min-edu.pt](mailto:info@crie.min-edu.pt) [www.seguranet.min-edu.pt](http://www.seguranet.min-edu.pt)

CIDM - COMISSÃO PARA A IGUALDADE E DIREITOS DAS MULHERES PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS (2001). *Portugal Situação das Mulheres 2001*. 16ª ed. Edições CIDM.

CIDM. (2004a). *A Igualdade de Género em Portugal 2003*. Edições CIDM.

CIDM. (2004b). *II Plano Nacional para a Igualdade 2003 - 2006*. Edições CIDM.

CIDM. (2006). Género e *Educação*. [em linha].[consultado 2 Abril 2007].

Disponível na Internet:

<http://cidm.madbug.com/UserFiles/File/EDUCACAO.pdf>

CITE- COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO (2004). *Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego- Evolução Recente, alguns indicadores*. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.

CRIE – EQUIPA DE MISSÃO, COMPUTADORES, REDES E INTERNET NA ESCOLA, (2006). ME.[em linha].[consultado 10 Maio 2006]. Disponível na Internet:

[www.crie.min-edu.pt](http://www.crie.min-edu.pt)

CUNHA, Fernando; PAIVA, João (2003). A Utilização de Fóruns em Contexto de Ensino/aprendizagem. In *Challenges 2003- Actas da III Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, 5º Simpósio Internacional em Informática Educativa*. (Orgs.) Paulo Dias, Cândido Varelas de Freitas. Ed. Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho. p. 25-48.

DALVI, Maria; [et.al.] (2003). Formar Professores no Contexto da Cultura Digital In *Challenges 2003- Actas da III Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, 5º Simpósio Internacional em Informática Educativa*. (orgs.). Paulo Dias, Cândido Varelas de Freitas, Ed. Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho. p.469-486.

DGRHE. (2005)- *Concurso de Docentes 2005/2006*. [em linha].[consultado 14 Fevereiro 2005]. Disponível na Internet:

[www.dgrhe.min-edu.pt](http://www.dgrhe.min-edu.pt)

DIAS, P.; FREITAS, C.V. (1999). (orgs.) *Desafios'99- Actas da I Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*, Centro de Competência Nónio séc. XXI da Universidade do Minho.

DIOGO, F. (1998). (Dir.) *Professores e Ensino num Mundo em Mudança*- Relatório Mundial de Educação - UNESCO. 1ª ed. Ed. Asa.

DUARTE, Inês; [et.al.] (2003). O IRC como nova Situação de uso da Língua: Implicações Educativas. In *Challenges 2003- Actas da III Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, 5º Simpósio Internacional em Informática Educativa*. (orgs.). Paulo Dias, Cândido Varelas de Freitas. Ed. Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho. p.25-48.

ESTRELA,A.; FERREIRA, J. (2001). *Tecnologias em Educação Estudos e Investigações- X Colóquio*. Universidade de Lisboa. Association Francophone Internationale de Recherche Scientifique en Educacion.

EUROPEAN COMMISSION. (2003). *She Figures : Women and Science Statistics and Indicators*. (Directorate-General for Research: Science and Society). Luxembourg: Office for Official Publications of European Communities.

FERNANDES, A. J. (1995). *Métodos e Regras para a Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*. 2ª ed. Ed. Porto Editora.

FERREIRA, F. T. (1995). *As Novas Tecnologias (Da) na (In) Formação*. Ed. Porto Editora.

GAAIRES. (2007). Recomendações para a Reforma do Ensino Secundário. In. *O Boletim dos Professores*. Março 2007. Ed. Ministério da Educação. p.12.

GAGO, M. (2005). Mulheres são a “chave” para aumentar recursos humanos na Ciência. In *Diário Económico, 22 de Março de 2005*. [em linha]. [consultado 22 Novembro 2005]. Disponível na Internet:

<http://www.gep.ist.utl.pt>

GARCIA, C.M. (1999). *Formação de Professores- Para uma Mudança Educativa*. Ed. Porto Editora.

GARCIA PELEGRIN, J. M. (2006). En Portada. Entrevista Ursula Von de Leyen. In *REVISTA MUNDO CRISTIANO* – Março 2006 N.º 539, p.12-17.

GIASE. (2007). *Números da Educação*[em linha].[consultado 7 Fevereiro 2007]. Disponível na Internet:

<http://www.giase.min-edu.pt/content03.asp?auxID=pubs-last&newsID=1104>.

GRILO, Marçal. (2002). *Desafios da Educação – Ideias para uma Política Educativa no Século XXI*. 1ª ed. Ed. Oficina do Livro.

INE. (2006). *Homens e Mulheres em Portugal – 2006*. (Publicação electrónica. PDF). Ed. INE. Portugal, Junho 2006.[em linha].[consultado 13 Março 2007]. Disponível na Internet:

<http://www.ine.pt>

INE. (2005a). *Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e da Comunicação- 2005*. [em linha].[consultado 17 Fevereiro 2006]. Disponível na Internet:

<http://www.ine.pt>

INE. (2005b). *Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e da Comunicação pelas Famílias - 2005*. Informação à Comunicação Social. [em linha].[consultado 17 Fevereiro 2006]. Disponível na Internet:

<http://www.ine.pt>

INE. (2004a). *Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e da Comunicação- 2003*. Informação à Comunicação Social. [em linha].[consultado 31 Janeiro 2005]. Disponível na Internet:

<http://www.ine.pt>

INE. (2004b). *Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e da Comunicação- 2004*. Informação à Comunicação Social. [em linha].[consultado 31 Janeiro 2005]. Disponível na Internet:

<http://www.ine.pt>

INE/ UMIC - AGÊNCIA PARA A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO (2006). *A Sociedade de Informação em Portugal 2006*. (Publicação electrónica. PDF).[em linha].[consultado 14 Dezembro 2006]. Disponível na Internet:

<http://www.umic.pt/UMIC/Sociedade da Informação 2006/>

LEITÃO, J.A. (2001). (coord.). *Cursos de Educação e Formação de Adultos – Orientações para a Acção*. 1ª ed. Anefa.

LEITÃO, J. (2005) *Os Professores e as TIC na Área Metropolitana do Porto*. Universidade Portucalense. Porto. (dissertação de mestrado policop.)

MAGALHÃES, L. [et.al.] (2006) Prefácio. In *A Sociedade de Informação em Portugal*. Instituto Nacional de Estatística/Umic- Agência para a Sociedade do Conhecimento. Publicação electrónica .[em linha].[consultado 18 Dezembro 2006]. Disponível na Internet:

<http://www.umic.pt>

MARCELINO, Irina; CARVALHO, Raquel. (2005). Empresa e Família são Re-Conciliáveis? Estudo garante ser possível o equilíbrio. In. *Notícias Mulheres em Acção*. [em linha].[consultado 4 Maio 2006].

Disponível na Internet:

File://G:\Mulheres%20em%acção.org\empresas%20e%20família.htm

MARQUES, R.; SKILBECK,M; ALVES,J.M.; STEEDMAN,H.; RANGEL,M.; PEDRÓ,F. (1998). *Na Sociedade de Informação- O que aprender na escola?*. 1ª ed. Col. Perspectivas Actuais/Educação. Editora Asa.

MATLÁRY, J. H. (2002). *Para um Novo Feminismo*. 1ª ed. Ed, Principia.

ME (2006). *Professores*. [em linha].[consultado 16 Junho 2006]. Disponível na Internet:

<http://www.professores.pt> file:///F:/estatística/Professores.htm

MSI. (1997). *Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal*, Ed. Missão Para a Sociedade de Informação. Ministério da Ciência e Tecnologia.

NÓNIO (2002). *Estratégias para a acção – As TIC na Educação*. Lisboa: Programa Nónio Século XXI, ME – DAPP.

OBSERVATÓRIO DA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO (2005). Nove em cada dez portugueses comunicam por mensagens escritas. *In Notícias 3 de Janeiro de 2005*. [em linha].[consultado 4 Maio 2006]. Disponível na Internet:

[http://www.UMICPOS\\_Conhecimento.file:///G:/estatística/mulheres.htm](http://www.UMICPOS_Conhecimento.file:///G:/estatística/mulheres.htm)

PAIVA, Jacinta (2002a). *As Tecnologias de Informação e Comunicação: Utilização pelos Professores*. 1ª ed. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento.

PAIVA, Jacinta. (2002b). *As Tecnologias de Informação e Comunicação: Utilização pelos Professores*. Complemento à versão disponibilizada em [http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/pdf/utilização\\_tic\\_profes.pdf](http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/pdf/utilização_tic_profes.pdf). Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento.

PERISTA, H. (Coord.); SILVA, A. (2006). *Guia para o Mainstreaming de Género na Actividade Profissional e na Vida Familiar*. Ed. Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres - Presidência do Conselho de Ministros.

PINTO, M.L.S. (2002) *Práticas Educativas para uma Sociedade Global*, 1ª ed. Ed. Asa.

PINTO, Teresa. (2007) É Menino ou Menina? *In. CIDM Publicações Recebidas* p.1-2. [em linha].[consultado 12 Março 2007]. Disponível na Internet:  
<http://www.cidm.pt/noticias/69/publicacoes.html>

PLANT, S. (2000). *As Mulheres e as Novas Tecnologias*, Editorial Bizâncio.

POEFDS - MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE (2001). *Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social (POEFDS)*, Ed. Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

PONTE, J.P. (2000). Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Professores: Que desafios? *In. TIC na Educação*. Revista Iberoamericana de Educación. n.º 24. p.1-19 [em linha].[consultado 29 Abril 2004]. Disponível na Internet:  
[http:// www.campus-oei.org/revista/rie-](http://www.campus-oei.org/revista/rie-)

PONTE, J.P. (1998). Novas Tecnologias, Novos Desafios para a Formação de Professores *In A Sociedade de Informação na Escola*. Ed. Conselho Nacional de Educação. Lisboa. p. 171- 176.

PONTE.J.P.; SERRAZINA, L. (1998). *As Novas Tecnologias na Formação Inicial de Professores*. Lisboa. Ed. Ministério da Educação.

POUTS-LAJUS, S.; RICHÉ-MAGNIER, M. (1998). *A Escola na Era da Internet*. Ed. Instituto Piaget.

QREN (2007). Proposta Programa Operacional Temático Potencial Humano 2007-2013 *In QREN Quadro de Referência Estratégico Nacional – Portugal 2007-2013*. [em linha].[consultado 16 Janeiro 2007]. Disponível na Internet:  
[http:// www.QREN.pt](http://www.QREN.pt)

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Ed. Gradiva.

RAMOS (2003). Novas Formas de Comunicação em Educação. *In Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação*, Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Pub. Semestral, nº2, Editorial Notícias, Janeiro, p. 141-151.

REBELO, GLÓRIA (2005). Uma Política do Género. *In Jornal de Notícias*, n.º 323, ano 117, 20 de Abril de 2005. p. 27.

RIBEIRO, M. J. S. B. (1999). *As Novas Tecnologias e a Formação de Professores de Matemática*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. (dissertação de mestrado policop.)

SHOBOKSHI. (2002). Comunicado de Imprensa do Departamento de Informação Pública da ONU de 18 de Junho de 2002. *In: Sessão da Assembleia Geral sobre Tecnologias da Informação e Comunicação em Prol do Desenvolvimento*. [em linha].[consultado 22 Outubro 2002]. Disponível na Internet:  
[www.onuportugal.pt](http://www.onuportugal.pt)

SOUSA, Sérgio (2001). *Tecnologias de Informação - O que são? Para que servem?* 3ªed. Editora de Informática FCA.

STILWELL, I. (2006). Guia de Sobrevivência *In. NOTÍCIAS MAGAZINE*, 17 de Setembro 2006.Ed. Jornal de Notícias, p.50-53.

TERCEIRO, J.B. (1997). *Sociedade Digital – do Homo Sapiens ao Homo Digitalis*. Ed. Relógio d'Água.

## ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA INQUIRIRÃO FEITA AOS PROFESSORES DA AMOSTRA

### QUESTIONÁRIO

As questões que se seguem são de resposta confidencial. Destinam-se a um estudo sobre a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelas professoras em diversos níveis de ensino. Pretende-se conhecer a sua opinião sobre as (eventuais) condicionantes da utilização das TIC pelas mulheres docentes, igualdade de oportunidades e a conciliação da vida familiar com a vida profissional. A sua colaboração é de grande utilidade. Por favor, responda com sinceridade. Não escreva o seu nome em parte alguma. O questionário é anónimo. Agradece-se desde já a sua colaboração.

(Tempo médio de preenchimento ± 5 minutos)

1. Idade \_\_\_\_\_
  
2. Estado civil?
  - Solteira
  - Casada
  - Separada/Divorciada
  - Viúva
  
3. Tem filhos?
  - Sim      Quantos? \_\_\_\_\_      Idades?  0 a 5 anos  
 5 a 10 anos  
 10 a 15 anos  
 15 a 18 anos  
 Mais de 18 anos
  - Não
  
4. Situação Profissional
  - Professora do Quadro de Escola
  - Professora do Quadro de Zona Pedagógica
  - Professora Contratada
  - Estagiária
  
5. Nível de Educação ou Ensino que lecciona (Assinale com x o que corresponde ao seu caso; se lecciona mais do que 1 ciclo, assinale aquele em que tem maior número de turmas.)
  - Secundário     3º Ciclo     2º ciclo     1º ciclo     Pré-escolar
  
6. Equipamento Informático que possui:
  - Computador
  - Impressora
  - Ligação à Internet

- Scanner*
- Gravador CD/DVD
- Não tenho Computador

7. Que tempo despende por semana no computador?

- Nenhum
- 0 a 3 horas
- 3 a 5 horas
- 5 a 10 horas
- Mais de 10 horas

8. Como define a sua relação com o computador?

8.1.  Não utilizo

8.2.  Utilizo

SEMPRE	ALGUMAS VEZES	RARAMENTE	NUNCA

8.2.1. De que modo?

	SEMPRE	ALGUMAS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
Uso para processar texto				
Utilizo para efectuar pesquisas na Internet relacionadas com os meus interesses				
Utilizo para efectuar compras				
Utilizo para ter acesso a notícias de última hora				
Utilizo para marcar viagens				
Utilizo para comunicar				
Recreativo/Jogos				

9. Utiliza a Internet?

	SEMPRE	ALGUMAS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
Em casa				
No trabalho				
Cibercafé				
Em centros comerciais				
Outros locais públicos				

10. Usa correio electrónico (*e-mail*)?

- Sim  
 Não    Porquê? \_\_\_\_\_

11. A nível profissional utiliza o computador?

- Sim             Não

11.1. Se respondeu afirmativamente, com que finalidade o faz? (numere de acordo com o grau de importância que atribui a cada item. 1 – Muito importante, 2, 3, 4, 5, 6, 7).

- Para preparar aulas (planificações, grelhas de avaliação, textos de apoio)  
 Para elaborar fichas/testes  
 Pesquisa na Internet de assuntos relacionados com a profissão  
 Para projecção (diapositivos powerpoint, filmes didácticos)  
 Para partilha de informação  
 Para interacção directa com os alunos em contexto disciplinar  
 Com os alunos em clubes, aulas de apoio

11.2. Em caso da resposta ser negativa, as razões que o justificam são?

- Falta de equipamento  
 Falta de tempo  
 Falta de motivação  
 Falta de prática por pouca disponibilidade

12. Se pudesse dedicava mais do seu tempo à utilização das TIC...: (numere do mais para o menos importante 1, 2, 3, 4, 5).

- ... para formação/enriquecimento pessoal  
 ... para descobrir possibilidades destas ferramentas  
 ... para utilizar em contexto pedagógico  
 ... para ajudar os alunos  
 ... para navegar na Internet

13. Em sua opinião quem mais utiliza as TIC são...

- ... mulheres  
 ... homens  
 ... homens e mulheres de igual modo

13.1. Face às seguintes afirmações expresse a sua opinião:

<b>AFIRMAÇÕES</b>	<b>CONCORDO</b>	<b>DISCORDO</b>	<b>SEM OPINIÃO</b>
As mulheres têm tanta apetência para a utilização das TIC como os homens.			
As mulheres têm tanta disponibilidade como os homens para utilizar as TIC.			
As mulheres têm tanto interesse como os homens na utilização das TIC.			
As mulheres utilizam mais as TIC a nível profissional do que pessoal.			
As mulheres têm pouca disponibilidade para fazer pesquisas na Internet.			
As mulheres utilizam pouco as TIC por falta de formação.			
As TIC estão associadas a equipamentos, máquinas, e as mulheres não se sentem tão vocacionadas como os homens para lidar com elas.			
Para as mulheres é complicado conciliar as tarefas domésticas, a profissão e a realização pessoal.			
Os homens utilizam mais as TIC porque têm mais tempo livre.			
Os homens navegam mais na Internet do que as mulheres.			
A tradição de uma educação que direccionava para humanidades as mulheres e engenharias os homens, apesar de estar a mudar ainda prevalece.			
Nas camadas mais jovens homens e mulheres utilizam as TIC de igual modo.			
As exigências profissionais são iguais para homens e mulheres.			
O percurso profissional das mulheres e homens é diferente em virtude das condicionantes de sexo (maternidade, conciliação com a vida familiar).			
Existindo a partilha de responsabilidades domésticas o acesso a formação em horários adequados às suas necessidades as mulheres teriam igualdade de oportunidades na valorização profissional.			

**Obrigada pela colaboração!**

